

The background of the cover is a detailed landscape painting. It depicts a majestic mountain range with steep, rocky cliffs. A waterfall cascades down a central part of the mountain into a calm lake. The sky is filled with soft, golden light, suggesting a sunrise or sunset. In the foreground, several deer are gathered on a grassy bank near the water's edge. A few birds are visible in flight near the bottom right corner. The overall mood is serene and majestic.

Max Lucado

O

A PLAUSSO

do CÉU

Max Lucado

O APLAUSO DO CÉU

UNITED PRESS

2009

A Stanley Shipp, meu pai na fé

Sumário

Prefácio

Antes de começar

1. Júbilo sagrado

Bem-aventurados...

2. Seu chamado

Vendo as multidões, subiu ao monte; e, tendo Ele se assentado...

3. O pobre enriquecido

Bem-aventurados os humildes de espírito...

4. O reino do absurdo

...porque deles é o reino dos céus.

5. A prisão do orgulho

Bem-aventurados os que choram...

6. Toques de ternura

...porque eles serão consolados.

7. A glória do comum

Bem-aventurados os mansos...

8. O ladrão da alegria

...porque eles herdarão a terra.

9. A sede satisfeita

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça...

10. A vida em uma piscina de bolinhas

...porque eles serão fartos.

11. A imagem do pai na face do inimigo

Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia.

12. O estado do coração

Bem-aventurados os limpos de coração...

13. Lindo palácio, mas nenhum rei

...porque eles verão Deus.

14. Sementes de paz

Bem-aventurados os pacificadores...

15. O pau-de-sebo do poder

...porque eles serão chamados filhos de Deus.

16. O calabouço da dúvida

Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça...

17. O reino pelo qual vale a pena morrer

...porque deles é o reino dos céus.

18. O aplauso do céu

Alegrai-vos e exultai-vos, porque é grande o vosso galardão...

Prefácio

Deus profere todas as grandes palavras para nossa vida. No entanto, as pequenas palavras ditas por seus servos podem tornar o que Deus diz em música para o nosso coração. Max Lucado é um raro e bem-vindo talento dedicado ao Verbo que se fez carne, um hábil artesão das pequenas palavras, que sabe apresentar de forma melodiosa e bela a Palavra de Deus.

Descobri Lucado quando casualmente encontrei seu livro *No Wonder They Call Him Savior* (Não É de Admirar Que O Chamem de Salvador) na prateleira de uma livraria. Nada mais foi casual depois que aquela primeira linha prendeu minha atenção. Lucado tornou-se famoso por duas razões: ele ama a Cristo e às pessoas ao seu redor. Esse duplo amor consegue chamar nossa atenção e nos desafia a segui-lo de perto para ver aonde seus parágrafos nos conduzem.

Por amar seu Senhor, Max Lucado deixou de lado o usual e confuso jargão eclesiástico. Para Lucado, Jesus não é um nome comum para ser monotonamente teologizado. Ao contrário, toda relação sagrada é gloriosa, e somente deve ser expressa por meio da melhor e mais criativa linguagem. Quando palavras comuns não dão conta de transmitir o que quer expressar, aqui está como nos desafia a conhecer a Cristo:

"O júbilo sagrado resulta de obstinada alegria", diz ele.

"Se você tem tempo para ler este capítulo, provavelmente não precise fazê-lo"; ele chama a atenção dos que se acham ocupados demais para se preocuparem com assuntos espirituais.

Ao longo do livro, o autor revela sua sabedoria: "Mostre a um homem suas falhas sem apresentar-lhe Jesus, e ele acabará caído em uma sarjeta. Apresente a um homem a religião sem levá-lo a reconhecer a imundície do pecado, e o resultado será alguém de ótima aparência, mas cheio de arrogância."

Ele adverte ao orgulhoso que o encontro com Cristo exige uma atitude semelhante àquela necessária para entrar no santuário hoje existente no local onde Ele nasceu: "A porta é tão baixa que não se pode entrar em pé."

Ele adverte ao rancoroso: "O ódio é como um cão raivoso que se volta contra o próprio dono."

Este livro apresenta as bem-aventuranças, que constituem a introdução ao Sermão do Monte, por meio de metáforas da vida cotidiana. Assim, você encontrará Cristo mesmo ao deparar-se com o *Exxon Valdez*, como naquela noite tenebrosa de março de 1989, quando ele derramou seu venenoso óleo cru em Bligh Reef, no Alasca. Você encontrará o Cristo da comunhão ao conhecer Gayaney Petroysan, uma armeniana de quatro anos de idade, que pediu o sangue de sua mãe para viver. Muitos grandes heróis da Bíblia aparecem neste livro para tornar real a apresentação do grande Sermão do Monte proferido por Jesus.

Max e eu somos amigos. Tomei a iniciativa e admito que a idéia dessa amizade foi minha. Mas confesso que gostaria de conhecer a Cristo como Max conhece. Eu queria sentir a brisa suave que soprou sobre a cruz como ele sente. Eu queria me prostrar diante de Cristo como Tomé e clamar "Meu Senhor e meu Deus" como ele faz. Eu preciso de Max para me ensinar sobre obediência e necessidades espirituais.

Leia este livro num lugar tranquilo e sentirá a mão de Cristo tocar de leve seu ombro. Não tenha medo do sentimento que a proximidade de Cristo lhe trará, mas prossiga na leitura. Então você verá, por experiência, que Lucado caminha pela sublime região da Galiléia do coração.

Calvin Miller

Antes de Começar

Foi tão difícil escolher o título deste livro quanto foi escrevê-lo. Fizemos listas e mais listas de opções. Dezenas de títulos foram sugeridos e dezenas foram descartados. Carol Bartley, Dave Moberg, Kip Jordon e outros da Editora Word Publishing dedicaram horas e horas em busca de algo apropriado, capaz de descrever o conteúdo do livro.

Para mim, o título *O Aplauso do Céu* pareceu ser a opção mais adequada ao ouvir Carol ler parte dos originais para alguns executivos da editora. Ela leu o trecho que fala da nossa jornada final para a cidade de Deus, relatando pensamentos que escrevi sobre o anseio do Pai em receber seus filhos no lar celestial e sobre como Ele nos saúda, e até nos aplaude, quando passamos pelos portões do céu.

Ao terminar a leitura desse trecho do livro, Carol notou que um dos homens enxugava lágrimas dos olhos. Ele explicou sua emoção, dizendo: "Para mim, é difícil imaginar que Deus possa me aplaudir."

Percebeu? Consigo imaginar apenas certas coisas a respeito de Deus. Visualizo Deus criando o mundo e colocando as estrelas no firmamento. Imagino o Deus Todo-Poderoso tendo tudo

sob controle. Posso pensar em um Deus que me conhece, que me criou, e até mesmo em um Deus que me ouve. Mas um Deus que me ama? Um Deus que é apaixonado por mim? Um Deus que me aplaude?

Essa é a mensagem da Bíblia! Nosso Pai busca incansavelmente os seus filhos. Ele nos chama ao lar por meio da sua Palavra, pavimentou o caminho com seu sangue e está ansioso por nossa chegada ao céu.

O amor de Deus por seus filhos é a mensagem da Bíblia. E esta é a mensagem deste livro.

Permita-me expressar minha gratidão aos queridos amigos que tornaram possível a realização deste projeto.

Primeiro, a Calvin Miller. Em 1977, um amigo me deu um livro chamado *The Singer* (O Cantor) e pediu-me que o lesse. Li o livro várias vezes. Fiquei encantado! Nunca havia visto tanta habilidade no uso das palavras e tanta paixão. Ainda hoje, tenho esse livro em minha estante. É todo marcado, gasto pelo tempo e até mesmo manchado de café... Mas nunca me desfiz dele.

Por meio desse livro, Calvin Miller me conduziu a um novo modo de escrever - uma combinação frutífera de fé e criatividade.

Obrigado, Calvin, por tudo o que você tem significado para milhares de leitores nas duas últimas décadas. Obrigado por esperar pacientemente que Deus o inspire, de maneira vívida, a como contar uma antiga história. E obrigado por introduzir este escritor em um novo mundo pleno de possibilidades.

Agradeço, também, a Kip Jordon e Byron Williamson, dois queridos irmãos que ajudaram a Editora Word Publishing a ser tanto uma empresa como um ministério.

A Ernie Owen, um sábio cristão que conserva um olho em Deus e outro em seus filhos. Obrigado por sua orientação.

A Carol Bartley e Anne Christian Buchanan. Obrigado pelo incansável trabalho de edição. Vocês fizeram um grande trabalho! (Todos os meus erros são nosso pequeno segredo, combinado?)

A Mary Stain. Graças à sua habilidade como secretária e à sua extraordinária flexibilidade, outro manuscrito foi produzido. Muito obrigado.

A toda a equipe da igreja de Oak Hills. O que seria de mim sem amigos como vocês? Muitíssimo grato!

A Tim Kimmel e a John Trent. Uma conversa com vocês me dá alento para um mês.

À igreja e aos presbíteros de Oak Hills. Nunca imaginei que teria o privilégio de servir em uma comunidade tão fiel. Sou grato a Deus por tudo o que Ele está realizando.

A Dave Moberg, Nancy Guthrie e David Edmonson, por me fazerem ser melhor do que realmente sou.

A Michael Card, um trovador da verdade, cujo coração tocou o meu.

E, finalmente, a duas pessoas especiais: à minha esposa, Denalyn. Obrigado por tornar minha vinda para casa o ponto alto de minha jornada diária.

E obrigado a você, caro leitor, por investir seu tempo na esperança de ver Jesus. Que Ele atenda ao desejo de seu coração.

Jesus, pois, vendo as multidões, subiu ao monte; e, tendo ele se assentado, aproximaram-se os seus discípulos, e ele se pôs a ensiná-los, dizendo:

Bem-aventurados os humildes de espírito, porque deles é o reino dos céus.

Bem-aventurados os que choram, porque eles serão consolados.

Bem-aventurados os mansos, porque eles herdarão a terra.

Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos.

Bem-aventurados os misericordiosos, porque eles alcançarão misericórdia.

Bem-aventurados os limpos de coração, porque verão a Deus.

Bem-aventurados os pacificadores, porque eles serão chamados filhos de Deus.

Bem-aventurados os que são perseguidos por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus.

- Mateus 5.1-10

UM Júbilo Sagrado

ELA TEM TODOS os MOTIVOS DO MUNDO PARA SER RANCOROSA.

Apesar de ter talento, passou muitos anos sem ser reconhecida. Prestigiados círculos da ópera fecharam-lhe as portas quando tentou entrar. Os críticos norte-americanos ignoraram sua belíssima voz. Várias vezes recusaram dar-lhe

papéis para os quais estava plenamente qualificada. Somente depois de ir à Europa e de conquistar exigentes platéias estrangeiras é que os líderes da opinião pública reconheceram seu talento.

Não somente sua vida profissional consiste em uma batalha, mas sua vida pessoal também é marcada por constantes desafios. Ela é mãe de duas crianças portadoras de deficiência, uma delas com elevado grau de retardamento. Há alguns anos, tentando fugir da vida agitada de Nova York, comprou uma casa na zona rural. A casa pegou fogo dois dias antes da mudança.

Rejeição profissional. Reveses na vida pessoal. Terreno perfeito para a semente da amargura. Campo fértil para raízes de ressentimento. Mas, nesse caso, a ira não encontrou lugar.

Seus amigos não a chamam de "amarga"; ao contrário, ela é conhecida como uma pessoa muito doce e alegre.

Beverly Sills. Cantora de ópera internacionalmente reconhecida. Diretora aposentada de ópera da cidade de Nova York.

Suas frases são adoçadas com sorrisos. Seu rosto é suavizado pela serenidade. Ao entrevistá-la, o jornalista Mike Wallace afirmou:

- Ela é uma das mais impressionantes, se não *a mais* impressionante senhora que já entrevistei.

Como pode uma pessoa enfrentar tal rejeição profissional e tantos traumas pessoais e ainda assim ser conhecida como alguém feliz?

- Eu escolhi ser alegre - diz ela. - Há anos reconheci que tinha pouca ou nenhuma escolha quanto ao fato de ter sucesso, boas

oportunidades ou mesmo quanto à felicidade, mas sabia que podia escolher ser alegre.

- Oramos pela cura, mas Deus não nos atendeu. Contudo Ele nos abençoou.

Glyn falava lentamente. Em parte, por causa de sua convicção. Em parte, por causa de sua enfermidade. Seu marido, Don, estava sentado em uma cadeira perto dela. Nós três nos reunimos ali para planejar um funeral - o dela.

E agora, finalizada a tarefa, escolhidos os hinos e dadas as últimas instruções, Glyn disse:

- Ele nos deu uma força que não conhecíamos. Ele nos supriu quando precisávamos dela, não antes. - Suas palavras eram arrastadas, porém claras. Seus olhos estavam cheios de lágrimas, mas confiantes.

Eu me perguntava o que seria ter minha vida ceifada aos 45 anos de idade. Como seria dizer adeus a meus filhos e a meu esposo? O que seria ser testemunha de minha própria morte?

- Deus nos deu paz em nosso sofrimento - continuou Glyn.

- Ele nos protegeu o tempo todo. Mesmo quando havíamos perdido o controle, Ele estava sempre ali.

Fazia um ano que Glyn e Don tomaram conhecimento da enfermidade dela - esclerose amiotrófica lateral (Doença de Lou Gehrig). A causa e a cura dessa enfermidade ainda são um mistério, mas o resultado é bem conhecido. A força muscular e a mobilidade se deterioraram gradualmente, deixando apenas a mente funcionando. E a fé.

E foi a junção da fé e da mente saudável de Glyn que me levaram a compreender que eu estava fazendo mais do que os

preparativos de um funeral. Eu contemplava as jóias sagradas que aquela mulher havia garimpado da mina do desespero.

- Podemos usar qualquer tragédia como pedra de tropeço ou como degrau para atingir um objetivo... - dizia Glyn.

- Espero que isso não torne minha família amargurada. Quero ser um exemplo ao mostrar que Deus quer que sejamos fiéis tanto nos bons momentos quanto na adversidade. Se não confiarmos nele em tempos difíceis, não confiaremos jamais.

Don segurou as mãos dela e limpou-lhe as lágrimas. Depois, enxugou suas próprias lágrimas.

- Quem são esses dois? - perguntei a mim mesmo ao ver Don tocar o rosto de Glyn com um lenço de papel. - Quem são esses que, na margem do rio da vida, podem olhar para o outro lado com tanta fé?

O momento era doce e solene. Falei pouco. Ninguém é ousado na presença do sagrado.

- Eu tenho tudo de que preciso para ser alegre - disse Robert Reed.

"Que maravilha!", pensei.

Suas mãos são deformadas e seus pés, inúteis. Ele não consegue tomar banho nem se alimentar sozinho. Não dá para escovar os dentes, pentear os cabelos, nem se vestir suas cuecas sem ajuda. Suas camisas são presas por tiras de náilon aderente. Sua fala é arrastada como uma fita cassete estragada.

Robert teve paralisia cerebral.

Por causa da enfermidade, era-lhe impossível dirigir um automóvel, andar de bicicleta, e até mesmo dar um passeio, mas isso não foi impedimento para que ele concluísse o ensino

médio e entrou na Universidade Cristã de Abilene, da qual recebeu o diploma de graduação em Latim. A paralisia cerebral não o impediu de ensinar no Colégio Saint Louis nem de fazer cinco viagens missionárias ao exterior.

A doença de Robert também não o impediu de se tornar missionário em Portugal.

Em 1972, ele se mudou sozinho para Lisboa. Lá, alugou um quarto de hotel e começou a estudar português. Encontrou um dono de restaurante que o ajudava a alimentar-se depois da hora de maior movimento e um professor que lhe ensinava a língua portuguesa.

Começou, então, a distribuir literatura cristã diariamente em um parque. Seis anos depois, já havia levado cerca de 70 pessoas a Cristo, uma das quais se tornou sua esposa - Rosa.

Recentemente, ouvi Robert falar em uma reunião. Alguns homens o conduziram até o palco em sua cadeira de rodas. Vi quando colocaram a Bíblia sobre seus joelhos e observei como virava as páginas com os dedos endurecidos. Contemplei pessoas, admiradas, enxugando lágrimas que rolavam pelo rosto. Robert podia implorar por solidariedade e piedade, mas fez exatamente o contrário. Ele ergueu sua mão e disse ousadamente:

- Tenho tudo de que preciso para ser alegre!

Suas camisas são cheias de tiras de náilon para poder mantê-las no corpo, mas sua vida é cheia de alegria.

Ninguém no mundo tinha mais motivos para se sentir triste e miserável do que aquele homem, e ainda assim ninguém foi mais alegre do que ele.

Seu primeiro lar era um palácio. Dispunha de muitos servos e, ao estalar os dedos, mudava o curso da História. Seu nome era conhecido e amado. Ele havia possuído tudo: riqueza, poder e respeito. Agora, não tinha mais nada.

Estudiosos desse fato ainda hoje refletem a respeito d'Ele. Historiadores têm dificuldade de explicá-lo. Como poderia um rei perder tudo de repente?

Momentos antes, vivia na realeza e, no minuto seguinte, achava-se na pobreza.

Sua cama, na melhor das hipóteses, era um colchonete emprestado; muitas vezes, o chão duro. Nunca possuiu sequer um modesto meio de transporte e dependia de doações para seu sustento. Muitas vezes, era tanta a sua fome que comia grãos crus ou apanhava frutos das árvores. Sabia o que é não ter onde se abrigar da chuva e sentir frio. Sabia o que é não ter um lar.

O palácio em que havia habitado era absolutamente limpo, mas agora os lugares por onde passava ficavam expostos à sujeira. Nunca soube o que era doença, mas agora vivia cercado de enfermos.

Antes, era reverenciado no seu reino; agora, ridicularizado. Seus semelhantes tentavam linchá-lo. Alguns o chamavam de lunático. Sua família tentou impedir que saísse de casa.

Aqueles que não zombavam dele tentavam usá-lo. Queriam favores. Queriam ver truques. Ele era uma espécie de novidade.

Gostavam de ser vistos com Ele, isto é, até que estar com Ele deixou de ser moda. Então resolveram matá-lo.

Foi acusado de um crime que nunca cometeu. Falsas testemunhas depuseram contra Ele. O júri era fraudulento. Não lhe foi dado um advogado de defesa. Um juiz influenciado pela política decretou sua pena de morte.

Eles o mataram.

Partiu assim como veio - sem um centavo. Foi sepultado em uma tumba emprestada; seu funeral foi financiado por amigos compassivos. Apesar de ter uma vez possuído tudo, morreu sem nada.

Poderia sentir-se miserável, triste e amargurado. Tinha tudo para se tornar cheio de ira. Mas isso não aconteceu.

Ele era alegre.

Gente rabugenta não atrai seguidores. As multidões o seguiam por onde quer que fosse.

Crianças não se aproximam de pessoas tristes. Os pequenos se aglomeravam em torno desse homem.

Multidões não se formam para ouvir pessoas que vivem reclamando. Centenas de pessoas se aglomeravam para ouvi-lo.

Por quê? Ele era alegre! Alegre na pobreza. Alegre quando abandonado. Alegre quando traído. Foi alegre mesmo quando pendurado em um instrumento de tortura, com suas mãos perfuradas com enormes pregos usados pelos romanos.

Jesus personificou uma alegria indestrutível. Uma alegria que não se rendia diante dos ventos da adversidade. Uma alegria que ficava firme mesmo diante da dor. Uma alegria cujas raízes se firmavam na rocha sólida da eternidade.

Talvez Beverly Sills tenha aprendido assim sua lição de vida. Sem dúvida, foi assim que Glyn Johnson e Robert Reed aprenderam. E é assim que também poderemos aprender.

Que tipo de alegria é essa? Que contentamento é esse que ousa desafiar a adversidade? Que ave é essa que canta quando ainda é noite? Qual é a fonte dessa paz que vence a dor?

Eu a chamo de júbilo sagrado.

Sagrado porque não é terreno. O que é sagrado é divino. E essa alegria é divina.

É júbilo porque satisfaz e surpreende.

Júbilo é a dança dos pastores de Belém do lado de fora da estrebaria; é Maria velando o sono de Jesus na manjedoura; é o louvor de Simeão ao Rei que está para ser circuncidado; é José ensinando ao Criador do mundo como manusear um martelo.

Júbilo é olhar para o rosto de André observando que a cesta de pão não ficava vazia; é ver os convidados das bodas beberem o vinho que havia sido água; é ver Jesus andando sobre as ondas do mar com tanta naturalidade como se estivesse passando por uma porta; é um leproso ver um dedo perfeito onde existia apenas uma protuberância... uma viúva alimentando hóspedes com a comida preparada para um funeral... um paraplégico dando saltos. Júbilo é ver Jesus fazendo coisas impossíveis, de maneira fora do comum: curar um cego com saliva, pagar impostos com uma moeda encontrada dentro de um peixe e retornar dentre os mortos disfarçado de jardineiro.

O que é júbilo sagrado? É Deus fazendo o que os deuses só poderiam fazer em seus sonhos tresloucados - usar fraldas, montar jumentos, lavar pés, dormir sob intensa tempestade.

Júbilo é o dia em que Jesus foi acusado de se divertir demais, de freqüentar muitas festas e de gastar muito tempo com as multidões "embriagadas" de alegria.

Júbilo é o trabalhador receber o salário de um dia havendo trabalhado apenas uma hora... o pai removendo do filho pródigo o mau cheiro dos porcos... o pastor fazendo uma festa por haver encontrado a ovelha perdida. Júbilo é descobrir pérolas, um talento multiplicado, um mendigo indo para o céu, um criminoso no Reino de Deus. Júbilo é a surpresa estampada no rosto de pessoas comuns na rua ao serem convidadas para o banquete do rei.

Júbilo é a mulher samaritana de olhos arregalados e sem fala, a adúltera saindo do seu confinamento, e Pedro aventurando-se em águas geladas para chegar perto de alguém a quem antes negara.

Júbilo sagrado é a Boa-nova entrando pela porta dos fundos de seu coração. É aquilo com que você sempre sonhou, mas nunca esperou que acontecesse. É o que é bom demais para ser verdade. É ter Deus como substituto de emergência, Advogado, Pai, seu maior Fã e seu melhor amigo. Deus está ao seu lado, em seu coração, diante de você e protegendo sua retaguarda. Há esperança onde você menos esperava encontrá-la: uma flor no caminho da vida.

É *sagrado* porque somente Deus pode concedê-lo. É *júbilo* porque emociona. Por ser sagrado, não pode ser roubado. Por ser uma emoção, não pode ser prevista.

Foi essa alegria que fez o povo dançar na travessia do Mar Vermelho. Foi essa alegria que fez o povo tocar a trombeta em Jericó. Foi esse segredo que levou Maria a cantar. Foi essa

surpresa que criou um clima de primavera na manhã da Páscoa.

É a alegria de Deus. É o júbilo sagrado.

E é esse júbilo sagrado que Jesus promete no Sermão do Monte.

Ele o promete nove vezes. E faz a promessa a diferentes tipos de multidões:

- "Aos *humildes* [em algumas versões, pobres] *de espírito*." Mendigos da sopa da cozinha de Deus.

- "Àqueles *que choram*." Pecadores anônimos unidos pela verdade de sua apresentação, dizendo: "Olá, sou eu. Sou um pecador."

- "Aos *mansos*." Pianos penhorados tocados por Van Cliburn (um pianista tão bom que ninguém perceberá caso falem algumas teclas no piano!).

- "Aos *que têm fome e sede*." Órfãos famintos que sabem a diferença entre um jantar na TV e uma festa no Dia de Ação de Graças.

- "Aos *misericordiosos*." Ganhadores de loterias milionárias que dividem o prêmio com seus inimigos.

- "Aos *puros de coração*." Médicos que amam leprosos e não se contaminam com a lepra.

- "Aos *pacificadores*." Arquitetos que constroem pontes com a madeira de uma cruz romana.

- "Aos *perseguidos*." Os que conseguem manter um olho no céu enquanto andam no inferno aqui na terra.

É a esse grupo de peregrinos que Deus promete uma bênção especial. Uma alegria celestial. Um júbilo sagrado.

Mas esse júbilo não custa barato. O que Jesus promete não é um truque para provocar arrepios, nem uma atitude mental que deva ser inculcada na mente das pessoas em encontros relâmpago. Não. Mateus 5 registra uma reconstrução radical operada por Deus.

Observe a seqüência. Primeiro, reconhecemos nossa necessidade (somos humildes de espírito). Depois, nos arrependemos de nossa auto-suficiência (choramos). Desistimos de depender de nós mesmos e entregamos o controle a Deus (somos mansos). Somos tão gratos por sua presença que desejamos tê-la cada vez mais em nossa vida (sentimos fome e sede). À medida que nos aproximamos dele, nos tornamos mais semelhantes a Ele. Perdoamos os outros (somos misericordiosos). Mudamos nossa aparência (somos puros de coração). Amamos o próximo (somos pacificadores). Sofremos injustiças (somos perseguidos).

Não se trata de mudança casual de atitude. É a demolição da velha estrutura e a criação de outra nova. Quanto mais radical for a mudança, maior será a alegria. E isso é digno de todo esforço, pois é a alegria de Deus.

Não é por acaso que a mesma palavra usada por Jesus para prometer júbilo sagrado é a que Paulo usa para retratar Deus:

"Deus bendito [...].

"Deus [...] o bem-aventurado e único soberano [...].

Pense na alegria de Deus. O que poderá impedi-la? O que poderá extingui-la? O que poderá matá-la? Alguma vez Deus fica mal-humorado por causa do mau tempo? Deus se irrita por causa de longas filas e de congestionamentos no trânsito? Deus algum dia se recusou a fazer a rotação da Terra por ter seus sentimentos feridos?

Não. Sua alegria é de tal natureza que nada pode apagá-la. Sua paz é de tal natureza que ninguém pode tirá-la.

Há uma deliciosa alegria que vem de Deus. Uma santa alegria. Um júbilo sagrado.

Essa alegria está ao seu alcance. A decisão é inteiramente sua! Vendo as multidões, subiu ao monte; e, tendo F le se assentado...

DOIS

Seu Chamado

SE VOCÊ TIVER TEMPO PARA LER ESTE CAPÍTULO, PROVAVELMENTE NÃO precise fazê-lo.

Se você estiver lendo este livro bem devagar para ocupar seu tempo... ou só nas horas vagas, entre uma longa caminhada e uma boa soneca... se conseguiu acabar a lista de coisas que tinha para fazer hoje uma hora depois de levantar-se... é provável que queira passar logo para o próximo capítulo. Acredito que você já tenha assimilado a mensagem das próximas páginas.

Se, entretanto, você estiver lendo no automóvel, com um olho no sinal de trânsito... ou no aeroporto, prestando atenção à

chamada de seu vôo... ou no quarto de seu filho, com uma das mãos balançando o berço... ou na cama, tarde da noite, sabendo que terá de levantar-se bem cedo... então continue, amigo. Este capítulo é para você.

Você tem pressa. O mundo tem pressa. O tempo se tornou demasiado importante. O valor de qualquer mercadoria depende de sua raridade. E o tempo, que já foi abundante, hoje tem alto preço.

Um homem na Flórida exigiu 90 dólares de seu oftalmologista por tê-lo feito esperar 1 hora.

Uma senhora na Califórnia contrata os serviços de uma pessoa só para fazer-lhe compras por meio de catálogos.

Vinte dólares é quanto você paga a alguém para buscar suas roupas na lavanderia.

Quinhentos dólares é o preço de um aparelho de *fax* instalado no seu carro, para não perder tempo ao despachar documentos.

Você compra cartões para expressar a seus filhos as coisas que queria dizer e não teve tempo: "Tenha um bom dia na escola" ou "Como gostaria de ter estado lá com você!"

É o mundo globalizado dos atalhos e das pistas de alta velocidade.

De acordo com o pesquisador de opinião pública Louis Harris, "o tempo se tornou a mercadoria mais cara".

É verdade que temos menos tempo? Ou isso é apenas coisa da nossa imaginação?

Em 1965, uma testemunha depondo diante de uma sub-comissão do Senado norte-americano disse que o futuro da América parecia promissor quanto à disponibilidade de tempo

livre para o cidadão. Em 1985, dizia o relatório, os norte-americanos terão uma semana de trabalho de 22 horas e poderão se aposentar aos 38 anos de idade. Motivo? A era do computador trará tecnologias avançadas que farão todo o trabalho por nós e estabilizarão a economia.

Tomemos como exemplo os aparelhos domésticos, diziam eles. Fornos de microondas somados a refeições semiprontas e processadores de alimentos facilitarão enormemente o trabalho doméstico, deixando tempo de sobra. E no escritório? Lembra-se daquele velho mimeógrafo? Pois é, será substituído por uma copiadora. E os arquivos? Os computadores serão os arquivos do futuro. E a máquina de escrever elétrica? Não se apegue muito a ela; um computador a substituirá também.

E agora, anos depois, vemos tudo o que o relatório prometeu realizado. Os computadores, as impressoras e o *fax*. Mesmo assim, os relógios continuam seu tique-taque frenético e as pessoas correm como nunca. A verdade é que a média do tempo de lazer *diminuiu 37%* desde 1973. A média da semana de trabalho *aumentou* de 41 para 47 horas e, para muitas pessoas, 47 horas representariam uma semana calma.

Por que não se cumpriu a previsão? O que a comissão do Senado deixou de levar em conta? Ela não avaliou adequadamente o apetite do consumidor. Assim como o individualismo da década de 1960 levou ao materialismo da década de 1980, o tempo que ganhamos com a tecnologia não nos levou ao lazer; ele nos fez correr mais! Modernos equipamentos produziram mais tempo; mais tempo significa maior potencial econômico; maior potencial econômico significa a necessidade de mais tempo; e assim se estabeleceu

um círculo vicioso. A vida falava mais alto à medida que as demandas se tornavam maiores. E, à medida que as demandas se tornaram maiores, a vida se tornava mais vazia...

- Eu tenho tantos negócios engatilhados que não consigo concretizar nenhum - queixava-se um jovem pai.

Dá para entender?

Quando eu tinha dez anos, minha mãe me matriculou num curso de piano. Pois bem, muitas crianças se dão muito bem com o teclado. Eu não... Passar 30 minutos, todas as tardes, sentado diante de um piano era para mim uma tortura semelhante a ter de engolir cacos de vidro. O metrônomo marcava cada segundo com lentidão glacial...

No entanto, eu gostava de algumas músicas. Martelava os *staccatos* e trabalhava bem os *crescendos*. Interpretava muito bem os *vibrantes* finais. Mas havia uma orientação na pauta musical a que nunca obedeci. A *pausa*. Aquele comando em forma de ziguezague para não fazer nada. Nada! Que sentido faz isso? Por que sentar-se ao piano e ficar numa *pausa* quando você pode bater no teclado?

- Porque - explicava pacientemente o professor - a música é sempre mais agradável depois de uma *pausa*.

Aos dez anos, isso não fazia sentido para mim. Mas agora, algumas décadas depois, essas palavras me parecem sábias; soam aos meus ouvidos como sabedoria divina. De fato, as palavras do meu professor me fazem lembrar o ensinamento de outro Mestre.

"Quando ele viu as multidões, subiu ao monte [...]."

Não leia a sentença muito depressa para não estragar a surpresa. Mateus não escreveu o que você estava esperando. O

versículo não diz "quando Ele viu as multidões, entrou no meio delas". Ou "quando Ele viu as multidões, curou suas enfermidades". Ou "quando viu as multidões, mandou que se sentassem e começou a lhes ensinar". Em outras ocasiões, Ele fez isso... desta vez, não.

Antes de se dirigir às massas, Ele ia ao monte. Antes de enfrentar as multidões, os discípulos encontraram Cristo. E, antes de enfrentar o povo, vivenciaram o sagrado.

Freqüentemente, escrevo até bem tarde da noite. Não necessariamente por preferir esse horário, mas porque a sanidade só chega à nossa casa depois do noticiário das dez.

Desde o momento em que chego em casa, à tardinha, até a hora de me sentar diante do computador, durante cerca de cinco horas o movimento não pára. Trinta segundos depois de entrar pela porta, meus joelhos são atacados por duas meninas aos gritos. Um bebê é colocado em meus braços e recebo um beijo de boas-vindas.

- O burro de carga chegou! - anuncio.

- Chegou na hora - responde com um amável sorriso minha esposa, Denalyn.

As próximas horas são marcadas por um ritual familiar barulhento: risadas, batidas de pratos, tombos pelo assoalho, choro por causa de um dedo ferido, água jorrando no banheiro e brinquedos sendo jogados numa cesta. A conversa é sempre a mesma.

- Posso comer mais um pedaço de torta?

- Jenna está com a minha boneca!

- Posso segurar o bebê?

- Querida, onde está a chupeta? Há alguma camisola limpa na gaveta do guarda-roupa?

- Meninas, está na hora de dormir!

- Canta mais uma música?

Finalmente, o furacão noturno passa e surge a bonança. A mãe olha para o pai. Os estragos do dia são avaliados e é feita a limpeza do ambiente. Mamãe vai para a cama, e papai vai para o quarto de brinquedos escrever.

E é aqui que estou agora. Sentado, em silêncio, acompanhado pelo som do teclado do computador, pelo cheiro do café e pelo som da lavadora de louças. O que 30 minutos atrás era um quarto de brinquedos, agora é um escritório. E o que agora é um escritório pode, apenas pode, tornar-se num santuário, pois o que pode acontecer nos próximos minutos beira o sagrado.

A quietude acalma minha pulsação, o silêncio deixa meus olhos bem despertados, e algo sagrado acontecerá. Sons de passos suaves de seus pés calçados com sandálias quebram o silêncio. A mão ferida é estendida em um convite silencioso, e eu o sigo.

Gostaria de dizer que isso acontece toda noite; mas não é bem assim. Algumas noites, Ele convida, e eu não ouço. Outras noites, Ele chama, e eu não vou. Mas, algumas noites, eu ouço seu poético sussurro: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e oprimidos [...] e o sigo. Deixo os orçamentos, as contas a pagar, os prazos a cumprir e sigo o caminho estreito, subindo com Ele o monte.

Estamos lá. Vencemos o terreno arenoso do vale e alcançamos as regiões em rocha firme. Demos as costas para o barulho e

procuramos ouvir sua voz. Afastamo-nos das multidões e seguimos o Mestre, tal como Ele nos conduz pela vereda de seu chamado.

Seu chamado. Ar puro. Vista clara. Brisa fresca. O barulho da multidão está lá embaixo, e a perspectiva de clímax espiritual está aqui em cima.

Gentilmente, o guia me convida a sentar nas pedras acima das árvores mais altas e olhar, com Ele, os picos antigos, que nunca se desgastam pela erosão.

"O que é necessário ainda é o que é seguro", diz Ele confidencialmente. "Lembre-se:

"Você não irá amanhã a qualquer lugar onde eu não tenha estado.

"A verdade sempre triunfará.

"A vitória é sua.

"E o júbilo depende de uma decisão. Agarre-o!"

O chamado divino. Um lugar estável num mundo transitório.

Pense nas pessoas do seu mundo. Você pode identificar as que já estiveram com Ele no monte? Ah! Seus problemas não são diferentes daqueles que outras pessoas enfrentam. E seus desafios são até maiores. Mas existe uma paz que envolve tudo. Uma confiança que não é perturbada por orçamentos não cumpridos ou pela mudança de rotas de avião. Uma serenidade que suaviza a expressão de seu rosto. Um júbilo contagioso que brilha em seus olhos.

E nos corações reina, como uma fortaleza, a confiança de que a travessia do vale será feita com alegria, porque a montanha está apenas a um passo.

Li recentemente a respeito de um homem que respirou o ar do topo da montanha. O hábito de subir a montanha começou cedo em sua vida e o sustentou até o fim. Poucos dias antes de morrer, um pastor foi visitá-lo no hospital. Quando entrou no quarto, notou uma cadeira vazia ao lado da cama do homem. O pastor perguntou se alguém tinha vindo visitá-lo. O ancião sorriu e disse:

- Eu coloco Jesus nessa cadeira e converso com Ele.

O pastor ficou admirado, e o homem explicou.

- Há muitos anos, um amigo me disse que orar é tão simples como conversar com um amigo. Portanto, todos os dias eu puxo uma cadeira e convido Jesus para sentar-se. E converso com Ele por algum tempo.

Alguns dias depois, a filha daquele homem foi à igreja informar ao pastor que seu pai havia morrido. Ela disse:

- Ele parecia tão contente que o deixei sozinho no quarto por algumas horas. Quando voltei, já estava morto. Notei uma coisa estranha: sua cabeça repousava não sobre o travesseiro, mas sobre uma cadeira vazia ao lado da cama.

Aprenda uma lição com esse homem! Observe a recomendação do professor de música sobre a importância da pausa. Faça uma viagem com o Rei ao topo da montanha. O ar é puro, não há aglomerações, e é o topo do mundo. Encha os pulmões e sinta uma incontável alegria antes de enlouquecer aqui embaixo.

Opa! Acho que ouvi alguém chamando o número do meu voo...

TRÊS

O Pobre Enriquecido

PODERÍAMOS COMEÇAR COM A RISADA DE SARA, A MULHER DE ABRAÃO. A face enrugada, escondida pelas mãos esqueléticas. Os pulmões ofegantes. Ela sabia que não podia rir: não é correto rir daquilo que Deus diz. Mas, enquanto recobra a respiração e enxuga as lágrimas, reflete de novo sobre a situação, e uma onda de alegria a domina.

Poderíamos começar com Pedro. Ele traz estampado no rosto o espanto. Seus olhos estão do tamanho de um pires... Ele se esquece dos peixes amontoados a seus pés e da água que chega à borda do barco. Pedro fica mudo e absorto em um só pensamento, por demais absurdo para ser verbalizado.

Poderíamos começar com o repouso de Paulo. Ele havia lutado durante três dias; agora descansa. Sentado no chão, num canto do quarto, seu rosto está desfigurado. O estômago está vazio. Os lábios, ressequidos. Bolsas pendem debaixo de seus olhos cegos. Mas há um leve sorriso nos seus lábios. Uma corrente de água fresca corre da fonte, tranqüila, e a água é doce.

Mas não vamos começar com eles. Vamos partir de outro ponto.

Veremos o *playboy* do Novo Testamento.

Ele é rico. Sapatos italianos. Seu dinheiro está todo investido. Sua plástica é perfeita. Ele vive como se estivesse sempre voando... de primeira classe.

Ele é jovem. Afasta o cansaço fazendo ginástica e derrota o envelhecimento com os mais avançados médicos na capital. É esbelto e de olhos penetrantes. Energia é sua marca registrada, e a morte se encontra a uma eternidade de distância.

Ele é poderoso. Se você acha que não, faça-lhe uma pergunta. Você tem perguntas? Ele tem respostas. Você tem problemas? Ele tem soluções. Você tem dilemas? Ele tem opiniões. Ele sabe para onde vai, e amanhã chegará lá. Ele é a nova geração. Portanto, os velhos que entrem no compasso e se cuidem. Ele domina os três "Ps" do sucesso: Prosperidade, Posteridade, Poder. Ele é o jovem rico.

Até hoje, a vida para ele tem sido um tranqüilo passeio por uma avenida iluminada. Mas hoje ele tem uma pergunta. Será uma preocupação casual ou um medo genuíno? Não sabemos. Só temos certeza de que veio em busca de uma orientação.

Para quem estava acostumado a dar ordens, pedir ajuda ao filho de um carpinteiro parecia estranho. Para um homem de linhagem nobre, não é comum solicitar ajuda a um desconhecido camponês. Mas sua pergunta não é uma questão comum.

- "Mestre" - pergunta -, "que devo fazer para ter a vida eterna?"

As palavras que usa revelam sua incompreensão. Ele pensa que pode obter vida da mesma forma como obtém as demais coisas, isto é, por seu próprio poder.

O que *devo* fazer? Quais são as exigências Jesus? Qual o ponto central do problema? Nada de atalhos; vamos direto ao assunto. Quanto preciso investir para ter certeza de meu retorno?

O propósito da resposta de Jesus era fazê-lo emudecer:

- "Se você quer entrar na vida, obedeça aos mandamentos."

Qualquer pessoa com um mínimo de consciência teria, a essa altura, entregado os pontos.

- Guardar os mandamentos?

- Guarde os mandamentos! Você sabe quantos são os mandamentos? Tem lido a lei ultimamente?

- Tenho tentado, honestamente tenho tentado, mas não posso.

Isso é o que o jovem rico deveria dizer, mas a idéia de tal confissão não lhe passava pela cabeça. Em lugar de pedir ajuda, ele "apanha lápis e papel" e pede que lhe seja dada a lista dos mandamentos.

- Quais? - Ele "molha o lápis" e franze a testa.

Jesus pacientemente responde:

- "Não matarás, não adulterarás, não furtarás, não darás falso testemunho, honra a teu pai e a tua mãe e 'Amarás o teu próximo como a ti mesmo'."

"Muito bem!", pensa o jovem ao terminar de fazer suas anotações. "Fiz o teste, agora vamos ver se passei."

"Matar? Certamente não. Adulterar? Bem, nada que um garoto de sangue quente não fizesse. Roubar? Uma pequena extorsão, mas justificável. Falso testemunho? Ah!... vamos adiante. Honrar pai e mãe? Certo. Eu os vejo nos feriados. Amar o próximo como a mim mesmo...?"

- Muito bem - diz ele, sorrindo -, tenho feito tudo isso desde a minha infância.

Com um ar de arrogância e colocando os dedos no cinturão, pergunta:

- Há outros mandamentos que você queira me apresentar?

Como Jesus conseguiu deixar de rir ou chorar, não sei. A pergunta que tinha por objetivo mostrar ao jovem rico suas imperfeições apenas o convenceu de que estava acima de tudo isso. Ele é como uma criança pingando água no assoalho enquanto diz à mãe que não esteve na chuva.

Jesus vai direto ao ponto:

- "Se você quer ser perfeito, vá, venda os seus bens e dê o dinheiro aos pobres, e você terá um tesouro nos céus..."

As palavras de Jesus deixaram o jovem rico triste e os discípulos confusos.

A pergunta deles é a mesma que fazemos:

- "Quem pode, então, ser salvo?"

A resposta de Jesus choca os ouvintes:

- "Aos homens isso é impossível [...]"

Impossível.

Ele não diz improvável. Não diz sequer que é difícil. Ele diz que é "impossível". Não há a menor chance. De modo nenhum. Não há brechas. Não há esperança. Impossível. É impossível atravessar o Pacífico a nado. É impossível ir à lua na rabiola de uma pipa. Você não pode escalar o Monte Everest com uma cesta de piquenique e uma bengala. E, a não ser que alguém faça alguma coisa, você não tem chance de ir para o céu.

Isso parece algo muito frio para você? Durante toda a vida, você vem sendo recompensado de acordo com o seu desempenho. Suas notas na escola dependem de seu estudo. Você recebe elogios de acordo com seu grau de sucesso. Você ganha dinheiro em função de seu trabalho.

Foi por isso que o jovem rico pensou que o céu estava a um passo do pagamento que podia fazer. Fazia sentido. Você trabalha duro, cumpre seus deveres e, num estalar de dedos, sua conta corrente aumenta. Jesus diz: Não é assim. O que você quer custa muito mais do que pode pagar. Você não precisa de um sistema, mas de um Salvador. Você não precisa de um *curriculum vitae*, mas de um Redentor. Pois "as coisas que são impossíveis aos homens são possíveis a Deus".

Não esqueça a mensagem central deste versículo: *Você não pode salvar a si mesmo*. Não pode salvar-se por meio de rituais apropriados. Não pode salvar-se por meio de doutrina correta. Não pode salvar-se mediante devoção correta. Não pode salvar-se por meio de momentos de emoção espiritual. A mensagem de Jesus é muito clara. É impossível ao ser humano salvar a si mesmo.

Observe que não foi o dinheiro que impediu o jovem rico de ser salvo; foi sua auto-suficiência. Não foram as posses materiais; e, sim, a pompa. Não são as elevadas somas em dinheiro; é o nariz empinado: "[...] quão dificilmente entrarão no reino de Deus os que têm riquezas!"

Não é somente o rico que tem dificuldades. O intelectual, o forte, o de boa aparência, o popular e o religioso também têm o mesmo problema. O mesmo acontece com você, se acha que seu poder ou piedade o qualifiquem como candidato ao Reino de Deus.

E se você acha difícil entender o que Jesus disse ao jovem rico, então a descrição que Ele faz do dia do juízo ficará atravessada em sua garganta.

É uma figura profética do dia final: "Muitos me dirão naquele dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E em teu nome não expulsamos demônios? E em teu nome não fizemos muitos milagres?"⁴

Espantoso. Essas pessoas estão diante de Deus exaltando *a si mesmas*. A grande trombeta soou, e elas ainda estão tocando suas próprias cornetas. Em vez de entoar louvores a Deus, cantam em seu próprio louvor. Em vez de adorar a Deus, lêem seus currículos. Quando deviam estar caladas, elas falam. Na presença do próprio Rei, se vangloriam. O que é pior - sua arrogância ou sua cegueira?

Você não impressiona técnicos da NASA com um avião de papel. Não se vangloria de seus desenhos a lápis na presença de Picasso. Não se iguala a Einstein apenas porque sabe escrever H₂O. E você não se vangloria de sua bondade na presença do Perfeito.

"Então lhes direi claramente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniquidade."⁵

Preste atenção. Deus não nos salva por causa do que fazemos. Somente um deus mesquinho poderia ser comprado com dízimos. Somente um deus egoísta poderia impressionar-se com nossa dor. Somente um deus temperamental poderia ficar satisfeito com sacrifícios. Somente um deus sem coração poderia vender a salvação aos que pudessem fazer lances mais altos.

E somente um Deus grandioso faz por seus filhos aquilo que eles não podem dar por si mesmos.

Esta é a mensagem de Paulo: "Porquanto o que fora impossível à lei, [...] isso fez Deus enviando o seu próprio

Filho." E esta é a mensagem da primeira bem-aventurança. "Bem-aventurados os humildes [ou pobres] de espírito [...]" A jóia da alegria é concedida ao humilde [pobre] de espírito, e não ao rico e influente. O júbilo divino é recebido mediante a submissão, e não conferido mediante a conquista. O primeiro passo para a alegria é um pedido de ajuda, um reconhecimento de destituição moral e admissão de pobreza interior. Os que experimentam a presença de Deus declaram sua falência espiritual e reconhecem sua crise espiritual. Seu guarda-roupa está vazio. Seus bolsos estão vazios. Suas opções desapareceram. Há muito deixaram de exigir justiça; eles pedem misericórdia.

Eles não se vangloriam. Suplicam. Pedem a Deus que faça por eles o que sem Ele não podem fazer. Eles viram como Deus é santo e como são pecadores, e concordaram com a declaração de Jesus de que "a salvação é impossível".

Ah! A ironia do júbilo divino - nascido no solo ressequido da penúria, e não no solo fértil da realização.

É um caminho diferente, uma rota que não costumamos tomar. Nem sempre declaramos nossa fraqueza. Admitir o fracasso geralmente não conduz à alegria. A confissão completa nem sempre é seguida de completo perdão. Mas Deus não se conduz por aquilo que é comum.

QUATRO

O Reino do Absurdo

O REINO DOS CÉUS. SEUS SÚDITOS ESTÃO EMBRIAGADOS DO MARAVILHOSO!

Pense no caso de Sara. Ela se encontra em plena velhice, mas Deus lhe promete um filho. Ela fica eufórica. Visita a loja de roupas para senhoras grávidas e compra alguns vestidos. Planeja o chá de bebê e reforma sua tenda... mas o filho não vem. Come alguns bolos de aniversário e sopra muitas velas... e o filho ainda não vem. Atravessa uma década de calendários de parede... e nada de chegar o filho prometido.

Então Sara decide fazer algo com suas próprias mãos. ("Talvez Deus precise de mim para fazer isso.")

Ela convence Abrão de que o tempo está se esgotando. ("Veja, Abrão, você também não é mais tão jovem!") Ela manda sua escrava, Hagar, entrar na tenda de Abrão e ver se ele precisa de alguma coisa. (E quero dizer mesmo "alguma coisa") Hagar entra na tenda como donzela e sai como mãe. E o problema começa aí.

Hagar está orgulhosa. Sara, ciumenta. Abrão, confuso com o dilema. E Deus diz que o menino sera como "jumento selvagem" - alcunha apropriada para quem havia nascido da obstinação e estava destinado a lutar por sua sobrevivência ao longo da História.

Essa não é a família feliz que Sara esperava ter. E este não é um tema sobre o qual Abrão e Sara conversam freqüentemente à mesa.

Finalmente, 14 anos mais tarde, quando Abrão beira os 100 anos e Sara está com 90... quando Abrão deixa de ouvir o conselho de Sara, e ela deixa de dá-lo... quando o papel de parede está desbotado e a mobília do bebê está há muito fora de moda... quando a menção ao filho prometido traz suspiros, lágrimas e longos olhares para o céu silencioso... Deus lhes faz uma visita e diz que escolham um nome para seu novo filho.

Abrão e Sara tiveram a mesma reação: riram um do outro. Eles riram porque, por um lado, era bom demais para acontecer e, por outro, porque podia acontecer. Eles riram porque haviam perdido a esperança, e a esperança recuperada é sempre motivo de riso antes de se tornar realidade.

Eles riram de tudo isso.

Abrão olha para Sara cochilando em sua cadeira de balanço, com a cabeça reclinada para trás e a boca aberta, tão fértil como uma uva-passa enrugada. Ele não agüenta, procura conter-se, mas não consegue. Ele sempre gostou de uma boa piada!

Sara também se diverte com a situação. Quando ouviu a notícia, não pôde conter a risada. "Meu marido precisará de muito mais do que ele tem", e riu novamente.

Eles riram porque é isso que fazemos quando alguém nos diz que podemos fazer o impossível. Eles riram um pouco *de* Deus, e riram muito *com* Deus, porque Deus ria também. Então, com um sorriso no rosto, começou a realizar o que faz melhor: o incrível.

Deus mudou algumas coisas, começando com os nomes. Abrão, pai de um, será agora Abraão, pai de multidões. Sarai, a estéril, será agora Sara, a mãe.

Mas os seus nomes não foram as únicas coisas que Deus mudou. Ele mudou o número de suas deduções do imposto de renda. Ele mudou a maneira como eles definiam a palavra *impossível*.

Mas, acima de tudo, Ele mudou a atitude de Sara em relação à confiança em Deus. Se ela tivesse ouvido a palavra de Jesus sobre os humildes de coração, poderia dar este testemunho:

- Ele está certo. Eu faço as coisas do meu jeito e tenho dor de cabeça. Deixo Deus agir a seu modo, e tenho um filho. Tente entender isto. Tudo o que sei é que sou a primeira mulher nesta cidade a pagar as contas do pediatra com um cheque da aposentadoria...

Dois mil anos mais tarde, aqui está outro testemunho:

"Eu não queria ir pescar. Mas era exatamente o que Jesus queria fazer. Eu havia pescado a noite inteira. Meus braços estavam doendo. Meus olhos ardiam. Meu pescoço estava dolorido. Tudo o que eu queria era poder ir para casa e pedir à minha mulher que fizesse uma massagem nas minhas costas.

"Havia sido uma longa noite. Não sei quantas vezes lançamos a rede na escuridão e ouvimos seu barulho nas águas. Durante toda a noite, esperamos por aquele solavanco, aquele puxão, aquele movimento que sinaliza que algo caiu na rede... e ele não aconteceu. Ao amanhecer, eu estava pronto para ir para casa.

"Quando eu estava para deixar a praia, notei uma multidão que vinha na minha direção. Seguiu um camarada esguio, que andava em passos largos e ritmados. Ele me viu e disse meu nome. 'Bom-dia, Jesus!', respondi. Apesar de estar cerca de 90

metros distante, podia ver seu alegre sorriso. 'Muita gente, hein?', gritou Ele, apontando para a multidão que o seguia. Acenei com a cabeça e me sentei para observar.

"Ele parou perto da margem e começou a falar. Apesar de eu não ouvi-lo muito bem, podia ver o que se passava. Mais e mais gente ia chegando. Com todas as pressões da aglomeração, é de estranhar que Jesus não tenha sido empurrado e caído. Ele já estava com a água pelos joelhos quando olhou para mim.

"Não tive de pensar duas vezes. Ele subiu em meu barco, e João e eu o seguimos. Ele avançou um pouco para fora. Eu me inclinei sobre a proa do barco, e Jesus começou a ensinar.

"Parecia que metade de Israel estava na praia. Homens que haviam deixado seu trabalho, mulheres que interromperam suas atividades domésticas. Reconheci até sacerdotes. Como estavam atentos! Quase não se mexiam, mas mesmo assim seus olhos pareciam, de alguma forma, ver em que eles podiam se tornar.

"Quando Jesus terminou, virou-se para mim. Eu me ergui e comecei a levantar âncora, quando Ele disse: 'Pedro, vamos pescar.'

"Suspirei e olhei para João. Estávamos pensando a mesma coisa. Que Ele quisesse usar o barco como púlpito, muito bem. Mas usá-lo como barco de pesca... essa era *nossa* especialidade. Pensei em dizer a esse mestre-carpinteiro: 'Fique com sua pregação que eu fico com minha pescaria.' Mas, em vez de falar assim, fui mais delicado, e disse: 'Trabalhamos a noite toda e não pegamos nada.'

"Ele apenas me olhou. Eu olhei para João. João estava esperando que eu desse uma pista...

"Gostaria de poder dizer que o fiz por amor. Gostaria de poder dizer que o fiz por dedicação. Mas não posso. Tudo o que posso dizer é que há tempo para questionar e tempo para ouvir. Assim, mais com um resmungo do que com uma prece, saímos para o mar.

"A cada impulso do barco, eu resmungava. A cada puxada de remo, eu murmurava. 'Não adianta. Impossível. Posso não saber muitas coisas, mas sei pescar. E tudo o que podemos levar de volta são nossas redes molhadas.'

"O barulho da praia ficava cada vez mais distante, e logo o único som que se ouvia era o bater das ondas contra o casco do barco. Finalmente, lançamos a âncora. Apanhei a rede pesada, segurei-a firmemente e comecei a lançá-la. Foi aí que percebi de relance a figura de Jesus. Sua expressão me fez parar.

"Reclinado sobre a borda do barco, olhava para as águas, onde eu estava para lançar a rede. E, veja só, Ele ria! Um sorriso jovial se estampou no seu rosto, o tipo de sorriso que você vê em uma criança quando dá um presente a um amigo e espera que ele abra para ver o que é.

"Notou que eu estava olhando para Ele e tentou esconder o sorriso, mas não conseguiu. Riu de lado, os dentes à mostra. Ele me havia dado um presente e mal podia conter-se até que eu o abrisse.

"Será que vai ficar desapontado?', pensei enquanto lançava a rede. A rede subiu bem alto, espalhando-se sobre o mar azul e flutuando contra a superfície, e então afundou. Sustentei as

cordas com as mãos e me sentei preparando-me para uma longa espera.

"Mas não houve espera alguma! A corda frouxa começou a esticar e quase me puxou para fora do barco. Coloquei os pés ao lado do barco e pedi ajuda. João e Jesus pularam para junto de mim.

"Puxamos a rede exatamente antes que ela se rasgasse. Eu nunca tinha visto tanto peixe numa rede! Era como se alguém houvesse jogado um saco de pedras no barco. Começamos a tirar a água. João gritou pedindo ajuda a outros barcos.

"Foi uma cena impressionante! Quatro pescadores em dois barcos, com peixes até os joelhos, e um carpinteiro sentado na proa saboreando nosso pânico.

"Foi aí que compreendi quem Ele era. E foi então que compreendi quem *eu* era: eu era aquele que dizia a Deus o que Ele não podia fazer.

"'Afasta-te de mim, Senhor, pois sou um homem pecador.' Que mais poderia eu dizer?

"Eu não sei o que viu em mim, mas Ele não se foi. Talvez Ele tenha pensado que, se o deixasse me ensinar a pescar, eu permitiria que me ensinasse a viver.

"Era uma cena que eu veria muitas vezes nos próximos anos - nos cemitérios com os mortos, nas encostas de montanhas com os famintos, nas tempestades com os amedrontados, à beira das estradas com os enfermos. As pessoas podiam ser diferentes, mas o tema era o mesmo. Quando dizíamos: 'Não há jeito', Ele dizia: 'Do meu jeito.' Então, os que duvidavam se aglomeravam para agarrar sua bênção. E aquele que as oferecia saboreava a surpresa."

"O meu poder se aperfeiçoa na fraqueza." Deus disse estas palavras, Paulo as escreveu. Deus disse que procurava mais recipientes vazios do que músculos fortes. Paulo é uma prova disso.

Antes de se encontrar com Cristo, Paulo havia sido uma espécie de herói entre os fariseus. Podemos dizer que Ele era uma espécie de polícia espiritual. Ele mantinha a lei e a ordem ou, melhor dizendo, reverenciava a lei e dava as ordens. Boas mães judias o tinham em alta estima e o consideravam um bom rapaz judeu. Ele tinha um lugar de honra no almoço das quartas-feiras no "Lions Club" de Jerusalém. Constava do "Quem É Quem" no judaísmo e foi escolhido como "O Mais Promissor" no dia de sua formatura. Ele cada vez mais confirmava ser o candidato com maiores chances de ser o sucessor de seu mestre Gamaliel.

Se existe a riqueza espiritual, Paulo a possuía. Ele era um "bilionário espiritual", nascido com um pé no céu, e ele sabia disso:

Se bem que eu poderia até confiar na carne. Se algum outro julga poder confiar na carne, ainda mais eu: circuncidado ao oitavo dia, da linhagem de Israel, da tribo de Benjamim, hebreu de hebreus; quanto à lei, fui fariseu; quanto ao zelo, persegui a igreja; quanto à justiça que há na lei, fui irrepreensível.

Esse jovem fariseu de sangue azul e olhar selvagem estava decidido a manter a pureza do reino a qualquer preço, e isso significava acabar com o Cristianismo. Ele marchou por regiões do interior, à semelhança de um general, exigindo que

os judeus convertidos saudassem a bandeira pátria ou se despedissem para sempre de seus familiares.

Entretanto, tudo isso chegou ao fim à beira de uma estrada, munido de ordens de prisão contra cristãos, algemas e um pelotão de soldados, Paulo se dirigia a Damasco para fazer um pouco de "evangelismo pessoal". Aí, então, alguém apagou as luzes do estádio, e ele ouviu uma voz.

Quando percebeu de quem era a voz, caiu com o rosto em terra, no que foi seguido por todos os que o acompanhavam. Ele se preparou para o pior. Sabia o que estava acontecendo. Sentiu o laço ao redor do pescoço. Sentiu o cheiro das flores do carro fúnebre. Orou para que sua morte fosse rápida e sem grandes sofrimentos.

Mas tudo o que ele conseguiu foi um grande silêncio e o começo de uma vida cheia de surpresas.

Ele se achou em profunda confusão e foi parar, atordoado, em um quarto emprestado. Deus o deixou ali por alguns dias com os olhos vendados, de tal forma que a única direção para a qual podia olhar era para dentro de si mesmo. E ele não gostou do que viu.

Ele se viu como realmente era. Para usar suas próprias palavras, "o pior de todos os pecadores". Um legalista. Um desmancha-prazeres. Um presunçoso que se considerava um *expert* em leis divinas. Um justiceiro que pesava a salvação de acordo com sua própria balança.

Foi aí que Ananias o encontrou. Não havia muito o que ver nele, fatigado e atordoado depois de três dias turbulentos. O aspecto de Pedro e de Sara também não era lá grande coisa. Mas o que os três tinham em comum daria mais de um

volume de teologia sistemática. Quando eles desistiram, Deus começou a agir, e o resultado foi a sua entrada triunfante no Reino.

Paulo estava um passo à frente do jovem rico. Ele não tentou barganhar com Deus. Ele não apresentou desculpas; simplesmente pediu misericórdia. Sozinho no quarto, com seus pecados na consciência e com sangue de inocentes em suas mãos, ele pediu para ser purificado.

As instruções de Ananias a Paulo merecem consideração. "Agora por que te demoras? Levanta-te, batiza-te e lava os teus pecados, invocando o seu nome."

Ele não precisou ouvir isso duas vezes. O Saulo legalista estava sepultado, e o Paulo liberto acabava de nascer. Ele nunca mais seria o mesmo. O mundo também não seria o mesmo depois dele.

Sermões desafiadores, discípulos dedicados, e quase 10 mil quilômetros de viagem. Quando suas sandálias não estavam pisavam chão das estradas, sua pena escrevia. Quando não estava explicando os mistérios da graça, articulava a teologia que determinaria o curso da civilização ocidental.

Todas as suas palavras podem ser resumidas em uma sentença: "Pregamos a Cristo crucificado." Não é que lhe faltasse assunto para outros sermões; é que ele simplesmente não podia esgotar o primeiro.

O absurdo de tudo isso continuava a movê-lo. Jesus poderia ter acabado com ele na estrada para Damasco. Poderia tê-lo entregue às aves de rapina. Poderia tê-lo mandado para o inferno. Mas não o fez. Jesus o enviou aos perdidos.

O próprio Paulo chamou isso de loucura. Ele o descreve com expressões como "pedra de tropeço" e "loucura", mas termina chamando de "graça".

E defende sua incondicional lealdade, dizendo: "O amor de Cristo [me] constrange."

Paulo nunca fez curso sobre Missões. Nunca se reuniu com uma comissão de sucessão pastoral. Nunca leu um livro sobre crescimento da Igreja. Ele foi simplesmente inspirado pelo Espírito Santo e se embriagou com o amor que torna possível o impossível: a salvação.

A mensagem é contundente; mostre a um homem suas falhas sem apresentar-lhe Jesus, e ele acabará caído em uma sarjeta. Apresente a um homem a religião sem levá-lo a reconhecer a imundície do pecado, e o resultado será um orgulhoso de ótima aparência cheio de arrogância. Mas reúna os dois com o mesmo propósito de coração - pecador que quer encontrar o Salvador e o Salvador que quer encontrar o pecador e o resultado será outro homem que se torna pregador e que incendeia o mundo com a mensagem do Evangelho.

Quatro pessoas: o jovem rico, Sara, Pedro e Paulo. Uma curiosa teia liga os quatro: seus nomes.

Os três últimos tiveram seus nomes mudados: Sarai para Sara, Simão para Pedro, Saulo para Paulo. Mas o primeiro, o jovem rico, nunca é citado pelo nome.

Talvez seja essa a explicação mais clara da primeira bem-aventurança. Quem procura fazer seu próprio nome, fica sem nome. Mas os que invocam o nome de Jesus - e somente o seu amor - recebem novos nomes e, mais do que isso, recebem uma nova vida.

CINCO

A Prisão do Orgulho

COMPARADA A UMA HORRÍVEL E SUPERLOTADA CELA DE PRISÃO NO BRASIL, até que esta não era tão má. Havia um ventilador sobre uma mesa. As camas tinham um colchão fino e um travesseiro. Havia uma bacia e uma pia.

De fato, não era tão ruim. Mas, mesmo assim, eu não gostaria de ficar ali.

Aníbal quis. Ele estava ali para ficar.

Mais chocante que o nome (Aníbal) era o próprio homem. A âncora tatuada em seu antebraço simbolizava sua personalidade: abandonado. Seus ombros largos esticavam a camisa. O mais leve movimento dos braços deixava à mostra seus músculos. Seu rosto era endurecido. Seu olhar feroz amedrontava um inimigo. Seu sorriso era uma explosão de dentes brancos.

Mas, agora, o olhar feroz havia desaparecido, e o sorriso era forçado. Aníbal não estava na rua, lugar que ele dominava; estava numa cadeia onde era prisioneiro.

Ele havia matado um homem - um *punk* da vizinhança, como Aníbal o chamava, um adolescente inquieto que vendia maconha aos jovens da rua e que se denunciava com sua própria boca. Certa noite, o traficante de drogas falou demais, e Aníbal resolveu silenciá-lo. Saindo do bar movimentado onde os dois haviam discutido, foi para casa, tirou um revólver da gaveta e voltou. Aníbal entrou e chamou o rapaz

pelo nome. O traficante se virou e foi atingido com uma bala no peito.

Aníbal era culpado. Ponto final. Sua única esperança era a de que o juiz concordasse que ele havia prestado um bom serviço à sociedade eliminando um dos seus problemas. Um mês depois, foi sentenciado.

Conheci Aníbal por meio de Daniel, um amigo cristão. Aníbal havia praticado halterofilismo na academia de ginástica de Daniel. Este lhe havia dado uma Bíblia e o visitara várias vezes. Agora, Daniel me levava junto em uma visita para que eu falasse de Jesus a Aníbal.

Nosso estudo se concentrou na cruz. Falamos sobre culpa. Falamos sobre perdão. Os olhos do prisioneiro se abrandaram ao pensar que Aquele que o conhecia melhor do que ninguém o amava mais do que qualquer pessoa no mundo. Seu coração foi tocado ao ouvir sobre o céu, uma esperança que nenhum carrasco poderia lhe tirar.

Mas, quando começamos a falar sobre conversão, sua face endureceu. A cabeça que havia estado inclinada em direção a mim, em sinal de interesse, agora se levantara, indicando cautela. Ele não gostou da minha afirmação de que o primeiro passo em direção a Deus é a admissão da culpa. Ele se sentia desconfortável com palavras como "eu errei" e "perdoa-me". Dizer "sinto muito" não fazia parte do seu modo de ser. Ele nunca mudou de opinião diante de qualquer pessoa, e não o faria agora, mesmo que essa pessoa fosse o próprio Deus.

Em uma última tentativa de abrandar seu orgulho, perguntei-lhe:

- Você não quer ir para o céu?

- Claro - murmurou.

- Você está pronto?

Antes, provavelmente responderia sim, mas agora ele ouvira muitos versículos bíblicos e sabia que não estava preparado.

Ele ficou olhando para o piso de concreto por um longo tempo, meditando sobre a questão. Por um momento, pensei que o seu coração de pedra estivesse se abrandando. Por um segundo, pareceu que o rude Aníbal pela primeira vez estava admitindo suas falhas.

Mas eu estava errado. Os olhos que se ergueram para se encontrar com os meus não estavam cheios de lágrimas; estavam com raiva. Não eram os olhos de um filho pródigo arrependido; eram os olhos de um prisioneiro irado.

- Muito bem - ele disse. - Eu me tornarei crente. Mas não espere que eu mude minha maneira de viver!

Essa resposta condicional deixou um gosto amargo na minha boca.

- Você não estabelece as regras - disse-lhe. - Isso não é um contrato que você negocia antes de assinar. É uma dádiva, uma dádiva imerecida! Mas, para recebê-la, você tem de admitir que precisa dela.

- Está bem - disse ele, levantando-se, passando seus grossos dedos nos cabelos. - Mas não espere me ver na igreja aos domingos.

Suspirei. Quantas pancadas na cabeça uma pessoa precisa receber antes de pedir ajuda?

Observando Aníbal andar de um lado para o outro na pequena cela, entendi que a verdadeira prisão não é feita de pedras e cimento, mas de orgulho. Ele era duplamente prisioneiro,

tanto por seu homicídio, quanto por sua obstinação. Uma prisão imposta pelas leis do país, outra, por ele mesmo.

A prisão do orgulho. Para muitos, ela não é tão óbvia como no caso de Aníbal, mas as características são as mesmas. O lábio superior é igualmente retesado arrogantemente, o queixo sempre levantado e o coração invariavelmente endurecido.

A prisão do orgulho está cheia de homens e mulheres auto-suficientes, determinados a se realizarem por sua própria força. Não importa o que eles façam, a quem façam ou a que fim cheguem; a única preocupação é dizer: "agi à minha própria maneira".

Você já viu esses prisioneiros. Já viu alcoólatras que não admitem seu problema. Já viu a mulher que se recusa a falar com qualquer pessoa sobre seus temores. Você já viu o comerciante que rejeita ajuda, mesmo quando seus sonhos estão caindo por terra.

Talvez, para ver tal prisioneiro, tudo o que você precise fazer é olhar-se no espelho.

'Se confessarmos nossos pecados, Ele é fiel e justo [...]'¹ A maior palavra da Escritura talvez seja esta de duas letras: *se*. Pois confessar pecados - admitir falhas - é exatamente o que os prisioneiros do orgulho se recusam a fazer.

Todos conhecem o velho chavão:

- Bem, posso não ser perfeito, mas sou melhor do que Hitler e, com certeza, mais bondoso do que Idi Amin!

- Eu, pecador? É certo que de vez em quando saio da linha, mas sou um sujeito legal!

- Escute, sou tão bom quanto qualquer outro. Pago meus impostos e sou treinador de um time de futebol infantil. Faço até doações para a Cruz Vermelha. Acho que Deus se sente orgulhoso de ter alguém como eu no seu time!

Justificação. Racionalização. Comparação. Estes são os instrumentos dos prisioneiros do orgulho. Soam bem. Parecem familiares. Parecem ser a melhor das músicas. Mas, no Reino de Deus, eles são de nenhum valor.

"Bem-aventurados os que choram [...]."

Chorar por seus pecados é o resultado natural da humildade de espírito. A segunda bem-aventurança deveria seguir a primeira. Mas nem sempre é esse o caso. Muitos negam suas fraquezas. Muitos sabem que estão errados, mas fazem de conta que estão certos. Como resultado, nunca provam o sofrimento admirável do arrependimento.

De todos os caminhos que conduzem à alegria, este é, sem dúvida, o mais estranho. A verdadeira bênção, diz Jesus, começa com tristeza profunda.

"Bem-aventurados os que sabem que estão em dificuldade e têm bom senso suficiente para admiti-lo."

Alegria através do choro? Liberdade pela submissão?
Livramento pela confissão?

Quer um modelo? Vou apresentar-lhe um.

Ele era nitroglicerina pura. Se alguém se chocasse com ele de maneira errada, ele explodia. Ganhava a vida com o trabalho de suas mãos e se metia em encrencas com sua boca. De alguma forma, tinha muito em comum com Aníbal. Se tivesse uma tatuagem, provavelmente seria uma enorme âncora preta

em seu antebraço. Se tivesse uma etiqueta, a sua diria: "Eu não fico com raiva; acerto as contas."

Ele era um dos homens do mar da Galiléia. Sua família o chamava de Simão, mas seu Mestre o chamou de "Rocha". Você o conhece como Pedro.

E, mesmo que não soubesse tudo a respeito de autocontrole, ele conhecia a profissão de pescador. Sabia enfrentar uma tempestade.

Naquela noite, Pedro sabia que estava em dificuldade.

Os ventos sopravam sobre o mar da Galiléia como um gavião pairando sobre sua presa. Relâmpagos cortavam o céu escuro. As nuvens vibravam com os trovões. A chuva caía leve e, depois, atingia com força a popa do barco, até que todos os tripulantes ficaram molhados e tremendo de frio. Ondas de três metros de altura se erguiam e os atiravam com força para baixo.

Aqueles homens molhados até os ossos não pareciam nem um pouco o grupo de apóstolos que, uma década mais tarde, mudaria o mundo. Não pareciam um exército marchando para os confins da terra, reescrevendo a História, um grupo de pioneiros que logo colocaria o mundo de cabeça para baixo. Na verdade, pareciam mais uma meia dúzia de marinheiros trêmulos imaginando se a próxima onda que passasse sobre eles não seria a última.

E podemos ter certeza de uma coisa. O que tinha olhos maiores e músculos mais fortes era Pedro. Já havia enfrentado tempestades. Certamente havia visto inúmeros naufrágios e resgatado corpos intumescidos que boiavam nas águas. Ele sabia o que a fúria do vento e das ondas podia fazer. E sabia

que um momento como aquele não era apropriado para tentar fazer seu nome entrar para a História; era hora de pedir ajuda. Foi por isso que, quando viu Jesus andando sobre as águas em direção ao barco, Pedro foi o primeiro a dizer:

- "Senhor! se és tu, manda-me ir ter contigo sobre as águas."

Note que, de alguma maneira, essa declaração é um simples pedido de constatação. Pedro queria ter certeza de que o que eles viam era realmente Jesus, não apenas alguém que se debatia nas águas tempestuosas do mar no meio da noite. (Todo cuidado é pouco, você sabe...)

Assim, Pedro consulta suas notas, tira os óculos, limpa a garganta e faz uma pergunta que qualquer bom advogado faria:

- Ei, Jesus, eu ficaria muito grato se você demonstrasse seu poder e provasse sua divindade chamando-me para andar sobre as águas com você!

Não acredito nisso. Não acho que Pedro estivesse buscando esclarecimento: acho que tentava mesmo era salvar seu pescoço! Tinha certeza de dois fatos: estava afundando e Jesus continuava em pé sobre as águas. E não demorou muito para escolher onde gostaria de estar!

Talvez uma melhor interpretação desse pedido seja:

- Jesuuuuuuus, se é você, venha me tirar daqui!

"Vem" é o convite de Jesus.

E Pedro atende imediatamente ao chamado. Não é todo dia que se anda sobre as águas com ondas mais altas do que nós. Mas, diante da opção entre a morte certa e a vida possível, Pedro sabia o que queria.

Os primeiros passos foram bem. Mas, depois de alguns lances na água, ele se esqueceu de olhar para aquele que o havia trazido até ali e começou a afundar.

Nesse ponto, vemos a principal diferença entre Aníbal e Pedro: a diferença entre o homem que esconde seu problema e o que o admite.

Aníbal estava mais preocupado com sua imagem do que com seu pescoço. Ele preferia afundar a permitir que seus amigos soubessem que ele pedira ajuda. Ele preferia se afogar "à sua maneira" a se livrar "à maneira de Deus".

Pedro, ao contrário, sabia mais do que contar os dentes na boca de um cavalo dado. Ele sabia mais do que morder a mão que podia salvá-lo. Sua reação pode não ter sido muito educada: provavelmente não o colocaria na capa de uma revista de circulação nacional, mas o tirou das águas profundas.

- "Salva-me!"

E, visto que Pedro preferia engolir o orgulho e não a água, a mão de Cristo o segurou e o levantou.

A mensagem é clara.

Se, para você, Jesus é *uma* entre muitas opções, então Ele não é *a* opção. Se você pode carregar seu próprio fardo, não precisa de alguém para ajudá-lo. Se sua situação não lhe traz sofrimento, você não receberá conforto. Se para você tanto faz recebê-lo ou deixá-lo, é melhor deixá-lo, porque Ele não pode ser aceito pela metade!

Mas, quando você chora, quando chega a ponto de sofrer pelos seus pecados, quando admite que não tem outra opção senão lançar seus cuidados sobre Jesus, e quando não há

verdadeiramente outro nome que possa invocar, então lance sobre Ele todos os seus temores, pois Ele está esperando no meio da tempestade!

SEIS

Toques de Ternura

SER PAI É MELHOR DO QUE TER UM CURSO DE TEOLOGIA.

Ontem, dois garotos de dez anos avançaram contra minha filha de cinco anos, quando saltava do ônibus escolar, ameaçaram-na e exigiram que ela saísse correndo.

Quando cheguei em casa, ela me contou o que havia acontecido.

- Tive vontade de chorar, mas não chorei. Fiquei sentada, morrendo de medo!

Meu impulso imediato foi o de descobrir os nomes dos garotos e acertar o nariz de seus pais. Mas não o fiz. Tomei a atitude mais importante. Levantei minha garotinha e a coloquei no colo, envolvendo-a com meus braços e dizendo-lhe que não se preocupasse com aqueles garotos arruaceiros, porque seu papai estava ali, e deixei bem claro que, se eles ousassem se aproximar de minha princesa, teriam de me enfrentar.

E isso foi o suficiente para Jenna. Ela pulou de meu colo e saiu correndo para o jardim.

Poucos minutos depois, ela voltou chorando. Sua sobrelha estava ferida.

Eu a tomei nos braços e a levei ao banheiro para socorrê-la. Ela tentou me explicar o que acontecera.

- Eu [fungou] estava rodando [fungou] como um helicóptero [fungou] e então caí - ela disse chorando.

- Vai ficar tudo bem - disse-lhe, sentando-a na bancada do banheiro.

- Posso usar um curativo?

- Pode.

- Um bem grande?

- O maior que houver!

- Sério?

Coloquei um curativo sobre seu ferimento e a segurei à altura do espelho para que pudesse ver seu emblema de coragem.

- Uau! Posso mostrar à mamãe?

- Claro! - disse-lhe sorrindo.

E aquilo foi o suficiente para Jenna.

- Papai!

A voz vinha de outro mundo - o mundo do despertar. Eu a ignorei e continuei no mundo do dormir...

- Papai! - a voz insistiu.

Abri um olho. Andrea, nossa filha de três anos, estava à beira da minha cama, a poucos centímetros do meu rosto.

- Papai, eu estou com medo!

Abri o outro olho. Eram três horas da manhã.

- O que está acontecendo?

- Preciso de uma lanterna no meu quarto.

- O quê?

- Preciso de uma lanterna no meu quarto!

- Por quê?

- Porque está escuro.

Disse-lhe que as luzes estavam acesas. Disse-lhe que as luzes do corredor estavam acesas.

- Mas, papai - interrompeu -, o que acontece se eu abrir os meus olhos e não enxergar nada?

- Diga de novo.

- O que acontece se eu abrir os meus olhos e não enxergar nada?

Quando eu me preparava para dizer a Andrea que aquela não era uma hora apropriada para esse tipo de pergunta, minha mulher interrompeu a conversa. Ela me explicou que, por volta da meia-noite, havia faltado energia e que Andrea devia ter acordado naquela hora em meio à escuridão. Não havia luz no abajur da cabeceira de sua cama. Não havia luz no corredor. Ela havia aberto os olhos e não vira nada. Somente escuridão.

Mesmo os corações mais empedernidos seriam tocados pela idéia de uma criança acordar no escuro e não poder encontrar a saída de seu quarto.

Pulei da cama, peguei Andrea nos braços, apanhei uma lanterna e a levei para sua cama. Ao mesmo tempo, disse-lhe que papai e mamãe estavam ali e que não precisava ter medo. Eu a coloquei na cama e lhe dei um beijo.

E isso foi o suficiente para Andrea.

O sentimento de minha filha é ferido. Eu lhe digo que ela é especial.

Minha filha é magoada. Eu faço de tudo para ela se sentir melhor.

Minha filha está com medo. Não vou dormir até que ela se sinta segura.

Não sou nenhum herói. Não sou um super-homem. Não sou diferente de ninguém. Sou pai. Quando uma criança se fere, o pai faz o que é natural. Ele ajuda.

E, depois que ajudo, não cobro pelos serviços prestados.

Não peço um favor sequer como recompensa. Quando minha filha chora, não lhe digo para calar a boca, ser forte e manter os lábios cerrados. Também não questiono sobre a lista de coisas que lhe aconteceram nem pergunto por que continua a ferir a mesma sobancelha e a me acordar de novo.

Não sou brilhante, mas ninguém precisa me dizer que uma criança não é um adulto. Você não precisa ser psicólogo infantil para saber que uma criança está em processo de crescimento. Você não precisa ter a sabedoria de Salomão para entender que seus filhos não pediram para vir a este mundo, que é possível limpar o leite derramado e substituir pratos quebrados.

Não sou profeta, nem filho de profeta, mas algo me diz que, no esquema geral das coisas, os momentos de ternura acima relatados são infinitamente mais valiosos do que qualquer coisa que faça diante de uma tela de computador ou de uma congregação. Algo me diz que os instantes de conforto que proporciono a meus filhos são um preço muito baixo pela alegria de algum dia ver minha filha fazer por sua filha o que seu pai fez por ela.

Momentos de conforto proporcionados por um pai. Como pai, posso lhe dizer que são os mais agradáveis do meu cotidiano.

Eles ocorrem naturalmente. São vividos com prazer. Trazem sempre muita alegria.

Se tudo isso é verdade, se reconheço que um dos privilégios da paternidade é confortar um filho, por que, então, hesito em permitir que o Pai celeste me console?

Por que penso que Ele não quer me ouvir falar sobre meus problemas? (Eles são insignificantes se comparados aos das populações famintas de muitos países no mundo.)

Por que penso que Ele não tem tempo para mim? (Ele tem o Universo inteiro para cuidar.)

Por que acho que Ele está cansado de ouvir sempre as mesmas coisas?

Por que penso que resmunga quando sente que estou chegando perto dele?

Por que acho que consulta sua lista quando lhe peço perdão e me pergunta: "Você não acha que está caindo no mesmo buraco com muita frequência?"

Por que acho que tenho de usar com Ele uma linguagem sagrada que não uso com ninguém mais?

Por que acho que Ele não pensa em relação ao Pai da Mentira o que eu pensei em fazer com os pais daqueles arruaceiros que ameaçaram minha filha no ônibus?

Penso que estava apenas sendo poético quando me perguntou se as aves do céu e a erva do campo têm preocupações? (Não, senhor.) E, se elas não têm preocupações, por que devo ter?

Por que não o levo a sério quando Ele pergunta: "Se vós, pois, sendo maus, sabeis dar boas dádivas a vossos filhos, quanto mais vosso Pai, que está nos céus, dará boas coisas aos que lhas pedirem?"

Por que não permitir que meu Pai faça por mim o que estou mais do que desejoso de fazer por meus próprios filhos?

Estou aprendendo, entretanto. Ser pai é melhor do que ter um curso de Teologia. Ser pai me ensina que, quando sou criticado, ferido, amedrontado, há um Pai pronto a me confortar. Há um Pai que me sustenta nos braços até eu me sentir melhor, que me ajuda até que eu possa viver com o ferimento, e que não dormirá quando eu estiver com medo de acordar e vir a escuridão.

Sempre.

E isso é o bastante.

SETE

A Glória do Comum

HÁ UMA PALAVRA QUE DESCREVE A NOITE EM QUE ELE VEIO AO MUNDO: *comum*.

O céu era comum. Uma rajada ocasional de vento movia as folhas e refrescava o ar. As estrelas no céu brilhavam como diamantes sobre um céu de veludo negro. Nuvens fluíam diante da Lua.

Era uma linda noite, digna de ser apreciada da janela do quarto, mas nada de extraordinário. Nenhum motivo para esperar uma surpresa. Nada que fizesse uma pessoa ficar acordada. Uma noite comum, com um céu comum.

As ovelhas eram comuns. Algumas eram gordas. Outras, magricelas. Algumas tinham ventre avantajado. Algumas tinham pernas finas. Eram animais comuns. Não tinham lã de

ouro. Nada de extraordinário. Nenhuma vencedora de prêmios em exposições. Eram apenas ovelhas... silhuetas vagando na paisagem campestre.

E os pastores. Eram camponeses. Provavelmente usando todas as roupas de que dispunham. Cheirando igual a ovelha e igualmente vestidos de lã. Eram pessoas responsáveis, querendo passar a noite com seus rebanhos. Mas você não encontrará seus cajados num museu, nem seus escritos numa biblioteca. Ninguém pediu a opinião deles sobre justiça social ou sobre a aplicação da lei mosaica. Trabalhadores anônimos e simples.

Uma noite comum, com ovelhas comuns e pastores comuns. E se não fosse o fato de existir um Deus que gosta de colocar o extraordinário diante do ordinário, aquela noite teria passado despercebida. As ovelhas teriam sido esquecidas, e os pastores teriam dormido toda a noite.

Mas Deus atua em ambientes comuns. E naquela noite Ele produziu música como nunca!

O céu escuro explodiu em brilho. Árvores escondidas nas sombras despontaram na claridade. Ovelhas silenciosas se tornaram agitadas de curiosidade. Num instante, o pastor morria de sono, a seguir esfregava os olhos e contemplava o rosto de um estranho.

A noite deixou de ser comum.

O anjo veio à noite porque é quando se pode ver melhor a luz, quando ela é mais necessária. Deus se faz presente nas coisas comuns pelo mesmo motivo.

Seus instrumentos mais poderosos são os mais simples.

Pense no cajado de Moisés. Mas, a essa altura da vida, Moisés havia sido pastor tanto quanto havia sido príncipe, e já estava acostumado a essa função. Pastorear ovelhas não era tão emocionante na corte egípcia, mas tinha seus momentos, especialmente aquele em que Deus lhe falou numa sarça ardente, que não se consumia. Deus anunciou que Moisés era o homem escolhido para libertar os israelitas. Moisés não estava convencido de que era a pessoa ideal para essa missão.

Deus disse que não importava quem era Moisés; importava, sim, quem era Deus. E Ele partiu para a prova.

- Moisés - disse a voz vinda da sarça ardente -, lança tua vara ao chão.

Moisés, que por anos caminhava por aquela montanha, não se sentiu confortável com aquela ordem.

- Senhor Deus, o Senhor sabe muitas coisas, muitas coisas mesmo, mas isso talvez não saiba, isto é, não se anda lançando vara ao chão à toa. Nunca se sabe o que acontece...

- Atira-a, Moisés!

Moisés a atirou. A vara se transformou numa serpente, e Moisés começou a correr.

- Moisés!

O velho pastor parou.

- Estende tua mão e pegue-a pela cauda.

Moisés olhou por sobre os ombros, primeiro para a serpente e depois para a sarça, e então deu a mais corajosa resposta que podia balbuciar.

- O quê?

- Pegue a serpente pela cauda. (A essa altura, Deus devia estar rindo!)

- Deus, não quero contrariar, isto é, o Senhor sabe muitas coisas, mas, aqui no deserto, não pegamos em serpentes frequentemente, e *nunca* pegamos pela cauda!

- Moisés!

- Sim, Senhor.

Quando Moisés tocou as escamas retorcidas da serpente, ela se enrijeceu e transformou-se em vara. E Moisés a ergueu. A mesma vara que ele levantaria na corte do faraó. A mesma vara que ele levantaria para dividir as águas e guiar dois milhões de pessoas pelo deserto. A vara que provaria a Moisés que, se Deus pode fazer uma vara se tornar em serpente e retornar ao seu estado original, talvez pudesse fazer algo com corações endurecidos e com pessoas de dura cerviz.

Talvez Ele possa fazer algo com o comum.

Veja outro pastor de Belém.

Há certas coisas que qualquer pessoa sabe que não pode fazer. Não se tenta laçar um furacão. Não se enfrenta um leão com um palito de dentes. Não se sopra vento. Não se caça um urso com uma espingarda que dá tiros de festim. E não se manda um menino pastor combater um gigante.

Não se faz isso de modo nenhum, a não ser que não se tenha outra opção. Saul não tinha outra opção. E é quando ficamos sem opções que mais prontos estamos para as surpresas de Deus.

E quão surpreso Saul ficou!

O rei tentou dar equipamento a Davi.

- O que você quer, rapaz? Escudo? Espada? Granadas? Rifles? Helicóptero? Faremos de você um verdadeiro Rambo!

Davi tinha outra coisa em mente. Cinco pedras pequenas e uma funda de couro.

Os soldados prenderam a respiração. Saul suspirou. Golias zombou. Davi arremessou, e Deus mostrou o que podia fazer.

"Quem subestima o que Deus pode fazer com as coisas comuns da vida leva uma pedrada na cabeça."

Que tal o cego que Jesus e seus discípulos encontraram?

Os discípulos acharam que este era um grande caso para estudo teológico.

- Por que você acha que ele é cego? - perguntou um.

- Deve ter pecado.

- Não, a culpa é dos seus pais.

- Jesus, o que você acha? Por que ele é cego?

- Ele é cego para mostrar o que Deus pode fazer.

Os apóstolos sabiam o que ia acontecer; eles já tinham visto isso nos olhos de Jesus. Eles sabiam o que Ele ia fazer, mas não sabiam como. "Um relâmpago? um trovão? um grito? um bater de palmas?" Eles observavam.

Jesus começou a movimentar a boca. Os espectadores olharam para Ele.

- O que está fazendo?

Ele movimentou o queixo como se estivesse mastigando alguma coisa!

Alguns começaram a se inquietar. Jesus mastigava. Sua boca se movimentou até conseguir o que queria. Cuspe. Saliva comum.

Se ninguém o disse, pelo menos devia estar pensando:

- Eta!

Jesus cuspiu no chão, mexeu com o dedo a terra molhada, e, assim que se formou uma espécie de lodo, Ele o aplicou sobre os olhos do cego.

O mesmo que transformou uma vara num cetro e um seixo num míssil, agora torna saliva e lama num bálsamo para o cego.

Mais uma vez, o comum torna-se sublime. Mais uma vez, o insípido torna-se divino, e o prosaico, sagrado. Mais uma vez, o poder de Deus é visto não por meio da habilidade do instrumento, mas por meio de sua disponibilidade.

- "Bem-aventurados os mansos" - Jesus explica.

Bem-aventurados os disponíveis. Bem-aventurados os canais, os túneis, os instrumentos. Fantasticamente felizes são aqueles que acreditam que, se Deus pode usar varas, pedras e saliva para cumprir sua vontade, então Ele pode também nos usar para o cumprimento de seus propósitos.

É muito proveitoso aprender a lição da vara, das pedras e da saliva. Não reclamaram. Não questionaram a sabedoria de Deus. Não sugeriram um plano alternativo. Talvez uma das razões por que o Pai usou tantos objetos inanimados para o cumprimento de seus propósitos é que eles não lhe dizem como realizar seu trabalho!

É como a história do barbeiro que se tornou artista. Quando lhe perguntaram por que mudou de profissão, ele respondeu:

- Uma tela não me diz como torná-la bonita.

O manso também não.

É por isso que foi anunciado primeiramente aos pastores. Eles não perguntaram a Deus se Ele sabia o que estava fazendo. Se o anjo tivesse ido aos teólogos, primeiro, eles iriam consultar

seus comentários. Se ele tivesse ido à elite, teria ela olhado ao seu redor para ver se havia alguém observando. Se tivesse ido aos bem-sucedidos, eles teriam inicialmente consultado suas agendas.

Por isso, ele foi aos pastores. Homens que não tinham um nome a proteger, um interesse pessoal a preservar ou uma escala social a subir. Homens que não sabiam o bastante para dizer a Deus que anjos não cantam para pastores e que não se encontram messias enrolados em panos e dormindo numa manjedoura...

Uma capelinha nos arredores de Belém marca o suposto lugar do nascimento de Jesus. Por detrás do altar elevado, há uma gruta pequena e iluminada por lâmpadas de luz prateada.

Você pode entrar no prédio principal e admirar a antiga igreja. Pode também visitar a tranqüila gruta onde uma cruz cravada no chão marca o nascimento do Rei. Há uma condição, entretanto. Você tem de se abaixar. A porta é tão baixa que não se pode entrar sem se curvar.

O mesmo acontece em relação a Cristo. Você pode encarar o mundo em pé, mas para confessar a Cristo tem de se ajoelhar. Portanto...

Enquanto os teólogos dormiam e a elite sonhava, e os bem-sucedidos roncavam, os mansos se ajoelhavam.

Eles se ajoelhavam diante daquele que somente os mansos podem ver. Diante de Jesus.

OITO

O Ladrão da Alegria

ELE ERA UM LADRÃO PROFISSIONAL. SEU NOME INSPIRAVA MEDO, COMO o vento do deserto espalha ervas daninhas. Ele aterrorizou durante 13 anos as diligências da linha de Wells Fargo, rugindo como um furacão e saindo de Sierra Nevada, assombrando os mais rudes homens da fronteira. Nos jornais de São Francisco a Nova York, seu nome se tornou sinônimo de perigo na fronteira.

Durante seu reino de terror, entre 1875 e 1883, ele roubou a bagagem e o fôlego de 29 tripulações de diligências diferentes. E fez tudo isso sem disparar um tiro sequer.

Sua arma era sua reputação. Sua munição, a intimidação.

Andava com o rosto coberto por um lenço. Nenhuma vítima jamais o viu. Nenhum artista pôde fazer seu retrato. Nenhum delegado pôde seguir sua trilha. Ele nunca deu um tiro nem seqüestrou alguém. Ele não precisava fazê-lo. Sua presença era o bastante para paralisar as pessoas.

Black Bart. Um bandido mascarado, equipado com uma arma poderosa.

Ele me faz lembrar outro ladrão que ainda anda por aí. Você o conhece, mas também nunca viu seu rosto. Você não pode descrever sua voz nem fazer seu retrato falado. Mas, quando ele está por perto, você o sente por causa das batidas do seu coração.

Se você já esteve num hospital, já sentiu o toque de sua mão áspera sobre a sua.

Se você já sentiu que alguém o estava seguindo, já sentiu sua respiração no pescoço.

Se você acordou tarde da noite num quarto estranho, foi seu terrível sussurro que roubou seu sono.

Você o conhece.

Ele é o ladrão que fez as palmas de suas mãos suarem ao ser entrevistado para um emprego.

Foi esse vigarista que o convenceu a trocar a integridade pela popularidade.

E foi esse patife que segredou em seu ouvido ao deixar o cemitério:

- Você pode ser o próximo!

Ele é o Black Bart da alma. Ele não quer o seu dinheiro. Ele não quer seus diamantes. Ele não está querendo seu carro. Ele quer algo muito mais importante. Ele quer a paz do seu espírito, sua alegria.

Seu nome?

Medo.

Sua missão é roubar sua coragem e deixá-lo trêmulo e tímido. Seu *modus operandi* é manipular você com o misterioso, insultar você com o desconhecido. Medo da morte, medo do fracasso, medo de Deus, medo do amanhã... Seu repertório é muito vasto. Seu objetivo? Criar almas covardes e sem alegria. Ele não quer que você faça a viagem para o topo das montanhas. Ele imagina que, se puder sacudi-lo bastante, você acabará desviando os olhos das alturas e partindo para uma existência vã e monótona.

Uma lenda da Índia conta a história de um rato que tinha pavor de gatos, até que um mágico concordou em transformá-

lo em gato. Isso resolveu seu medo... até que ele encontrou um cachorro; então o mágico o transformou em um cachorro. O rato-tornado-gato-tornado-cachorro ficou contente, até que encontrou um tigre. Assim, mais uma vez, o mágico o transformou naquilo que ele temia. Mas, quando o tigre veio se queixar de ter encontrado um caçador, o mágico se recusou a ajudar.

- Eu o transformarei em um rato novamente, pois, apesar de ter o corpo de um tigre, ainda tem um coração de rato!

Essa história lhe parece familiar? Quantas pessoas você conhece com extraordinário porte físico, mas que, por dentro, tremem de medo? Aplacamos nossas ansiedades assumindo a aparência de um tigre. Enfrentamos nossos temores pela força. Poder militar, sistemas de segurança, estratégias de defesa... tudo isso dá a idéia de que músculos produzem segurança.

Ou, se não usamos a força, tentamos outros métodos. Acumulamos riqueza. Procuramos segurança nas coisas. Cultuamos a fama e buscamos *status*.

Mas será que essas coisas funcionam? Será que o poder, a riqueza ou a popularidade nos livram de nossos temores?

Se o poder conseguisse fazer isso, então Joseph Stalin não teria tido medo de nada. Ao contrário, esse perverso ditador russo tinha medo de ir para a cama. Ele tinha sete dormitórios diferentes. Cada um deles podia ser tão bem trancado quanto um cofre. A fim de enganar qualquer possível assassino, ele dormia cada noite em um dormitório diferente. Ele era transportado, para onde quer que fosse, em um comboio de cinco limusines, com os vidros fechados por cortinas, de tal maneira que ninguém soubesse em qual delas viajava. Era tão

preocupado com sua segurança que tinha um funcionário só para proteger seus saquinhos de chá!¹

Se a riqueza suplantasse o medo, o falecido bilionário Howard Hughes não teria temido nada neste mundo. Mas você talvez conheça sua história. Sua desconfiança em relação às pessoas e sua paranóia com germes levaram esse bilionário a refugiar-se no México, onde morreu sozinho, como um fantasmagórico eremita, com a barba até a barriga e com unhas como um saca-rolhas.

E quanto à popularidade? A fama do *Beatle* John Lennon como cantor, compositor e ídolo popular fez dele uma das pessoas mais conhecidas do mundo, mas seus temores lhe causavam sofrimentos. Seus biógrafos o retratam como um homem amedrontado, que não dormia com as luzes apagadas e que tinha medo de tocar em qualquer coisa por causa de micróbios.

Apesar de Stalin, Hughes e Lennon serem casos extremos, eles são bons exemplos. "Apesar de você ter um corpo de tigre, ainda tem o coração de um rato!"

Compare essas histórias à vida de um jovem ousado, mas pouco conhecido, chamado Paul Keating. Em 1980, numa noite fria de fevereiro, Keating, de 27 anos de idade, estava indo para casa em Greenwich, Manhattan, quando viu dois assaltantes armados roubando um estudante universitário. Keating, um fotógrafo muito gentil e admirado da revista *Time*, tinha tudo para evitar o problema. Ele não conhecia o estudante. Ninguém sabia que ele havia presenciado o crime. Estava sozinho. Não tinha nada a ganhar e muito a perder por correr o risco, e mesmo assim partiu para cima dos assaltantes.

A vítima fugiu e correu para uma delegacia próxima em busca de socorro. Momentos depois, dois tiros foram disparados, e os assaltantes fugiram. Paul Keating foi encontrado morto na calçada.

A cidade de Nova Iorque concedeu-lhe uma medalha póstuma de heroísmo. Concordo com o comentário feito pelo prefeito Edward Koch, por ocasião da cerimônia fúnebre: "Ninguém estava observando Paul Keating na rua naquela noite. Ninguém o obrigou a enfrentar aquele problema. Só o fez por causa daquilo que ele era."

Muito bem observado.

A coragem é fruto daquilo que somos. Apoio externo pode sustentar temporariamente, mas somente o caráter produz coragem.

E são essas convicções internas que Jesus está construindo nas bem-aventuranças. Lembre-se de que Mateus 5 não é uma lista de provérbios ou uma compilação de pensamentos independentes, mas uma exposição passo a passo de como Deus reconstrói o coração do crente.

O primeiro passo é pedir ajuda - tornar-se "humilde de espírito" - e admitir a necessidade de um Salvador.

O próximo passo é tristeza: "Bem-aventurados os que choram [...]". Os que choram são aqueles que sabem que estão errados e pedem perdão. Não são desculpas. Não são justificativas. São lágrimas.

Os dois primeiros passos são admitir o próprio erro e arrepender-se do orgulho. O passo seguinte é de renovação: "Bem-aventurados os mansos [...]". A admissão da fraqueza conduz à fonte de poder - Deus. E a renovação surge quando

nos tornamos mansos - quando entregamos nossa vida a Deus para sermos seus instrumentos.

As duas primeiras palavras bem-aventuradas passam pelo fogo da purificação; a terceira nos coloca nas mãos do Mestre.

Qual é o resultado desse processo? Coragem: "[...] eles herdarão a terra." O medo e as coisas terrenas não nos dominarão mais porque seguimos Aquele que tem a terra em sujeição.

Você precisa de um pouco de coragem? Você está recuando mais do que ficando firme diante das dificuldades? Se for assim, permita que o Mestre o conduza à montanha. Permita que Ele lhe diga porque não deve temer. Preste atenção ao episódio em que Jesus acabou com o frio no estômago dos seus discípulos nervosos e veja se suas palavras podem ajudá-lo.

Devemos nos lembrar de que os discípulos eram homens comuns que haviam recebido uma tarefa desafiadora. Antes de serem os santos representados nos vitrais das catedrais, eles foram homens comuns vivendo em determinada vizinhança e procurando ganhar a vida com suas atividades do dia-a-dia. Eles não foram recortados de tecido teológico, nem alimentados com leite sobrenatural. Mas eles eram poucos gramas mais dedicados do que medrosos e, como resultado disso, fizeram coisas extraordinárias.

Não teriam feito nada, entretanto, se não houvessem aprendido a enfrentar seus temores. Jesus sabia disso. E foi por isso que Ele disse essas palavras de ânimo.

Os discípulos estavam sendo enviados sozinhos. Por algum tempo, eles deveriam ir às cidades e fazer o que o Mestre

havia feito, mas sozinhos. Jesus os reuniu para dar as últimas instruções. Talvez os discípulos parecessem nervosos, porque tinham razão para tanto. O que Jesus lhes disse aumentaria a pressão arterial do mais ousado desbravador.

Primeiro Jesus lhes disse para não levar dinheiro nem roupa extra para a viagem.

- Nenhum dinheiro?

Depois Ele lhes disse que estavam sendo enviados "como cordeiros no meio de lobos".

- Epa! O que o Senhor quer dizer com isso, Mestre?

Sua resposta não é animadora. Ele lhes diz que serão levados perante as autoridades, açoitados e presos.

E a coisa fica pior ainda.

Jesus antevê o impacto que a missão deles terá sobre o povo.

"Um irmão entregará à morte a seu irmão, e um pai a seu filho; e filhos se levantarão contra os pais e os matarão. E sereis odiados de todos por causa do meu nome, mas aquele que perseverar até o fim, esse será salvo."

Alguns olhos se baixaram. Outros se arregalaram. Alguém engoliu a seco. Alguns pés se moveram. Alguém enxugou as sobancelhas. E mesmo que ninguém tenha dito, sabemos que alguém estaria pensando: "Seria tarde demais para sair desse negócio?"

Esta é a situação que levou Jesus a proferir essas palavras de incentivo. Três vezes em cinco versículos Ele diz "não temais". Leia as palavras e veja a ênfase que dá coragem. Veja o motivo por que você deve dormir bem esta noite:

"Portanto, não os temais; porque nada há encoberto [...] que não haja de ser conhecido."

À primeira vista, estas palavras parecem mais um motivo de pânico do que fonte de paz. Quem de nós gostaria de ver revelados publicamente seus mais secretos pensamentos? Quem gostaria de tornar público seus pecados secretos? Quem gostaria da idéia de que todos os erros que houvesse cometido fossem anunciados a todos?

Você está certo. Ninguém gostaria. Mas repetidas vezes somos informados de que tal coisa *acontecerá*:

E não há criatura alguma encoberta diante dele. Antes todas as coisas estão nuas e patentes aos olhos daquele a quem havemos de prestar contas.

Ele revela o profundo e o escondido; conhece o que está em trevas, e com ele mora a luz.

Digo-vos, pois, que, de toda palavra fútil que os homens disserem, hão de dar conta no dia do juízo.

Diante de ti puseste as nossas iniquidades; à luz do teu rosto, os nossos pecados ocultos.

[Ele] não só trará à luz as coisas ocultas das trevas, mas também manifestará os desígnios dos corações [...].

Pensar na revelação do que há oculto em meu coração suscita a emoção de vergonha, humilhação e constrangimento. Há coisas que fiz que não quero que ninguém saiba. Há pensamentos que me ocorreram que não quero que sejam revelados. Então por que será que Jesus aponta para o dia da revelação como razão para termos *ânimo*? Como poderia cingir-me de força naquele que seria um momento de angústia?

A resposta se encontra em Romanos 2.16. Respire aliviado ao sublinhar as três últimas palavras do versículo: "No dia em

que Deus há de julgar os segredos dos homens, *por Jesus Cristo.*" Você notou? Jesus é a tela para a qual Deus olha quando julga nossos pecados. Agora leia outro grupo de textos e preste atenção ao que eles prometem:

Portanto, agora nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus.

Para demonstração da sua justiça neste tempo presente, para que ele [Deus] seja justo e também justificador daquele que tem fé em Jesus.

[...] por ele é justificado todo o que crê.

Porque serei misericordioso para com suas iniquidades, e de seus pecados não me lembrarei mais.

Porque morrestes, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus.

Se você está em Cristo, estas promessas não são apenas uma fonte de alegria. Elas são também o fundamento da verdadeira coragem. Temos a garantia de que nossos pecados serão filtrados por meio do sacrifício de Cristo, nele ocultos por essa perspectiva. Quando Deus olha para você, não é você que Ele vê, mas sim aquele que está ao seu redor. Isto significa que as falhas não devem preocupá-lo. Sua vitória é certa! Como, então, não ser corajoso?

Pense assim. Imagine que você está numa competição de patinação no gelo. Você está no primeiro lugar e falta apenas uma rodada. Se seu desempenho for bom, receberá o troféu. Você está nervoso, ansioso, amedrontado.

Então, somente alguns minutos antes de completar a prova, seu treinador se aproxima para lhe dar a emocionante notícia: "Você ganhou a competição! Os juízes já tabularam a

pontuação, e a pessoa que está em segundo lugar não pode mais ganhar de você. Você está muito à frente!"

Ao ouvir esta notícia, como você se sentiria? Exultante!

E como vai patinar? Timidamente? Cautelosamente? Claro que não. Que tal corajosa e confiantemente? Garanto que sim! Você fará o melhor, porque o prêmio é seu. Patinará como um campeão porque é isto o que você é. Você ouvirá os aplausos da vitória!

Daí estas palavras de Hebreus: "Tendo, pois, irmãos, *ousadia* para entrarmos no santíssimo lugar, pelo sangue de Jesus [...] cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira *certeza* de fé."

A mensagem é clara: a verdade triunfará. O Pai da verdade vencerá, e os seguidores da verdade serão salvos.

Como resultado disso, Jesus diz: "Não temais."

O que vos digo às escuras, dissei-o às claras; e o que escutais ao ouvido, dos eirados pregai-o. E não temais os que matam o corpo e não podem matar a alma; temei antes aquele que pode fazer perecer no inferno tanto a alma como o corpo.

Os temores deste mundo não são tão temíveis assim. Todo o mistério é revelado. O destino final é garantido. Responda à grande questão da eternidade, e as pequenas questões da vida mudam de significado.

A propósito, lembra-se do Black Bart? Afinal, ele não era nada a se temer. Quando o capuz caiu, ele não inspirou qualquer temor. Quando finalmente as autoridades prenderam o ladrão, não encontraram o bandido sanguinário do Death Valley (Vale da Morte); encontraram um farmacêutico bem-comportado de Decatur, Illinois. O homem que os jornais

apontavam como alguém que galopava pelas montanhas sempre em alta velocidade tinha, na realidade, tanto medo de cavalos que praticava seus assaltos viajando numa pequena carruagem. Ele era Charles E. Boles, o bandido que nunca deu um tiro, porque nem sequer usava um revólver carregado! Existem "falsos capuzes" no seu mundo?

NOVE

A Sede Satisfeita

- MAMÃE, ESTOU COM MUITA SEDE. QUERO ÁGUA!

Susanna Petroysan ouviu o pedido da filha, mas não podia fazer nada. Ela e sua filha de quatro anos, Gayaney, encontravam-se debaixo de toneladas de aço e concreto. Ao seu lado, no escuro, estava o corpo de sua nora, Karine, uma das 55 mil vítimas do pior terremoto da história da Armênia. A calamidade nunca bate antes de entrar, e desta vez ela derrubou a porta.

Susanna tinha ido à casa de Karine provar um vestido. Era 7 de dezembro de 1988, 11h30 da manhã. O tremor de terra ocorreu às 11h41. Ela havia tirado o vestido e estava apenas de meias e anágua, quando o quinto andar do edifício começou a tremer. Susanna agarrou sua filha e ensaiou dar alguns passos, quando o piso se abriu e elas afundaram. Susanna, Gayaney e Karine caíram no subsolo do prédio de nove andares, cercadas de escombros.

- Mamãe, eu estou com muita sede. Por favor, me dê alguma coisa para beber!

Não havia nada que Susanna pudesse fazer.

Ela estava deitada debaixo dos escombros. Uma viga de concreto sobre sua cabeça e um cano d'água sobre os ombros a impediam de se levantar. Tateando no escuro, ela encontrou um pote de geléia caído no porão. Ela deu toda a geléia para a filha comer. Já havia passado o segundo dia.

Susanna sabia que ia morrer, mas queria pelo menos tentar salvar a filha. Encontrou um vestido, talvez até aquele que viera provar, e improvisou uma cama para Gayaney. Apesar de estar fazendo muito frio, ela tirou suas meias e as colocou sobre a menina a fim de aquecê-la.

As duas ficaram ali durante oito dias.

Por causa da escuridão, Susanna perdeu a noção do tempo. Por causa do frio, perdeu a sensibilidade dos dedos das mãos e dos pés. Por causa dessa impossibilidade de se mover, perdeu a esperança.

- Eu estava apenas esperando a morte chegar!

Ela começou a ter alucinações. Seus pensamentos vagueavam. De vez em quando, um sono providencial a livrava dos horrores daquele sepultamento em vida: o frio, a fome, ou, mais freqüentemente, a voz de sua filha.

- Mamãe, estou com sede.

Em algum ponto daquela noite que parecia uma eternidade, Susanna teve uma idéia. Ela se lembrou de um programa de televisão em que um explorador do Ártico estava morrendo de sede. Seu companheiro fez um corte profundo na mão e deu seu próprio sangue para ele beber.

- Eu não tinha água, nenhum suco de fruta, nenhum líquido. Foi aí que me lembrei que tinha meu próprio sangue!

Tateando com os dedos dormentes de frio, encontrou um pedaço de vidro quebrado. Abriu com ele o dedo polegar da mão esquerda e o deu para sua filha chupar.

As gotas de sangue não eram suficientes.

- Por favor, mamãe, um pouco mais. Corte o outro dedo.

Susanna não se lembra de quantas vezes teve de se cortar.

Ela sabe apenas que, se não houvesse feito isso Gayaney teria morrido. Seu sangue era a única esperança da filha.

- "Este cálice é o novo pacto em meu sangue" - explicou Jesus, apontando para o vinho.

Esta afirmação deve ter causado admiração aos apóstolos. Eles haviam aprendido a história do vinho da Páscoa. Ele simbolizava o sangue do cordeiro com que os israelitas, escravos do Egito no passado, haviam pintado os umbrais das portas de suas casas. Aquele sangue protegeu seus lares da morte e salvou seus primogênitos. Ele os ajudou a se livrarem do cativeiro egípcio.

Por muitas gerações, os judeus celebraram a Páscoa sacrificando um cordeiro. Todo ano, o sangue era derramado, e todo ano o livramento era celebrado.

A lei exigia o sangue de um cordeiro. Isso era suficiente.

Era suficiente para cumprir as exigências da lei. Era o bastante para atender ao mandamento. Era suficiente para atender à exigência da justiça de Deus.

Mas não era suficiente para retirar o pecado.

"[...] porque é impossível que o sangue de touros e de bodes tire pecados."

Os sacrifícios podiam oferecer soluções temporárias, mas somente Deus pode oferecer solução eterna.

E assim Ele fez.

Debaixo dos escombros de um mundo decaído, Ele feriu suas mãos. Nos destroços da humanidade, Ele feriu o seu lado. Seus filhos estavam soterrados, então Ele lhes deu o seu próprio sangue.

Era tudo o que tinha. Seus amigos haviam desaparecido. Suas forças estavam diminuindo. Seus bens tinham sido roubados. O próprio Pai escondera d'Ele o rosto. Seu sangue era tudo o que tinha. Mas seu sangue foi suficiente.

"Se alguém tem sede, venha a mim e beba."

Não é fácil admitir que temos sede. Fontes falsas acalmam nossa sede com goles açucarados de prazer. Mas chega o momento em que o prazer não satisfaz. Vem a hora tenebrosa da vida em que o mundo cai e somos soterrados pelos escombros da realidade, ficando chamuscados e moribundos.

Alguns preferem morrer a admitir que têm sede. Outros admitem e escapam da morte.

"Senhor, eu preciso de ajuda!"

Por isso os sedentos vêm. Somos um grupo de esfarrapados, unidos por sonhos não realizados e promessas fracassadas. Riquezas que nunca acumulamos. Famílias que nunca construímos. Promessas que nunca cumprimos. Crianças de olhos arregalados, soterradas no subsolo de nossos próprios fracassos.

Estamos com muita sede.

Não é sede de fama, riqueza, paixão ou romance. Já bebemos de tudo isso. São águas amargas no deserto. Elas não acabam com a sede - elas matam.

"Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça [...]."
Justiça. Isso mesmo. É disso que temos sede. Temos sede de uma consciência tranqüila. Desejamos uma vida limpa. Queremos um novo começo. Pedimos que algo entre na escura caverna de nosso mundo e faça por nós uma coisa que não podemos fazer: tornar-nos retos novamente.

- Mamãe, estou com sede - rogava Gayaney.

- Foi aí que me lembrei de que tinha meu próprio sangue - explicou Susanna.

E, então, o dedo foi cortado, o sangue foi derramado, e a filha foi salva.

"Deus, estou com sede", oramos.

- "Isto é o meu sangue, o sangue do pacto, o qual é derramado por muitos para a remissão dos pecados" - declara Jesus.

E sua mão foi ferida, o sangue derramado, e os filhos salvos.

DEZ

A Vida em uma Piscina de Bolinhas

RECENTEMENTE, LEVEI MINHAS DUAS FILHAS MAIS VELHAS PARA PASSEAR NO *Sea World*. Como minha esposa havia viajado, Jenna, Andrea e eu fomos passar um dia vendo golfinhos mergulharem, cavalos-marinhos ziguezaguear e pingüins patinarem.

Foi um dia maravilhoso. Cachorro-quente, sorvete, muitos brinquedos. As garotas sabem que o papai faz questão de que se diga "por favor". Eu devia ter pensado melhor. O interesse médio em um parque de diversões é de 12 minutos e 32 segundos. Então, vem a mesma velha história:

- Papai, não consigo mais carregar, é muito pesado para mim!
- Eu lhe disse que não comprasse mais do que podia carregar!
- Por favor...

Então, ao fim do dia, eu já estava carregando dois conjuntos de lápis e caneta, um par de óculos de sol, um pingüim inflável, um dente de tubarão (o tubarão junto), uma versão estofada em tamanho natural de Shamu, a baleia assassina, seis balões e uma tartaruga viva. (Bem, estou exagerando; havia apenas cinco balões.) Some-se a isso o calor e a coceira decorrente dos inúmeros respingos de água salgada e de uma torta doce coberta de chocolate derretido que melava minha camisa, para saber que estava pronto para um descanso.

Foi por isso que fiquei contente quando vi uma piscina de bolinhas de plástico. Essa é uma daquelas atividades que me convencem a manter a carteira de sócio do parque sempre em dia. É um pavilhão amplo, coberto, fresco e confortável. Debaixo do toldo, há uma vala de 1,20m de profundidade, do tamanho de uma piscina doméstica. Em vez de conter água, está cheia de milhares e milhares de bolas leves e coloridas.

No centro da piscina, há uma espécie de mesa com buracos pelos quais saem jatos de ar. As crianças sobem na mesa, apanham as bolas, colocam-nas nos buracos e ficam observando enquanto sobem com o sopro de ar.

A maior parte da piscina é para os pais. Enquanto as crianças rolam e brincam com as bolas, os pais se sentam em tapetes próximos e descansam.

Minha filha mais velha, Jenna, se saiu muito bem. Ela mergulhou e fez uma linha reta para a mesa.

Entretanto, Andrea, de três anos de idade, teve alguma dificuldade. Quando deu o primeiro passo na piscina, encheu os braços de bolas. É bastante difícil andar no meio daquela piscina com os braços abertos e manter o equilíbrio. Com os braços ocupados, isso é *impossível*.

Andrea deu um passo e caiu. Ela tentou se levantar sem soltar as bolas. Não conseguiu. Começou a chorar. Fui até à beira da piscina.

- Andrea - disse-lhe carinhosamente -, solte as bolas, e assim poderá andar.

- Não - gritou ela, "mergulhando" nas bolas. Estendi o braço e a levantei. Ela ainda estava agarrada ao "tesouro" que tinha nos braços.

- Andrea - disse o sábio e paciente pai -, se você soltar as bolas, poderá andar na piscina. Além disso, há muitas outras bolas perto da mesa!

- Não!

Ela deu o segundo passo e caiu novamente.

Os pais não podem entrar na piscina de bolas. Tentei alcançá-la da margem, mas não consegui. Ela estava em algum lugar debaixo das bolas, então gritei, na direção onde ela havia caído.

- Andrea, solte as bolinhas e você subirá.

Observei um movimento debaixo das bolas.

- N-ã-o!

- Andrea - disse, ligeiramente agitado. - Você não sairá se não soltar as bolinhas...

- N-ã-o!!!

- Jenna, venha cá e ajude sua irmã!

A essa altura, os outros começaram a olhar para mim. Jenna andou entre as bolas na direção de sua irmãzinha. Ela desceu e tentou colocar Andrea em pé. Jenna não era forte o bastante, e Andrea não podia ajudar, porque se agarrava às mesmas bolas que havia apanhado quando entrou na piscina.

Jenna se ergueu e fez um sinal para mim com a cabeça:

- Papai, não consigo levá-la!

- Andrea - um pai cada vez mais irritado disse gritando -, solte as bolinhas para subir!

O grito vindo de sob as bolas era abafado, porém claro.

- N-ã-o!!!

"Muito bem", pensei. "Ela conseguiu o que queria e vai se agarrar a isso, mesmo que tenha de morrer!"

- Jenna - disse com firmeza um pai visivelmente irado -, afaste essas bolinhas em volta de sua irmã!

Jenna mergulhou, afastando as bolinhas como um cachorrinho cavando a terra. Eu sabia que ela havia encontrado sua irmãzinha e que as duas travavam um duelo mortal quando ondas de bolas coloridas começaram a se mover na superfície da piscina.

A essa altura, os outros pais estavam cochichando e apontando para mim. Eu olhei desolado para o funcionário que cuidava da piscina de bolinhas. Não precisei sequer dizer uma palavra.

- Entre - respondeu-me.

Andei com dificuldade pelas bolinhas até chegar a meus dois anjinhos, desfiz o nó em que as duas ficaram presas ao se atracarem, coloquei uma em cada braço e as levei para o centro do tanque. Deixei-as perto da mesa (todas as outras crianças se afastaram quando me viram chegar). Então, fui para a parte posterior da piscina e me sentei. Observando as garotas brincarem com as bolinhas, perguntei-me: "O que é que faz as crianças se imobilizarem, apegando-se tão fortemente aos brinquedos?"

E tremi quando a resposta surgiu ao meu coração: "Seja o que for, elas aprendem isso com os pais!"

A determinação de Andrea de se agarrar àquelas bolas não é nada comparado ao apego compulsivo que temos pelas coisas da vida. Se você acha que o trabalho de Jenna para tirar as bolinhas das mãos de Andrea foi difícil, tente afastar os dedos de alguém dos tesouros terrestres. Tente retirar a conta corrente de um aposentado de 55 anos. Ou arrisque-se a convencer uma pessoa vaidosa a abandonar seu grupo. Ou procure dar uma olhada no guarda-roupa de determinadas pessoas. A maneira como nos agarramos às nossas posses materiais e ao nosso dinheiro faz parecer até que não podemos viver sem eles.

Ai! Dói!

A promessa de Jesus é abrangente: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos."

Geralmente, conseguimos aquilo que desejamos ardentemente. O problema é que os tesouros da terra não nos

satisfazem, mas os tesouros do céu, como diz a promessa da Palavra, sim!

Bem-aventurados, então, aqueles que têm seus bens terrenos na palma das mãos. Bem-aventurados aqueles que, se tudo o que possuem lhes for tirado, sofrerão pouco, porque sua riqueza está em outro lugar. Bem-aventurados os que dependem totalmente de Jesus para sua alegria.

- Andrea - um pai aflito rogava -, há bolas além da conta na mesa. Procure andar.

- Max - roga o Pai celeste -, há mais riquezas do que você pode imaginar na mesa do banquete celestial. Concentre-se em caminhar.

Nossa resistência ao Pai é tão infantil quanto a de Andrea. Deus, para o nosso próprio bem, tenta reduzir nosso apego a algo que nos faz cair. Mas não abrimos mão disso.

- Não, não troco meus encontros de fim de semana pela alegria eterna.

- Trocar uma vida de dependência de drogas e do álcool por uma vida de paz e uma promessa de céu? Está brincando?

- Eu não quero um novo corpo. Eu quero este. Não me importo se é gordo, calvo e fadado à corrupção. Eu quero este corpo.

E aí estamos, submersos nas piscinas de bolas, agarrados às coisas que nos causam sofrimento.

É um milagre que o Pai não desista.

ONZE

A IMAGEM DO PAI NA FACE DO INIMIGO

VINTE E QUATRO DE MARÇO DE 1989. UMA NOITE FRIA NA COSTA DO ALASCA.

O capitão de um petroleiro gritava ordens para um companheiro de trabalho. Não foi muito exato em suas orientações, já era noite e a colisão seria um desastre. O navio petroleiro *Exxon Valdez* foi de encontro aos arrecifes e derramou 42 milhões de litros de óleo cru em um dos mais preciosos santuários aquáticos do mundo. O petróleo cobriu tudo: a superfície do mar, as praias, as lontras e as gaivotas. O Alasca ficou enfurecido, e a Exxon, a empresa proprietária da embarcação, humilhada.

A colisão, por mais terrível que tenha sido, parece modesta se comparada às que ocorrem em nossas relações cotidianas. Já tivemos essa experiência. Alguém não corresponde às nossas expectativas. Promessas não são cumpridas. Pistolas verbais são sacadas, e tiros de palavras disparados.

Em que resulta tudo isso? Em uma colisão do casco do seu coração com os arrecifes das ações de alguém. Em perda de preciosa energia, que reveste a superfície de sua alma de uma camada mortal de ressentimento. Em um lençol negro de amargura que escurece seu mundo, reduz sua visão, torna amarga sua própria aparência e sufoca sua alegria.

Você tem alguma ferida no coração?

Talvez uma ferida antiga. Alguém violentou você. Um professor o humilhou. Um companheiro o traiu. Um sócio o

enganou, deixando você com a opção de pagar as dívidas ou ir à falência.

E você ficou aborrecido.

Ou talvez a ferida seja recente. O amigo que lhe deve dinheiro acaba de passar dirigindo um carro novo. O chefe que lhe deu o emprego com promessas de promoção esqueceu até do seu nome. Seus amigos foram passear no fim de semana e sequer o convidaram. Os filhos que criou parecem ter esquecido que você existe.

E você ficou magoado. Uma parte de você está quebrantada, e a outra, amargurada. Uma parte de você quer chorar, e a outra deseja lutar. As lágrimas que você verte são quentes, porque procedem do coração, e nele há fogo queimando continuamente. É o fogo da ira. Está queimando. Está consumindo. Suas chamas ardem debaixo da panela fervente da vingança.

E você tem uma decisão a tomar: "Apagarei o fogo ou o alimentarei? Esqueço ou me vingo? Liberto-me ou fico ressentido? Permitirei que sejam curadas minhas feridas ou as transformarei em ódio?"

Aqui está uma boa definição de ressentimento: deixar suas feridas se transformarem em ódio. Ressentimento é permitir que aquilo que está matando você o destrua totalmente. Ressentir-se é atizar, alimentar e abanar o fogo, aumentando as chamas e reavivando a dor.

Ressentimento é a decisão deliberada de nutrir a ofensa até que ela se torne um furioso e amargo rancor.

Ressentimento é uma palavra que se auto-define.

Pronuncie-a bem devagar: res-sen-ti-men-to.

Ela começa com um som semelhante a um rosnado (*rrr...*). Como um urso com mau hálito ao despertar de um período de hibernação ou como um sarnento cachorro vira-lata defendendo seu osso na sarjeta.

Estar junto de uma pessoa ressentida e acariciar um cão rosnando proporcionam igual sensação.

Você não gosta de ficar junto das pessoas que nutrem ressentimento? Não é um prazer ouvi-las entoar seu canto lamuriendo? Elas são tão otimistas! São cheias de esperança! Explodem de alegria com a vida!

Com certeza, não é bem assim... Você sabe que, se existe algo que as faz vibrar é a raiva. Se sua vida é plena de alguma coisa, só pode ser da condenação de todas as pessoas que as ofenderam. Portadores de ressentimento e animais raivosos não são muito diferentes. Ambos são irascíveis. Ambos são explosivos. Ambos podem contaminar os outros com sua raiva. Alguém precisa colocar uma placa de advertência pendurada no pescoço das pessoas ressentidas com os seguintes dizeres: "Cuidado, portador de ressentimento." Não basta, para elas, apenas acusar; o caráter da outra pessoa deve ser enlameado. Não é suficiente apontar o dedo; deve-se apontar um rifle. Disparam-se calúnias. Xingamentos. Fecham-se círculos de discriminação. Constroem-se muros de separação. Criam-se inimigos.

O ressentimento espesso e profundo impede seus passos. Não há saltos alegres pelos prados. Não há escalada saudável de montanhas. Apenas um dia após o outro, andando na tempestade, de ombros curvados contra o vento, e os pés se arrastando pelas cinzas que a vida produziu.

É assim que você lida com suas feridas? Está permitindo que se transformem em ódio? Se for assim, pergunte a si mesmo: está funcionando? Seu ódio lhe tem proporcionado algum bem? Seu ressentimento lhe traz alívio e paz? Ele tem proporcionado a você alguma alegria?

Digamos que você tenha dado o troco. Digamos que tenha feito alguém recuar. Digamos que a pessoa tenha recebido o que merecia. Digamos que sua fantasia de fúria tenha realizado um percurso feroz e você retornou de todo o seu sofrimento, que era o que buscava. Imagine-se diante do cadáver daquele que você odiava. Sente-se livre agora?

A mulher que escreveu esta carta pensava que sim. Achava que sua vingança lhe traria alívio. Mas ela aprendeu que foi exatamente o contrário:

Surpreendi meu marido fazendo sexo com outra mulher. Ele jurou que jamais aconteceria novamente. Ele me pediu perdão, mas eu não pude e não quis perdoá-lo. Eu estava tão ressentida e incapaz de superar meu orgulho que não podia pensar em outra coisa senão em vingança. Eu ia fazê-lo pagar, e muito caro.

Pedi o divórcio, mesmo ignorando o desejo dos nossos filhos. Depois do divórcio, durante dois anos, meu marido tentou voltar para mim. Eu o recusei totalmente. Ele me feriu primeiro; agora era a minha vez de feri-lo. Tudo o que queria era que pagasse pelo que tinha feito.

Finalmente, ele desistiu e casou-se com uma viúva jovem e bonita que tinha dois filhos. Ele começou a reconstruir sua vida sem mim.

Eu os via de vez em quando, e ele parecia muito feliz. Todos pareciam felizes. E aqui estou eu, uma mulher velha e solitária, que permitiu que o orgulho e a obstinação destruíssem sua vida.

Infidelidade é erro. Vingança é ruim. Mas a pior parte de tudo isso é que sem perdão, a amargura é tudo o que resta.

O ressentimento é a droga das emoções. Ele faz com que nosso sangue circule e que aumente o nível energético. Mas, como a droga, ele exige doses cada vez maiores e mais freqüentes. Há um ponto crítico em que a ira deixa de ser uma emoção e se torna uma força propulsora. Uma pessoa inclinada à vingança inconscientemente se afasta mais e mais da capacidade de perdoar, porque sem ira ela está privada de uma fonte de energia.

Isso explica porque o amargurado se queixa a qualquer pessoa que queira ouvi-lo. Ele quer, precisa espalhar as chamas de seu fogo de ressentimento. Isso explica a existência de organizações como *Ku-Klux-Klan*, os *Skinheads* (Cabeças Raspadas) e outras que têm o ódio como fundamento. Os membros desses grupos nutrem ódio uns pelos outros. E é por isso que o ressentimento é tão irracional. Eles são dependentes de sua amargura. Não querem abrir mão de sua ira, porque isso significaria a perda do seu motivo de viver.

Retire o fanatismo do racista e veja o que lhe restará. Retire a vingança do coração do zelote e sua vida ficará vazia. Retire os preconceitos do machista ou da feminista, o que restará?

O ressentimento é como a droga em outro sentido também. A droga pode matar o viciado. A raiva também pode matar o irado. Ela pode matar fisicamente. O ressentimento crônico

está associado a altos níveis de colesterol, hipertensão e outras condições patológicas. Ele pode matar emocionalmente, no sentido de aumentar o nível de ansiedade e levar à depressão. Pode ser também fatal do ponto de vista espiritual. Ele sepulta a alma.

O ódio é o cão raivoso que se volta contra o próprio dono. A vingança é o fogo incontrollável que consome o incendiário. A amargura é o laço que prende o caçador.

E a misericórdia é a escolha que pode tornar todos livres!

"Bem-aventurados os misericordiosos", disse Jesus no Sermão do Monte. Os que mostram misericórdia para com os outros são os verdadeiros bem-aventurados. Por quê? Jesus responde: "...porque eles alcançarão misericórdia."

Os misericordiosos, disse Jesus, alcançarão misericórdia. Eles são bem-aventurados porque são testemunhas de uma bondade maior. Perdoar aos outros lhes permite ver como Deus nos perdoa. A dinâmica de conceder graça é a chave da compreensão da mesma, porque é quando perdoamos aos outros que começamos a sentir o que Deus sente.

Jesus contou a história de um rei que decidiu acertar as contas com todos aqueles que trabalhavam para ele. Ele chamou os devedores e exigiu deles o pagamento do que lhe deviam. Certo homem tinha para com o rei uma dívida muito grande - uma dívida que não podia pagar. Mas, quando o rei viu o homem e ouviu sua história, seu coração se compadeceu e lhe perdoou a dívida.

Ao deixar o palácio, o homem que havia sido perdoado encontrou um companheiro de trabalho que lhe devia uma

pequena importância. Ele o agarrou e, sufocando-o, exigiu que lhe pagasse o que devia. Quando o homem pediu clemência, nenhuma misericórdia foi concedida. Em vez disso, aquele que havia acabado de receber o perdão do rei mandou prender o seu devedor.

Quando esse fato chegou aos ouvidos do rei, ele ficou pálido. E Jesus disse que, "indignado, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que pagasse tudo o que lhe devia".

Pode alguém receber o perdão de uma dívida de milhões e não ser capaz de perdoar algumas dívidas de poucas centenas? Pode alguém ser posto em liberdade e prender outra pessoa?

Você não precisa ser um teólogo para responder a essas questões; basta olhar no espelho. Qual de nós não pediu a misericórdia de Deus no domingo e exigiu justiça para outros na segunda-feira? Quem não tem servido mais como isolante do que fio condutor do amor de Deus? Existe alguém a quem, em uma ocasião ou outra, não se apliquem as palavras de Paulo: "Ou desprezas tu as riquezas da sua benignidade, e paciência, e longanimidade, ignorando que a benignidade de Deus te conduz ao arrependimento?"

Veja o que Deus faz quando economizamos nossa compaixão. Ele nos entrega à tortura. Torturados pela ira. Sufocados pela amargura. Consumidos pela vingança.

Essa é a punição daquele que experimenta a graça de Deus, mas se recusa a compartilhá-la.

Aquele, porém, que experimenta a graça de Deus e a reparte com outros será recompensado com abençoada libertação. A porta da prisão é aberta, e o prisioneiro se torna livre.

Mencionei antes neste livro o nome de Daniel, um querido amigo do Brasil. (Daniel foi quem me levou para falar com Aníbal na prisão.)

Daniel é bem alto. Levantava pesos e era professor de halterofilismo. Seu caderno de anotações é repleto de fitas de prêmios e de retratos do tempo em que se encontrava no auge de sua forma física, mostrando seus músculos e braços fortes.

A única coisa melhor do que os músculos de Daniel é seu coração. Permita-me que lhe fale do momento em que seu coração se enterneceu.

Daniel estava morando em Porto Alegre. Trabalhava em uma academia de ginástica e sonhava ter a sua própria academia.

O banco concordou em financiar a compra, se alguém servisse de fiador. Seu irmão concordou em fazê-lo.

Eles preencheram os formulários e aguardaram a aprovação. Tudo corria bem, e logo Daniel recebeu um telefonema do banco dizendo que podia ir pegar o cheque. Assim que saiu do trabalho, dirigiu-se ao banco.

Quando o funcionário da carteira de crédito viu Daniel, olhou para ele com surpresa e perguntou por que estava ali.

- Para levar o cheque - explicou Daniel.

- É engraçado - respondeu o funcionário. - Seu irmão esteve aqui antes. Recebeu o dinheiro para pagar as prestações atrasadas de sua casa.

Daniel ficou sem ação. Ele nunca pensou que seu próprio irmão fosse capaz de fazer uma coisa dessas. Correu para a casa do irmão e bateu na porta. Ele atendeu com a filhinha nos braços. Ele sabia que Daniel não bateria nele se estivesse segurando uma criança.

Ele estava certo. Daniel não bateu nele, mas prometeu que, se algum dia o encontrasse de novo, socaria seu nariz.

Daniel foi para casa. Seu grande coração ardia por vingança pela deslealdade do irmão. Não tinha outra escolha senão voltar à academia e trabalhar para pagar sua dívida.

Alguns meses mais tarde, Daniel encontrou um jovem missionário americano, chamado Allen Dutton. Allen tornou-se amigo de Daniel e lhe falou de Jesus Cristo. Logo Daniel e sua esposa se converteram e se tornaram discípulos fiéis.

Mas, apesar de Daniel ter sido perdoado de tantos erros, achava impossível perdoar o irmão. A ferida era muito profunda. O caldeirão da vingança ainda fervia. Já por dois anos não via o irmão. Daniel não conseguia imaginar-se capaz de encarar quem o havia traído. E seu irmão gostava demais de seu próprio rosto para permitir que Daniel o visse...

Mas o encontro foi inevitável. Ambos sabiam disso, mas não imaginavam o que poderia acontecer.

O encontro aconteceu, certo dia, em uma avenida movimentada. Note como o próprio Daniel descreveu o que aconteceu:

Eu o vi, mas ele não me notou. Senti meu pulso acelerar, e meu rosto ficou quente. Meu impulso inicial foi o de agarrá-lo pela garganta e sufocá-lo até a morte.

Mas, à medida que eu olhava para ele, minha ira começou a se desfazer. Ao olhar para ele, vi a imagem de meu pai. Os olhos de meu pai. As feições do meu pai. A expressão do meu pai. E, à medida que via meu pai em sua face, aquele grande inimigo se tornou novamente meu irmão.

Daniel caminhou até ele. Ao vê-lo, o irmão parou, virou-se e saiu correndo, mas era muito lento. Daniel o alcançou e agarrou seu ombro. O irmão estremeceu, esperando o pior. Mas, em vez de ter a garganta apertada pelas mãos de Daniel, ele se viu calorosamente abraçado por seus fortes braços. E os dois irmãos ficaram ali parados, no meio da enorme multidão, e choraram.

As palavras de Daniel merecem ser repetidas: "Quando vi seu rosto, a imagem de meu pai, aquele grande inimigo se tornou novamente meu irmão."

Ver a imagem do pai no rosto do inimigo. Tente. Da próxima vez que você vir alguém ou pensar em alguém que quebrou seu coração, olhe duas vezes. E, à medida que olhar para o rosto dele, olhe também para a face de Deus - o rosto daquele que o perdoou. Olhe para os olhos do Rei que chorou quando você pediu misericórdia. Olhe para a face do Pai que lhe concedeu graça quando ninguém mais lhe dava uma chance. Encontre a face do Deus que perdoa na face de seu inimigo. E, então, porque Deus o perdoou muito além do que você a qualquer pessoa, perdoe a seu inimigo e perdoe-se a si mesmo.

E deixe que seja curada a ferida do seu coração.

DOZE

O ESTADO DO CORAÇÃO

AINDA ME LEMBRO DA PRIMEIRA VEZ QUE VI UMA REFINARIA. TINHA IDO PARA o trabalho com meu pai, uma experiência

inesquecível para um garoto de dez anos cujo pai trabalhava em um campo de petróleo. Eu estava sentado na boléia da caminhonete me esticando ao máximo para enxergar melhor a planície interminável do Texas ocidental. A paisagem era a mesma por todo lado, tudo plano; não existia nada mais alto do que bombas e moinhos de vento. Talvez por isso permanecessem tão colossal. Apresentava-se no horizonte como uma cidade de ficção científica.

- O que era aquilo?

- Uma enorme refinaria - respondeu meu pai.

Uma espantosa quantidade de canos, tubos, tanques e geradores - aquecedores de bombas, filtros, válvulas, mangueiras, fios, tomadas, etc. Parecia um gigantesco conjunto de peças de funileiro de brinquedo.

A função daquele maquinário é definida por seu nome: ele refina. Gasolina, óleo, produtos químicos, a refinaria purifica tudo o que recebe, deixando pronto para uso e comercialização.

A refinaria faz com o petróleo e com outros produtos o que o seu coração deve fazer por você. Ele retira o ruim e usa o bom.

Costumamos pensar que o coração é a sede das emoções. Falamos em "batida do coração", "dor de coração" e "coração quebrantado".

Mas, quando Jesus disse "bem-aventurados os limpos de coração", Ele estava falando em um contexto diferente. Para os ouvintes de Jesus, o coração era a totalidade do homem interior - a torre de controle, a cabine de comando. O coração era considerado a sede do caráter - a origem dos desejos,

afeições, percepções, pensamentos, raciocínio, imaginação, consciência, intenções, propósito, vontade e fé.

Daí a advertência do provérbio: "Guarda com toda a diligência o teu coração, porque dele procedem as fontes da vida."

Na mentalidade hebraica, o coração é o lugar para onde convergem todas as emoções, sabedoria e preconceitos. Ele é o entroncamento que recebe os vagões cheios de sentimentos, idéias, emoções e convicções, colocando-os nos trilhos certos.

E assim como óleo de baixa qualidade ou gasolina misturada levantam dúvidas sobre a refinação, as más ações e os maus pensamentos levantam dúvidas sobre as condições de nossos corações.

Mas o que sai da boca procede do coração; e é isso o que contamina o homem. Porque do coração procedem os maus pensamentos, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos e blasfêmias.

O homem bom, do bom tesouro do seu coração tira o bem; e o homem mau, do seu mau tesouro tira o mal; pois do que há em abundância no coração, disso fala a boca.

Estes versículos insistem na mesma verdade: o coração é o centro da vida espiritual. Se o fruto da árvore é ruim, não se tenta consertar o fruto; tenta-se modificar a raiz. Se as ações de uma pessoa são más, não basta mudar os hábitos; temos de ir mais fundo no problema. Temos de ir ao coração do problema, que é o problema do coração.

É por isso que o estado do coração é tão importante. Qual é o estado de seu coração?

Se alguém grita com você, você grita também e o agride com suas palavras? Isso depende do estado do seu coração!

Quando sua agenda de trabalho está muito apertada e a relação de coisas para fazer é muito longa, você perde a calma ou procura cumpri-la assim mesmo? Isso depende do estado do seu coração.

Quando lhe oferecem uma saborosa fatia de fofoca temperada com uma pitada de calúnia, você rejeita ou passa adiante? Isso depende do estado do seu coração.

Você vê o mendigo na rua como um fardo para a sociedade ou como uma oportunidade de você servir a Deus? Isso também depende do estado do seu coração.

O estado do seu coração determina se você abriga um ressentimento ou dá graças, se busca a autocomiseração ou a Cristo, se bebe a misericórdia humana ou prova a misericórdia de Deus.

Não é de admirar, portanto, que o sábio advirta: "Acima de tudo, guarda o teu coração."

A oração de Davi devia ser também a nossa: "Cria em mim, ó Deus, um coração puro."

E a declaração de Jesus é muito verdadeira: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus."

Observe a ordem desta bem-aventurança: *primeiro*, purifique seu coração, *então* verá a Deus. Purifique a refinaria e o resultado será um produto limpo.

Quase sempre revertermos esta ordem. Tentamos mudar o interior mudando o exterior. Vejamos um exemplo.

Quando minha família morava no Rio de Janeiro, eu tinha um aparelho de radioamador. Eu o deixava na despensa, em cima do *freezer*. Quando viajávamos, sempre desligava e removia a antena.

Uma vez, quando estávamos de saída para uma viagem de uma semana, lembrei-me de que não havia desligado o rádio. Voltei rapidamente, desliguei a tomada e saí correndo de volta.

Acontece que desliguei a tomada errada! Desliguei o *freezer*. Era verão, e verão no Rio de Janeiro dá novo sentido à palavra *quente*. Nosso apartamento era o último de um prédio de 14 andares, o que acrescenta novo grau de intensidade à palavra *quente*. Durante sete dias, então, o *freezer*, cheio de alimentos, ficou desligado em um apartamento extremamente quente. (Por que você está dizendo ai, ai, ai...?)

Quando voltamos de viagem, Denalyn decidiu tirar um pouco de carne do *freezer*. Quando ela abriu a porta... bem, não vou descrever em detalhes o que ela viu, mas posso dizer que foi uma experiência horrível!

Adivinhe quem foi apontado como o culpado por desligar o *freezer* e, por conseguinte, o responsável por sua limpeza? Adivinhou! Comecei a trabalhar...

Qual é a melhor maneira de limpar o interior de um *freezer* sujo? Eu sabia exatamente o que fazer. Peguei uma esponja e um balde com água e detergente e comecei a limpar por fora. Eu estava certo de que o mau cheiro desapareceria com um bom polimento, então poli e enxuguei. Quando terminei, o *freezer* poderia ter passado por uma inspeção da Marinha. Estava brilhando!

Mas, quando abri a porta, a situação era terrível!
(Você deve estar pensando: "Que tipo de tolo faria tal coisa?"
Continue a leitura e verá!)

"Não há nenhum problema", pensei. Sei o que vou fazer. Este *freezer* precisa de alguns amigos. Eu também cheiraria mal se tivesse a vida de uma máquina em uma área de serviço. Assim, promovi uma verdadeira festa. Trouxe todos os equipamentos de cozinha vizinhos. Foi um trabalho duro, mas enchemos nosso apartamento de refrigeradores, fogões, microondas e máquinas de lavar roupa. Foi uma grande festa. Algumas torradeiras se reconheceram, pois já haviam se encontrado na despensa. Todos foram plugados à tomada, e alguns riram das garantias limitadas. Os liquidificadores foram os que mais se destacaram e realmente "mexiam" bem.

Eu estava certo de que a interação social curaria o interior de meu *freezer*, mas estava equivocado. Eu o abri, e o mau cheiro ainda era maior!

E agora?

Tive uma idéia. Se o polimento não resolveu e a vida social não funcionou, vou dar certo *status* ao *freezer*!

Comprei um adesivo da Mercedes e coleí na porta do *freezer*. Pinteí uma gravata borboleta na frente. Coloqueí um adesivo "Preserve as baleias" na parte traseira e instaleí um telefone celular ao lado. O *freezer* estava uma graça! Tinha classe. Estava jóia. Apliqueí-lhe um pouco de água de colônia e lhe dei um cartão de crédito como prêmio de consolação.

Então me afasteí um pouco e contempleí a categoria do aparelho. "Você pode até ser capa de revista, disse-lhe eu. Ele

corou. Então abri a porta, esperando ver um interior limpo, mas o que vi foi um interior pútrido, repulsivo e malcheiroso. Só pude pensar em outra opção. Meu *freezer* precisa de um prazer de alta voltagem. Imediatamente comprei para ele alguns exemplares da revista *Playgeladeira* - a publicação que exibe *freezers* com as portas abertas. Aluguei alguns filmes sobre equipamentos sensuais (meu favorito era *O Grande Calafrio*). Tentei até marcar um encontro de meu *freezer* com a geladeira da vizinha, mas ela não aceitou a proposta.

Depois de vários dias de elevada carga elétrica e de diversas horas de divertimento, abri a porta e quase vomitei.

Eu sei o que você está pensando. Pior do que o humor de Max, só o seu bom senso. Quem se concentraria no exterior quando o problema é no interior?

Você quer realmente saber?

Uma dona de casa enfrenta uma depressão. Qual a solução sugerida por uma vizinha? Comprar um vestido novo!

Um marido se envolve em um romance que lhe traz um sentimento de culpa do tamanho da aventura. A solução? Mudar de grupo. Ligue-se a pessoas que não lhe causem sentimento de culpa!

Um jovem profissional é atormentado pela solidão. Sua obsessão pelo sucesso o deixou sem amigos. Seu chefe lhe dá uma idéia: mude seu estilo. Corte os cabelos de outra maneira. Gaste algum dinheiro!

Casos e mais casos de tratamento do exterior. E qual o resultado disso?

A dona de casa compra um vestido novo, e a depressão desaparece - por um dia, talvez. Então, a sombra surge novamente.

O marido se liga a um bando de amigos que aprovam seu adultério. Resultado? Paz... até que o grupo se vai. Então, volta o sentimento de culpa.

O jovem profissional adota um novo estilo, e o povo nota... enquanto o estilo é novidade. Então, ele tem de correr e comprar mais coisas para não parecer fora de moda.

Exterior polido; interior corroído. Mudança externa; deterioração interna. Uma coisa é clara: mudanças cosméticas atingem apenas o superficial.

A esta altura, você pode entender a mensagem da bem-aventurança. É muito clara: você só transforma a vida mudando o coração!

Como mudar o coração? Jesus apresenta o plano no Sermão do Monte. Volte às bem-aventuranças mais uma vez e procure vê-las em sua seqüência.

O primeiro passo é admitir a pobreza: "Bem-aventurados os pobres de espírito." A alegria divina não é recebida por aqueles que a conquistam, mas por aqueles que admitem que *não* a merecem. A alegria de Sara, Pedro e Paulo aconteceu quando eles se entregaram, implorando por um salva-vidas e não por lições de natação, quando buscaram um Salvador e não um sistema.

O segundo passo é a tristeza: "Bem-aventurados os que choram." A alegria vem para aqueles que sinceramente se sentem tristes por causa de seus pecados. Experimentamos a

alegria quando deixamos a prisão do orgulho e nos arrependemos de nossa rebelião.

A tristeza é seguida de mansidão. Os mansos são aqueles que se dispõem a ser usados por Deus. Admirados do fato de que Deus pode salvá-los, ficam igualmente surpresos ao verificar que Deus pode usá-los. Eles são os clarinetistas de uma banda colegial tocando ao lado da orquestra de Boston. Eles não dizem ao maestro como deve conduzir; eles se sentem emocionados pelo fato de fazer parte do concerto.

Qual é o resultado desses três passos? Fome. Você nunca viu nada semelhante ao que está acontecendo! Você admite seu pecado, e é salvo. Confessa sua fraqueza, e adquire força. Diz que está arrependido, e encontra o perdão. É um caminho fascinante e imprevisível, cheio de encontros agradáveis. Pela primeira vez na vida, você se apega a algo positivo, que dá vida em vez de drená-la. E você quer mais!

Então, vem a misericórdia. Quanto mais se recebe, mais se dá. Você acha fácil conceder graça, porque reconhece quanto tem recebido. O que foi feito por você não se compara com o que você venha a fazer por Deus.

Pela primeira vez na vida, encontrou uma alegria permanente, uma alegria que não depende de seu humor ou de suas ações. É uma alegria que vem de Deus e que ninguém pode tirar.

Um júbilo sagrado é colocado em seu coração.

É sagrado porque somente Deus pode concedê-lo.

É júbilo porque você jamais esperava recebê-lo.

E, apesar de seu coração não ser perfeito, ele não está totalmente apodrecido. Apesar de não ser indestrutível, pelo

menos pode permanecer funcionando direito. E você pode ter certeza de que Aquele que o criou sabe exatamente como purificá-lo de dentro para fora.

TREZE

Lindo Palácio, mas Nenhum Rei

AS LENDAS DO TAJ MAHAL. TODAS SÃO FASCINANTES, MAS HÁ UMA QUE NOS PERSEGUE.

A esposa favorita do imperador mongol Shah Jahan morreu. Ele ficou arrasado e resolveu honrá-la construindo um templo para lhe servir de sepulcro. Seu ataúde foi posto no centro de uma grande área de terra, e começou-se a construção do templo ao seu redor. Não seriam poupados esforços para que seu lugar de repouso final fosse magnífico.

Mas, à medida que as semanas se tornavam meses, o sentimento de perda do xá foi eclipsado por sua compaixão pelo projeto. Ele não lamentava mais a falta da esposa. A construção o consumia. Um dia, andando de um lado da construção para outro, sua perna bateu em uma caixa de madeira. Ele sacudiu o pó da roupa e ordenou que a caixa fosse retirada dali.

Shah Jahan não sabia que havia ordenado a retirada dos restos mortais da esposa, agora esquecida, escondida debaixo de camadas de entulho e de poeira.

A pessoa a quem se pretendia homenagear com o templo fora esquecida, mas, de qualquer maneira, o templo foi construído. Difícil de acreditar? Talvez. No mínimo, muito estranho.

Pode alguém construir um templo e esquecer por que o construiu? Pode alguém construir um palácio e esquecer o rei? Pode alguém esculpir uma imagem e esquecer o herói?

Responda você mesmo a estas questões. Responda-as em uma igreja. Da próxima vez que participar de um culto de adoração a Deus, coloque-se em uma posição em que possa ver o povo. Então decida.

Você pode identificar os que se lembram do Messias sacrificado. Eles estão de olhos abertos e em estado de expectativa. São como crianças que observam uma caixa de presente sendo desembalhada. São servos respeitosamente silenciosos perante um rei que passa. Você não cochila na presença da realeza. E você não boceja ao receber um presente, especialmente quando o doador é o próprio rei.

Você pode identificar também os que vêem apenas o templo. Seus olhos se movem em diferentes direções. Mexem os pés, desconfortavelmente. Suas mãos, inquietas, fazem rabiscos a esmo, e abrem a boca não para cantar, mas para bocejar. Pois não importa quanto tentem manter sua admiração vasculhando o local, seus olhos começam a se dispersar. Todos os templos, mesmo o Taj Mahal, perdem o brilho depois de algum tempo.

Os admiradores do templo não ficam entediados. Eles amam a igreja. Eles podem falar dos programas e elogiam o pastor. Eles não perdem o interesse. Eles põem chapéus, meias, casacos, gravatas e vêm toda semana. Mas, mesmo assim, está faltando alguma coisa. Aquele a quem uma vez decidiram honrar não é visto há muito tempo.

Mas os que O vêem não podem esquecê-lo. Eles o encontram apesar do templo, não por causa dele. Eles retiram a poeira e se colocam em pé diante de seu túmulo - o túmulo vazio.

Os que constroem templos e os que buscam o Salvador. Você os encontra nas mesmas igrejas, nos mesmos bancos e, às vezes, com roupas semelhantes. Um vê a estrutura e diz: "Que grande igreja." Outro vê o Salvador e diz: "Que grande Cristo!" Qual dos dois você vê?

QUATORZE

Sementes de Paz

QUER VER UM MILAGRE? TENTE ESTE.

Pegue uma semente menor do que um grão de arroz. Coloque a semente debaixo de alguns centímetros de terra. Dê-lhe água, luz e fertilizante. E prepare-se. Uma montanha será removida. Não importa se o chão é bilhões de vezes mais pesado do que a semente. A semente o romperá.

A cada primavera, sonhadores em todo o mundo plantam pequeninas esperanças em solo improdutivo. A cada primavera, suas esperanças surgem em condições desfavoráveis e brotam.

Não devemos subestimar o poder de uma semente.

Até onde sei, Tiago, o autor da Epístola, não era agricultor. Mas ele conhecia o poder de uma semente plantada em solo fértil.

"Ora o fruto da justiça semeia-se em paz para aqueles que promovem a paz."

O princípio da paz é igual ao das colheitas: nunca se deve subestimar o poder de uma semente.

A história de Heinz é um bom exemplo. Europa, 1934. A praga do anti-semitismo de Hitler infestava o continente. Alguns escapariam dele. Outros morreriam em consequência dele. Mas Heinz, um garoto de 11 anos, aprenderia com ele. Ele aprenderia o poder de semear sementes de paz.

Heinz era judeu.

A vila Bavária de Furth, onde Heinz morava, fora tomada pelos jovens fanáticos de Hitler. O pai de Heinz, um professor, perdeu seu emprego. Não havia mais o que fazer. A tensão nas ruas era cada vez maior.

As famílias judaicas se apegavam às tradições que as mantinham unidas: a observância do sábado, do Rosh Hashanah e do Yom Kippur. Coisas antigas adquiriram novo significado. À medida que a perseguição avançava e se tornava mais cruel, esses preceitos antigos se tornavam preciosas brechas em uma sólida rocha.

Enquanto as ruas se transformavam em campo de batalha, essa segurança significava sobrevivência.

Os jovens soldados de Hitler perambulavam pela vizinhança procurando confusão. Heinz aprendeu a manter os olhos abertos. Quando via um bando de desordeiros, passava para o outro lado da rua. Algumas vezes, ele escapava de uma luta; outras vezes, não.

Certo dia, em 1934, aconteceu um confronto crítico. Heinz se encontrou face a face com um jovem hitlerista. A surra parecia inevitável; entretanto, ele saiu ileso, não por causa do que fez, mas por causa do que disse. Ele não brigou; apenas falou. Ele convenceu os arruaceiros de que a briga não era necessária. Suas palavras contiveram a batalha. E Heinz descobriu, em primeira mão, como a língua pode promover a paz.

Ele desenvolveu a habilidade de usar palavras para evitar conflitos. E para um jovem vivendo em uma Europa dominada por Hitler essa habilidade teve muitas oportunidades para ser usada.

Felizmente, a família de Heinz fugiu da Bavária e veio para a América. Mais tarde, ele falou do impacto dessas experiências vividas na adolescência sobre seu desenvolvimento.

É admirável. Depois que Heinz cresceu, seu nome tornou-se sinônimo de negociação de paz. Ficou conhecido como construtor de pontes. Em algum lugar, ele aprendeu o poder da palavra de paz dita na hora certa. E ficamos imaginando se o seu treinamento não ocorreu justamente nas ruas da Bavária.

Você não o conhece pelo nome de Heinz. Você o conhece pelo nome anglicizado de Henry. Henry Kissinger.

Nunca subestime o poder de uma semente.

Qual a sua habilidade em plantar sementes de paz?

Você pode não ser convocado para resolver conflitos internacionais, mas terá oportunidade de fazer algo igualmente importante: trazer a paz *interior* a corações perturbados.

Jesus é um modelo disso. Você não o vê resolvendo disputas ou negociando conflitos, mas *pode* vê-lo cultivando a harmonia interior por meio de atos de amor: lavando os pés de homens que sabia que o trairiam; comendo com um corrupto cobrador de impostos; honrando uma mulher pecadora de quem a sociedade escarnecia.

Ele construiu pontes sarando feridas. Ele evitou conflitos tocando o interior das pessoas. Ele cultivou a harmonia plantando sementes de paz em corações férteis.

Faça-me um favor. Pare por um momento e pense nas pessoas que constituem o seu mundo. Passe os olhos ao longo da galeria de rostos significativos para você. Mentalmente, vire

as folhas do álbum de retratos, concentrando-se naqueles com quem lida mais freqüentemente.

Pode ver seus rostos? Seu cônjuge. Seu melhor amigo. Seus companheiros de futebol. Seus amigos da associação de pais e mestres. Seus filhos. Sua tia que mora bem perto. Seu vizinho do outro lado da rua. A recepcionista do seu local de trabalho. A nova secretária do escritório vizinho.

Congele essas imagens por alguns minutos enquanto lhe digo o que algumas delas estão sentindo.

Há pouco tempo, fui ao médico de nossa família. Fui fazer meu primeiro *check-up* desde aquele exame obrigatório para participar do time de futebol americano, há 17 anos.

Visto que há muito tempo não fazia esse exame, solicitei os serviços profissionais de praxe. Uma enfermeira me pôs em uma mesa e colocou uma pequena ventosa no meu peito. Outra enfermeira passou uma faixa em torno de meu braço e espremeu uma ampola escura até meu braço formigar. Então, punccionaram meu dedo (o que sempre dói) e me disseram para encher a ampola (o que é sempre esquisito). Depois dessas preliminares, me encaminharam para outra sala, mandaram tirar a camisa e esperar o médico.

Há algo sobre ser picado, empurrado, medido e drenado que faz você se sentir como uma alface em um supermercado. Sentei-me em um banquinho e fiquei olhando para a parede.

Estou contando algo que você conhece, mas de que talvez tenha se esquecido? Certamente alguém no mundo já se sentiu como eu naquele consultório. Os puxões e empurrões diários do mundo têm um jeito especial de nos fatigar. Alguém na sua galeria de pessoas está sentado no banco frio

de alumínio da insegurança, agarrando-se à bata de um hospital com medo de expor o que ainda lhe resta de orgulho pessoal. Essa pessoa precisa desesperadamente de uma palavra de paz.

Alguém precisa que você faça por ele o que o doutor Jim fez por mim.

Jim é um médico do interior que se mudou para a capital. Ele ainda se lembra dos nomes e guarda em seu consultório retratos dos bebês cujos partos realizou. E, apesar de ocupadíssimo, ele faz com que você se sinta como se fosse seu único paciente.

Depois de uma ligeira conversa e de algumas perguntas sobre meu histórico médico, ele deixou de lado minha ficha e disse:

- Permita-me deixar o papel de médico por alguns instantes e falar com você como amigo.

A conversa durou, talvez, cinco minutos. Ele perguntou sobre minha família. Perguntou sobre o volume de meu trabalho. Perguntou sobre meu estresse. Ele me disse que achava que eu estava fazendo um bom trabalho na igreja e que gostava de ler meus livros.

Nada de misterioso, nada de profundo. Ele não foi além do que permiti. Mas tive a impressão de que iria comigo até o fundo do poço, caso fosse necessário.

Depois de alguns minutos, o Dr. Jim tocou meu joelho com um martelo de borracha, examinou minha garganta e ouvido e auscultou meu pulmão. Quando terminou, enquanto eu abotoava a camisa, ele deixou novamente o papel de médico de lado por alguns instantes e me advertiu no sentido de não tentar levar o mundo nos meus ombros.

- Certifique-se de amar sua esposa e abraçar seus filhos, pois, no final das contas, você não é nada sem eles.

- Obrigado, Jim - disse-lhe eu.

E saiu tão ligeiro como entrou: um semeador vestido com um jaleco de médico.

Quer ver um milagre? Plante uma palavra de amor na vida de uma pessoa. Alimente-a com um sorriso, uma oração e veja o que acontece.

Um empregado recebe um elogio. Uma esposa recebe um ramalhete de flores. Prepara-se um bolo para levar ao vizinho. Abraça-se uma viúva. Elogia-se um pregador.

Plantar sementes de paz é como plantar feijão. Não se sabe porque funciona; sabe-se apenas que funciona. Sementes são plantadas, e a camada superficial da mágoa é removida.

Não esqueça o princípio. Nunca subestime o poder de uma semente.

Deus não faz isso. Quando Seu Reino estava devastado e Seu povo O havia esquecido, Ele plantou Sua semente. Quando o solo do coração humano estava endurecido, Ele plantou Sua semente. Quando a religião se tornou um ritual e o templo uma casa de negócios, Ele plantou Sua semente.

Quer ver um milagre? Lembre-se de como Ele colocou Sua própria semente no ventre fértil de uma jovem hebréia.

A semente cresceu "como renovo perante ele, e como raiz que sai duma terra seca". A semente passou a vida afastando as pedras que tentavam sufocá-la. A semente realizou um ministério de remoção das pedras que se amontoavam no solo do Pai.

As pedras do legalismo que pesavam sobre as pessoas.

As pedras da opressão que quebravam ossos.
As pedras do preconceito que isolavam os necessitados.
Mas foi a última pedra que demonstrou ser o teste máximo da semente. A pedra da morte, colocada por seres humanos e selada por Satanás na frente do sepulcro. Por um momento, parecia que a semente iria ficar soterrada. Por um momento, parecia que esta pedra era grande demais para ser afastada. Mas, então, em algum lugar do coração da terra, a semente de Deus se movimentou, abriu espaço e brotou. O chão tremeu, e a pedra do sepulcro foi removida. E brotou a flor da Páscoa. Nunca subestime o poder de uma semente.

QUINZE

O PAU-DE-SEBO DO PODER

A LUTA PELO PODER AVANÇA.

Você conhece o dialeto do poder. Conhece o jogo do poder. Você tem um guarda-roupa do poder.

Você acha que tem tudo o que precisa para o poder? Pense duas vezes e venha para o jantar. Há o poder da etiqueta e do comportamento à mesa.

"Boas maneiras o levam aonde seu dinheiro não pode levá-lo", diz a rainha da etiqueta, Marjabelle Stewart. Essa promotora da fama desenvolveu um seminário para ajudar pessoas a chegarem ao topo. Por seis mil dólares, pode-se participar de um seminário e aprender as boas maneiras mais badaladas.

Aqui estão alguns exemplos do que Stewart chama de "as falhas do poder":

- Nunca coloque o guardanapo no colarinho.
- Nunca deixe marca de batom nas bordas de copos.
- Nunca amasse ou revire a comida servida nos pratos.
- Nunca questione a conta.
- Nunca, de modo algum, passe seu prato para o garçom.
- Nunca leia o cardápio como uma Bíblia. Você não está no local para comer, e sim para fazer negócio.
- Nunca se abaixe para pegar o talher que caiu.

Na realidade, a regra número um em matéria de poder é nunca se abaixar para nada.

Nunca se abaixe. Nunca se abaixe para admitir erros. Nunca se abaixe para ajudar alguém que nunca poderá ajudá-lo. Nunca desça a qualquer nível que o impeça de subir mais um degrau na escada do poder.

Some-se a isso o "poder da etiqueta", o de "guardar nomes", o de "exibir cartões" e o de "ostentar títulos". Coloque tudo isso na longa lista de jogos que fazemos para nos sentir mais importantes.

Os golpes do poder são como o jogo infantil *Rei da Montanha*, em uma versão para adultos.

Você já brincou disso quando criança? O objetivo do jogo é chegar o mais alto possível e permanecer ali. Você empurra, agarra-se e sobe até chegar ao topo e, uma vez que chegou ali, luta para manter sua posição. Nunca pense em descer. Esqueça a idéia de desfrutar a beleza da paisagem. Se se descuidar, nem que seja por um segundo, poderá ser arrastado de volta ao pé do monte. E, então, terá de começar tudo de novo.

Nós adultos também brincamos de *Rei da Montanha*, só que agora as estacas são mais altas. Como diz Harrison Ford, no filme *Uma Secretária de Futuro*:

Hoje em dia, basta se perder um bom negócio para se "entrar pelo cano". Junto de todos os botões de discar do meu telefone, há pilhas e pilhas de tirinhas de papel - nomes de novos contatos, que eu vou colando com "durex" em cima dos nomes de clientes antigos - gente boa que nunca vai chegar ao fim da linha, tudo por causa de um negócio perdido. Eu não estou a fim de ficar enterrado embaixo de um monte de tirinhas de papel!

A luta pelo poder continua. E muitos ou empurram ou estão sendo empurrados.

Posso mostrar a diferença entre a paixão pela excelência e a paixão pelo poder. O desejo de ser excelente é um dom de Deus muito necessário à sociedade. Caracteriza-se pelo respeito à qualidade e pelo desejo de usar o dom de Deus de modo a agradar-Lo. Lembre-se das palavras de Antonio Stradivari, o construtor de violinos do século 17, cujo nome na forma latina, Stradivarius, tornou-se sinônimo de excelência.

Quando qualquer mestre encosta a mão e o queixo em um violino meu, fica feliz porque Stradivari existiu, construiu violinos e os fez o melhor possível [...] Se minha mão falhar, estarei lesando a Deus - visto que Ele é o bem completo [...] Mas Ele não poderia fazer os violinos de Antonio Stradivari sem Antonio.

Ele estava certo. Deus não poderia fazer violinos Stradivarius sem Antonio Stradivari. Alguns dons, que nenhum outro construtor de violinos possuía, foram concedidos àquele artista.

Nesse mesmo sentido, podemos dizer que há coisas que você faz que ninguém mais fará. Talvez ser um bom pai ou mãe, construir casas, ou incentivar pessoas desanimadas. Há coisas que *só* você pode fazer e está aqui justamente para realizá-las. Na grande orquestra da vida, você tem um cântico e um instrumento, e Deus merece que os execute de modo sublime. Mas há um abismo de diferença entre fazer o melhor para glorificar a Deus e fazer tudo para exaltação pessoal. A luta pela excelência é uma prova de maturidade. A busca pelo poder é infantilidade.

Talvez lhe interesse saber que o primeiro jogo de poder não aconteceu em Wall Street, nem em algum campo de batalha, mas em um jardim. A primeira promessa de prestígio foi feita num sussurro, num piscar de olhos e com um sorriso maldoso de um anjo decaído.

À sombra da árvore do bem e do mal, Satanás sabia o que oferecer a Eva para que comesse o fruto proibido. Não era prazer. Não era riqueza. Não era prosperidade. Era... bem, leia suas palavras e veja seu engodo:

"Porque Deus sabe que no dia em que comerdes desse fruto vossos olhos se abrirão, e sereis como Deus, conhecendo o bem e o mal."

Essas palavras atingiram um ponto vulnerável.

"Sereis como Deus..."

Eva colocou a mão no queixo enquanto repetia a promessa.

"Sereis como Deus..."

A serpente abriu a cortina da sala do trono e convidou Eva a sentar-se. Coloque a coroa. Apanhe o cetro. Vista o manto. Veja como é ter poder. Veja como é ter nome. Veja como é estar no controle!

Eva mordeu a isca! A tentação de ser *como* Deus anuviou sua visão, e a simples mordida em um fruto teve sérias implicações no Reino de Deus. Você sabe o resto da história.

Bem, talvez seu flerte com o poder não tenha sido tão contundente. Sem dúvida, você achou engraçada a idéia de gastar seis mil dólares em um seminário de boas maneiras. Não há dúvida de que você balance a cabeça ao contemplar o palco de exibição dos barões de Wall Street. Não há dúvida de que tem sido incomodado pelos assassinatos encomendados pelos barões do tráfico de drogas. Esse tipo de poder não lhe atrai. Se a serpente tentasse seduzi-lo com promessas de *status*, você a mandaria para o inferno, certo?

Mandaria? O jogo *Rei da Montanha* é muito variado.

É o chefe que não cumprimenta os empregados. Afinal, é preciso manter o funcionário em seu lugar.

É o marido que se recusa a ser cortês com a esposa. Ele sabe que, se for amável, perde seu maior trunfo: o medo que ela tem de sua rejeição.

É o empregado que coloca a ambição pessoal acima da integridade.

É a esposa que se nega a fazer sexo com o marido, tanto para puni-lo como para persuadi-lo.

Pode ser tanto tirar a vida de alguém, como roubar sua vez. Pode ser tanto a manipulação utilizando uma pistola, como

utilizando um beicinho e cara de choro. Pode ser tanto o domínio de uma nação por um político, como de uma igreja por um pregador.

Todos eles significam a mesma coisa: P-O-D-E-R.

Todos eles têm o mesmo objetivo: "Conseguirei o que quero às suas custas."

Todos adotam o mesmo método: empurrar, pisar, tirar e mentir.

Todos ouviram a mesma serpente, o mesmo Lúcifer mentiroso que cochicha no ouvido de alguém que quer escutar: "Sereis como Deus."

Todos têm o mesmo fim: a futilidade. Por favor, preste atenção ao que vou dizer. O poder absoluto é inatingível. O mastro que conduz ao topo é escorregadio, e os degraus da escada são feitos de papelão. Quando se chega ao topo - se é que existe algum - o único caminho é a descida. E descer é sempre doloroso.

Pergunte a Muhammad Ali.

Você conhece Ali, o incomparável tricampeão mundial dos pesos pesados. Seu rosto apareceu na capa da *Sports Illustrated* mais vezes do que qualquer outro atleta. Enquanto "flutuava como uma borboleta e picava como uma abelha", era o rei da profissão. Grande número de jornalistas, treinadores e equipes de apoio formavam a cauda do cometa quando ele viajava pelo mundo inteiro.

Mas isso foi ontem. Hoje, onde está Muhammad Ali? Gary Smith, um jornalista esportivo, foi checar.

Ali levou Smith para um celeiro perto de sua casa de campo. No assoalho, encostadas nas paredes, estavam algumas

lembranças de Ali no auge de sua carreira. Fotografias e quadros do campeão golpeando e dançando. Corpo escultural. Pulsos dando socos no ar. O cinto de campeão ostentava o título "The Thrilla in Manila" (A Sensação em Manila).

Mas nos retratos havia algumas manchas brancas deixadas pelos pombos. Ali olhou para cima mostrando os ninhos em seu ginásio de treinamento. Então, ele fez algo significativo. Talvez tenha sido uma pose, ou um gesto de desespero. Qualquer que tenha sido o motivo, ele se dirigiu à fila de retratos e foi virando um por um contra a parede. Em seguida, dirigiu-se à porta, contemplou a paisagem e murmurou algo em voz tão baixa que Smith teve de pedir-lhe que repetisse. Ali disse:

- Eu tive o mundo nas mãos - disse ele - e de nada adiantou. Veja agora como estou!⁴

O mastro do poder é escorregadio.

Carlos Magno, imperador romano, sabia disso. Conta-se uma história interessante sobre o sepultamento desse famoso rei. Diz a lenda que ele pediu que fosse enterrado sentado em seu trono. Pediu que a coroa fosse posta em sua cabeça e o cetro em sua mão. Solicitou que o manto real fosse posto sobre seus ombros e que um livro aberto fosse colocado em seu colo.

Isso foi em 814 d.C. Aproximadamente 200 anos mais tarde, o imperador Otelo determinou que se verificasse se o pedido havia sido cumprido. Ele mandou um grupo de homens abrir a tumba e trazer o relatório. Eles encontraram o corpo de Carlos Magno exatamente como ele havia pedido. Mas, agora, quase dois séculos depois, a cena era horrenda. A coroa estava inclinada, o manto comido por traças, e o esqueleto destruído.

Mas sobre os ossos das pernas do esqueleto estava um livro aberto. Carlos Magno havia solicitado que esse livro fosse a Bíblia. Um dedo esquelético apontava para Mateus 16.26: "Pois que aproveitará ao homem se ganhar o mundo inteiro e perder a sua vida?"

Você pode responder a essa pergunta.

Quando estava formulando esses pensamentos sobre o poder, eu me encontrava em um banquete.

Agora, na minha lista de coisas favoritas que gostaria de fazer nas noites livres, ir a um banquete ocupa um dos últimos lugares. Esse evento me lembra comida fria, salas quentes, sistema de som ruim, oradores enfadonhos e manchas de molho na gravata. Desculpe meu desajustamento social, mas prefiro um bom filme ou um jogo de beisebol.

Esse tal banquete não estava contribuindo muito para mudar minha opinião. Era uma cerimônia de premiação planejada na última hora e que havia começado atrasada. O mestre-de-cerimônias estava tendo dificuldade em conseguir prender a atenção de todos. Ele competia com um esquadrão de garçons que entravam e saíam a cada 30 segundos. Os prêmios eram apresentados com excessivos detalhes. Eram recebidos com gratidão explícita e verborrágica. Comecei a olhar para meu relógio e a chupar gelo.

Foi aí que o rei foi apresentado.

"Um rei?" Olhei pensando ver um manto e uma coroa. Mas não vi nada disso. O que vi foi um jovem elegantemente vestido sendo conduzido à plataforma.

"É assim que é um rei?", pensei. Outros devem ter pensado o mesmo. Houve silêncio.

Rei Boa Vontade era seu nome. Ele era um rei da sétima geração da tribo Zulu, na África. Título impressionante. Porém, mais significativo era o fato de que o rei Boa Vontade também tinha um Rei. Boa Vontade era crente. Havia aceitado Cristo como seu Senhor e estava incentivando sua nação a fazer o mesmo.

Apesar de todo o seu discurso ter sido muito bom, foi sua primeira frase que anotei em meu caderno: "Eu sou um rei, mas vos saúdo como irmãos!"

Um rei que me considera seu irmão. Um governante que me aceita como parte de sua família. Realeza livremente concedida.

Suas palavras me fazem lembrar as de outro Rei que fez o mesmo.

"Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus."

"Seja um agente do poder e será igual a Deus", disse enganosamente a serpente.

"Seja um pacificador, e será um filho de Deus", prometeu o Rei.

O que você prefere? Ser rei da montanha por um dia ou ser filho de Deus por toda a eternidade?

Há um benefício na filiação. Se você é filho de Deus, o que o mundo tem a lhe oferecer? Pode desejar título maior e mais honroso do que esse?

Responda: daqui a mil anos, valerá alguma coisa o título que o mundo lhe deu? Não, mas faz uma enorme diferença saber de quem você é filho.

Uma nota final sobre aquele banquete. Depois de encerrado, fiquei por ali, com a esperança de falar com o rei. A princípio, não pude encontrá-lo. Então, achei-o com sua esposa e assistentes em uma sala ao lado. Adivinhe o que estavam fazendo? Rindo! Alguém deve ter contado uma boa piada, pois todos estavam rindo de tal forma que quase mal podiam ficar em pé.

Um rei se divertindo. Que delícia!

Uma gargalhada de sacudir a barriga não é o que se chamaria de jogo do poder. Isso se define melhor como sendo um momento agradável. Acho que quando alguém é rei, não precisa se preocupar com *status*; a pessoa já tem tudo de que precisa.

Isso vale também para os filhos do Rei.

Na próxima vez que eu for comer, colocarei o guardanapo no colarinho.

DEZESSEIS

O CALABOUÇO DA DÚVIDA

ELE ERA UM FILHO DO DESERTO. FACE RÍGIDA. PELE BRONZEADA. VESTIDO de peles de animais. Tudo o que possuía cabia numa mochila. Seus muros eram as montanhas, e seu teto, as estrelas.

Porém, não é mais assim. Sua fronteira está murada, e seu horizonte, escondido. As estrelas são apenas recordações. O ar puro está simplesmente esquecido. E o mau cheiro do calabouço incessantemente diz ao filho do deserto que agora ele é prisioneiro do rei.

No livro de qualquer pessoa, João Batista merece um tratamento melhor do que este. Afinal, ele não é o precursor de Cristo? Não é parente do Messias? No mínimo, não era dele a corajosa voz que pregava o arrependimento?

Mas, ultimamente, essa voz, em vez de abrir as portas do avivamento, abria a porta de sua cela na prisão.

Os problemas de João começaram quando ele desafiou o rei.

Em uma viagem a Roma, o rei Herodes sucumbiu à sedução de sua cunhada, Herodias. Decidindo que Herodias estaria melhor casando-se com ele, Herodes se divorciou de sua mulher e levou a cunhada para dentro de casa.

Os colonistas sociais fofoqueiros ficariam fascinados, mas João ficou enfurecido. Ele atacou Herodes como um escorpião do deserto, denunciando aquele casamento como o que de fato era - um adultério.

Herodes podia até ter esquecido tudo isso. Mas não Herodias. A sedutora enfurecida não queria que sua ascensão social ficasse publicamente exposta. Ela disse a Herodes que afastasse João das ruas e o colocasse no calabouço. Herodes desconversou e caminhou em círculos até que ela, num sussurro, lhe fez a exigência. Herodes cedeu.

Mas isso não foi suficiente para sua amante. Ela pôs a filha para dançar perante o rei e seus generais em uma festa só para homens. Herodes, que era tão facilmente ludibriado quando

excitado, prometeu que daria qualquer coisa à bela jovem dançarina.

- Qualquer coisa?

- Pode pedir - disse ele babando.

Ela consultou à mãe, que estava esperando nos bastidores, e voltou com seu pedido.

- Eu quero João Batista.

- Quer um encontro com o profeta?

- Eu quero a cabeça dele - respondeu a bailarina.

E, então, confirmado o pedido com o sinal afirmativo da mãe, acrescentou:

- Em uma bandeja de prata, por favor.

Herodes olhou para as pessoas ao seu redor. Ele sabia que aquilo não era justo, mas sabia também que todos estavam olhando para ele. E ele havia prometido "qualquer coisa". Apesar de pessoalmente não ter nada contra o pregador rural, valorizava mais a opinião pública do que a vida de João. Afinal, o que é mais importante: livrar a cara ou salvar o pescoço de um profeta excêntrico?

A história cheira iniquidade.

João morre porque Herodes cobiça.

O bom é assassinado, enquanto o mau sorri como um louco.

Um homem de Deus é morto, enquanto um homem apaixonado pisca o olho para a enteada.

É assim que Deus recompensa seu ungido? É assim que honra seus fiéis? É assim que Ele coroa os escolhidos? Com um calabouço escuro e com uma lâmina afiada?

A contradição era maior do que João podia tolerar. Mesmo antes de Herodes dar seu veredito, João já fazia a si mesmo

essas perguntas. Suas preocupações só eram superadas em número pelos passos que dava dentro da cela. Quando teve oportunidade de mandar uma mensagem para Jesus, sua pergunta era de desespero:

"Ora, quando João no cárcere ouviu falar das obras de Cristo, mandou pelos seus discípulos perguntar-lhe: És tu aquele que havia de vir, ou havemos de esperar outro?"

Note o que motivou a pergunta de João. Não foi apenas o calabouço nem mesmo a morte. Foi o problema das expectativas não correspondidas - o fato de João estar enfrentando sérios problemas e de Jesus continuar suas atividades normalmente.

É isso que fazem os messias quando surgem dificuldades? É isso que Deus faz quando seus seguidores estão presos?

O silêncio de Jesus foi suficiente para abrir um rombo na represa da fé de João. É você o Messias? Ou estou seguindo o Senhor errado?

Se a Bíblia tivesse sido escrita por uma agência de publicidade, esses versículos teriam sido eliminados. Não é boa estratégia de *marketing* admitir que algum membro do gabinete tenha dúvidas sobre o presidente. Você não permite que histórias como essa vazem quando está tentando apresentar uma frente unificada.

Mas as Escrituras não foram escritas por especialistas em personalidade; foram inspiradas por um Deus eterno, que sabe que todo discípulo passa algum tempo no calabouço da dúvida.

Ainda que as circunstâncias tenham mudado, as perguntas não mudaram.

Elas são feitas o tempo todo, e os fiéis sofrem as conseqüências da falta de fé. Toda vez que uma pessoa dá um passo na direção certa e alguém lhe passa uma rasteira, toda vez que uma pessoa faz o bem e sofre conseqüências ruins, toda vez que uma pessoa assume uma posição e quebra a cara... essas perguntas caem como a chuva:

- Se Deus é tão bom, por que sofro tanto?
- Se Deus realmente existe, por que estou assim?
- O que fiz para merecer tal coisa?
- Deus falhou desta vez?
- Por que os justos são perseguidos?

Em seu livro *Disappointment with God* (Decepcionado com Deus), Philip Yancey cita uma carta que articula o problema de expectativas não correspondidas em toda a sua dolorosa realidade. Meg Woodson perdeu dois filhos por causa de fibrose cística, e a morte de sua filha de 23 anos lhe foi terrivelmente traumática. As palavras abaixo relatam seu sofrimento e dúvidas na tentativa de lidar com o que aconteceu:

Eu estava sentada ao lado de sua cama pouco antes de ela morrer, quando, de repente, começou a gritar. Eu nunca esquecerei aqueles gritos agudos e pungentes. Foi nesse contexto de seres humanos se consumindo [...] que Deus, que poderia ter ajudado, olhou para uma jovem consagrada, pronta a morrer por Ele e para sua glória, e decidiu nada fazer e deixar que sua morte aumentasse o número da horrenda estatística das mortes causadas por fibrose cística. *É verdade* que Deus muitas vezes não move sua mão? *É verdade* que muitas vezes Ele decide nada fazer? *É verdade* que Deus

muitas vezes opta pelo silêncio quando grito a plenos pulmões?

Há algum tempo, levei minha família a uma loja para comprar uma bicicleta para Jenna, minha filha de cinco anos. Ela escolheu uma muito bonita, com rodinhas laterais de apoio. E Andrea, de três anos, decidiu que queria uma também.

Expliquei a Andrea que ela era ainda muito pequena e que estava tendo dificuldade até mesmo com o triciclo, por isso não podia andar de bicicleta. Não fui bem-sucedido; ela queria uma bicicleta. Expliquei que quando ficasse um pouquinho maior poderia ter uma também. Ela simplesmente me enfrentou. Tentei explicar que uma bicicleta grande poderia trazer mais sofrimento do que prazer, mais ferimentos do que alegria. Ela virou o rosto e não disse nada.

Finalmente, respirei sossegado e acreditei que desta vez o pai tinha levado a melhor. Sabe qual foi a reação dela? Começou a chorar bem alto, a ponto de todos na loja poderem ouvir: - Então, eu quero um *novo* pai!

Apesar de serem palavras proferidas por uma criança, elas continham o sentimento de um adulto.

Desapontamento exige mudança de comando. Quando não concordamos com aquele que dá as ordens, nossa reação muitas vezes é como a de Andrea - a mesma de João Batista.

- Ele é mesmo a pessoa certa para esta missão?

Ou, como diz João: "És tu aquele que havia de vir, ou devemos esperar outro?"

Andrea, com seu raciocínio de criança de três anos, acreditava que uma nova bicicleta era o seu ideal. Do seu ponto de vista,

a bicicleta era uma fonte de eterno prazer. E também do seu ponto de vista, aquele que podia conceder-lhe essa "bênção estava parado, sem fazer nada".

João achava que seu livramento da prisão era o que mais importava a todos os interessados. Em sua opinião, era tempo de se fazer justiça e agir. Mas Aquele que tinha o poder "estava parado, sem fazer nada".

Não posso acreditar que Deus fique em silêncio quando um missionário é expulso de um país estrangeiro, quando um crente deixa de ser promovido por causa de suas convicções, ou quando uma esposa crente é maltratada por um marido incrédulo. Esses são três dos muitos itens que entraram na minha lista de oração - todas elas aparentemente não respondidas.

Princípio elementar: nuvens de dúvida se formam quando o calor e a umidade do ar de nossas expectativas se encontram com o ar frio do silêncio de Deus.

Se você ouviu o silêncio de Deus, se foi deixado no calabouço da dúvida, não largue este livro antes de ler o próximo capítulo. Você pode aprender, como João, que o problema não é o silêncio de Deus, mas sim a habilidade humana para ouvi-lo.

DEZESSETE

O Reino pelo Qual Vale a Pena Morrer

"IDE E ANUNCIAI A JOÃO O QUE ESTAIS OUVINDO E VENDO: os CEGOS vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os

surdos ouvem, os mortos são ressuscitados, e aos pobres está sendo pregado o evangelho."

Esta foi a resposta de Jesus à pergunta angustiada de João, formulada no calabouço da dúvida: "És tu aquele que havia de vir, ou havemos de esperar outro?"

Mas, antes de estudar o que Jesus disse, note algumas coisas que Ele não disse.

Primeiro, Ele não ficou zangado. Não deu sinais de aborrecimento. Não gritou, dizendo:

- Que tenho eu a ver com João? Eu já me fiz carne! Já vivi três décadas sem pecar. Permite que ele me batizasse. Que mais ele quer de mim? Ide e dizei àquele ingrato comedor de gafanhotos que estou chocado com sua descrença.

Ele podia ter feito isso (eu teria feito). Mas Jesus não o fez. Sublinhe este fato: *Deus nunca rejeita as questões formuladas por um questionador sincero*. Não rejeitou as de Jó, as de Abraão, as de Moisés, as de João Batista, as de Tomé, as de Max Lucado, nem rejeitará as suas.

Mas note também que Jesus não livrou João da prisão. Aquele que andou sobre as águas poderia facilmente ter mudado o pensamento de Herodes, mas não o fez. Aquele que expulsou demônios tinha o poder de destruir o castelo, mas não o fez. Nenhum plano de batalha. Nenhum grupo de salvamento. Nenhuma espada flamejante. Apenas uma mensagem - uma mensagem do Reino.

- Dizei a João que tudo está andando como planejado. O Reino está sendo empossado.

As palavras de Jesus são muito mais do que declarações do profeta Isaías. São a afirmação de um reino celeste que está sendo estabelecido.

Um reino singular. Um reino invisível. Um reino com três características peculiares.

Em primeiro lugar, é um reino onde os rejeitados são aceitos.

"Os cegos vêem, os coxos andam, os leprosos são purificados, os surdos ouvem."

Ninguém era mais discriminado pela sociedade do que os cegos, os coxos, os leprosos e os surdos. Não tinham valor. Eram feridas cancerosas da sociedade. Eram excesso de bagagem à beira da estrada. Mas a estes a quem a sociedade chamava de escória, Jesus chamou de tesouros.

Em meu guarda-roupa, há um suéter que raramente uso. Está muito pequeno. As mangas estão muito curtas e os ombros muito apertados. Faltam alguns botões, e o tecido está esfarrapado. Eu devia jogá-lo fora. Não há razão para conservá-lo. Eu nunca o usarei novamente. A lógica diz que eu deveria desocupar o lugar e me livrar desse suéter.

Isso é o que a *lógica* diz.

Mas o *amor* não me permite jogá-lo fora.

Algo peculiar sobre esse suéter me faz conservá-lo. O que há de especial nele? Em primeiro lugar, não há nele nenhuma etiqueta. Em nenhum lugar se diz que foi feito na Tailândia, ou que deve ser lavado em água fria. Ele não tem etiqueta porque não foi feito em uma fábrica. Não tem etiqueta porque não foi feito numa linha de montagem. Não é o produto de um empregado anônimo que o fez para ganhar a vida. É a criação de uma mãe dedicada expressando seu amor.

O suéter é singular. Único de sua espécie. Não pode ser substituído. Cada ponto foi feito com cuidado. Cada fio foi selecionado com afeto.

E, apesar de o suéter ter perdido sua utilidade, não perdeu nada do seu valor. Ele não é valioso por causa de sua função, mas por causa de quem o fez.

Isso deve ter sido o que o salmista tinha em mente quando escreveu: "Entreteceste-me no ventre de minha mãe."

Pense nestas palavras. Você foi formado. Você não é um acidente. Você não é uma consequência de uma produção em massa. Você não é um produto de uma linha de montagem. Você foi deliberadamente planejado, especialmente dotado e amorosamente posicionado na Terra pelo Mestre Artesão.

"Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para boas obras, as quais Deus antes preparou para que andássemos nelas."

Em uma sociedade que tem pouco espaço para os segundos violinos, isso é uma boa nova. Em uma cultura onde a porta da oportunidade se abre apenas uma vez e imediatamente se fecha, isso é uma revelação. Em um sistema que classifica o valor humano pelo nível de salário ou pela forma das pernas, podemos dizer que o plano de Jesus é motivo de alegria!

Jesus disse a João que um novo reino se aproximava - um reino onde as pessoas seriam valorizadas não por aquilo que fazem, mas por *aquilo* que são.

A segunda característica do reino é tão forte quanto a primeira: "Os mortos são ressuscitados." A sepultura não tem força.

O ano de 1899 assinalou a morte de dois homens bem conhecidos: Dwight L. Moody, o aclamado evangelista, e Robert Ingersoll, famoso advogado, orador e líder político.

Esses dois homens tinham muito em comum. Ambos foram criados em lares cristãos. Ambos eram excelentes oradores. Ambos viajaram bastante e eram muito conceituados. Ambos atraíram enormes multidões de fiéis. Mas havia uma diferença fundamental entre eles: seu ponto de vista sobre Deus.

Ingersoll era agnóstico e seguidor do naturalismo; não acreditava na eternidade e dava ênfase apenas à vida aqui e agora. Ingersoll fazia pouco caso da Bíblia, afirmando que "o livre pensamento nos assegura a verdade". Para ele, a Bíblia era "uma fábula de mentira". Ele era um forte opositor da fé cristã. Dizia que o credo cristão "era o passado ignorante intimidando o presente iluminado".

Contemporâneo de Ingersoll, Dwight L. Moody tinha diferentes convicções. Ele dedicou sua vida à apresentação de um Rei ressuscitado a pessoas que estavam morrendo. Aceitou a Bíblia como esperança da humanidade e a cruz como ponto central da História. Deixou um legado de palavras escritas e faladas, instituições educacionais, igrejas e vidas transformadas.

Dois homens. Ambos extraordinários oradores e líderes influentes. Um rejeitou a Deus, o outro o aceitou. O impacto de suas decisões pode ser melhor analisado considerando o modo como morreram. Veja como um biógrafo compara as duas mortes:

Ingersoll morreu de repente. A notícia da sua morte chocou sua família. Seu corpo foi conservado em casa durante vários

dias, porque sua mulher não queria se separar dele. Foi, finalmente, retirado por causa da saúde da família.

Os restos mortais de Ingersoll foram cremados, e a reação do público à sua morte foi de completa tristeza. Para um homem que pôs toda a sua esperança no mundo, sua morte foi trágica e veio sem a consolação da esperança [...].

O legado de Moody foi diferente. No dia 22 de dezembro de 1899, acordou para sua última madrugada de inverno. Enfraquecido durante toda a noite, ele começou a falar pausadamente:

- A Terra se distancia, e o céu se abre diante de mim.

O filho, Will, que se encontrava perto, aproximou-se do pai e ficou à seu lado.

- Papai, você está sonhando? - perguntou ele.

- Não, não é um sonho, Will - disse Moody. - É lindo. É como um transe. Se isso é morte, é doce. Deus está me chamando, e devo ir. Não me chame de volta.

A essa altura, a família se reuniu ao redor e, momentos depois, o grande evangelista morreu. Foi o dia de sua coroação, um dia pelo qual ele havia ansiado por muitos anos. Agora ele estava com o Senhor.

Os funerais de Dwight L. Moody refletiram a mesma confiança. Não houve desespero. Os entes queridos se reuniram para cantar hinos de louvor em um culto triunfante de viagem para o lar celestial. Alguns se lembraram das palavras que o evangelista havia falado antes em Nova Iorque, naquele mesmo ano: "Algum dia, vocês vão ler nos jornais que Moody morreu. Não acreditem numa só palavra disso.

Naquele momento, estarei mais vivo do que agora [...] Eu nasci, segundo a carne, em 1837, e nasci pelo Espírito em 1855. O que é nascido da carne pode morrer. O que é nascido do Espírito viverá para sempre."

Jesus fitou os olhos nos discípulos de João e transmitiu-lhes esta mensagem:

- "Dizei a João [...] os mortos são ressuscitados." Jesus não estava indiferente à prisão de João Batista. Ele não era cego ao seu cativo. Mas Ele se ocupava de um calabouço maior do que o de Herodes: o calabouço da morte.

Mas Jesus não havia terminado. Ele anunciou outra mensagem para afastar as nuvens da dúvida do coração de João:

- "O evangelho é anunciado aos pobres."

Anos atrás, eu estava atrasado para pegar um avião que saía do aeroporto de San Antonio. Meu atraso não era muito grande, mas foi o suficiente para meu lugar ser cedido a um passageiro que estava na lista de espera.

Quando a funcionária da empresa aérea me informou que eu havia perdido o voo, procurei usar da melhor maneira meu poder de persuasão.

- Mas o avião ainda não decolou!

- É verdade, mas você chegou tarde demais.

- Eu cheguei aqui antes de o avião decolar; isso é tarde demais?

- O regulamento diz que o passageiro deve chegar dez minutos antes da hora da decolagem do avião. Isso aconteceu há dois minutos.

- Mas, minha senhora, eu preciso estar em Houston hoje à noite!

Ela foi paciente, porém firme.

- Sinto muito meu senhor, mas o regulamento diz que o passageiro deve estar no portão de embarque dez minutos antes da hora marcada da partida do avião.

- Eu sei o que diz o regulamento - expliquei. - Mas eu não estou pedindo justiça; estou pedindo clemência!

Ela não atendeu ao meu pedido.

Mas Deus concede misericórdia. Mesmo que de acordo com o "livro" eu seja culpado, pela graça de Deus tenho outra chance. Mesmo que pela lei eu seja indiciado, pela misericórdia Deus me dá outra oportunidade.

"Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isto não vem de vós, é dom de Deus; não vem das obras, para que ninguém se glorie."

Nenhuma outra religião no mundo prega esta mensagem. Todas as outras exigem o correto desempenho, o sacrifício certo, o canto certo, o ritual certo e a experiência certa. Elas são um reino de trocas e de barganhas. Faça isso, e Deus lhe dará aquilo.

Qual o resultado disso? Arrogância ou medo. Arrogância, se você pensa que o alcançou; medo, se acha que não alcançou o alvo proposto.

O Reino de Cristo é exatamente o contrário. É um reino para o pobre. Um reino onde o título de sócio é *CONCEDIDO*, não *COMPRADO*. Você é introduzido no Reino de Deus. Você é "adotado". E isso ocorre não quando faz muito frio, mas quando admite que *NÃO PODE* fazer o bastante. Você não ganha o reino por algo que faz; simplesmente o aceita. Como

resultado disso, você serve, não por arrogância ou temor, mas por gratidão.

Há algum tempo, li a história de uma senhora que, por muitos anos, foi casada com um marido durão. Todos os dias, ele lhe deixava uma lista de tarefas que deviam ser executadas antes de ele voltar do trabalho. "Limpe o jardim. Junte a lenha. Lave as janelas..."

Se não completasse as tarefas, seria brindada com uma explosão de ira. Mas, mesmo que cumprisse as tarefas, ele não ficava satisfeito; achava sempre do que reclamar.

Depois de muitos anos, o marido morreu. Tempos depois, ela se casou novamente, desta vez com um homem que a mimava com ternura e adoração.

Um dia, examinando a gaveta de papéis velhos, a esposa encontrou duas listas do seu primeiro marido. Enquanto lia a lista, uma lágrima de alegria caiu sobre o papel, como resultado de uma descoberta.

"Eu ainda faço todas essas coisas, e ninguém tem de me obrigar. Eu faço isso porque amo o meu marido."

Esta é a característica peculiar deste novo reino. Seus súditos não trabalham a fim de ganhar o céu; eles trabalham porque vão para o céu. A arrogância e o medo são substituídos pela gratidão e pela alegria.

Este é o reino que Jesus proclamou: um reino de aceitação, vida eterna e perdão.

Não sabemos como João recebeu a mensagem de Jesus, mas podemos imaginar. Gosto de pensar no leve sorriso em seus lábios ao ouvir o que o Mestre disse.

- Então isso é o reino. É isso o que fará o Rei.

Pois agora ele entendeu. Não é que Jesus estivesse em silêncio; é que João estava ouvindo a resposta errada. João encontrava-se preocupado com seus problemas terrenos, ao passo que Jesus resolvia questões eternas.

Vale a pena lembrar disso da próxima vez que ouvir o silêncio de Deus.

Se pediu um companheiro, mas ainda está dormindo sozinha... se pediu um filho, mas seu útero ainda permanece estéril... se pediu uma cura, mas ainda está sofrendo... não pense que Deus não está ouvindo. Ele está! E responde a pedidos que você nem sequer fez.

Teresa D'Ávila revelou profunda compreensão ao orar:

- Não me castigue concedendo o que eu desejo ou peço.

O apóstolo Paulo foi bastante honesto ao escrever: "não sabemos o que havemos de pedir como convém."

O fato é que João não estava pedindo demais. Ele até pediu bem pouco. Pediu ao Pai para resolver o temporário, enquanto Jesus estava resolvendo o eterno. João pediu um favor imediato, enquanto Jesus estava realizando uma solução eterna.

Isso significa que Jesus não se preocupa com a injustiça? Não, Ele se preocupa com as perseguições. Ele se preocupa com as iniquidades, a fome e o preconceito. E Ele sabe o que é ser punido por algo que não fez. Ele sabe o significado da frase "Isto não é justo".

Não era justo que as pessoas cuspissem nos olhos que choraram por elas. Não era justo que os soldados arrancassem pedaços de carne das costas de seu Deus. Não era justo cravar

as mãos que formaram a Terra. E não era justo que o Filho de Deus fosse forçado a ouvir o silêncio de Deus.

Não era justo, mas aconteceu.

Pois, quando Jesus estava sobre a cruz, Deus *nada* fez. Ele virou as costas. Ele ignorou o grito do inocente.

Ele ficou em silêncio quando os pecados do mundo foram colocados sobre seu Filho. E Ele nada fez quando um grito milhões de vezes mais sangrento que o de João ecoou no céu em trevas: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?"

Estava certo? Não. Era justo? Não. Era amor? Sim.

Em um mundo de injustiça, de uma vez para sempre Deus fez o prato da balança pender a favor da esperança. E Ele fez isso ficando em silêncio, para que pudéssemos conhecer o Reino de Deus.

DEZOITO

O Aplauso do Céu

Estou quase em casa. Depois de cinco dias, quatro camas de hotel, 11 restaurantes e 22 xícaras de café, estou quase em casa. Depois de oito poltronas de avião, cinco aeroportos, dois atrasos, um livro e 513 pacotes de amendoim, estou quase em casa.

O avião ressoa. Uma criança chora no banco de trás. Homens de negócios conversam ao meu redor. Um sopro de ar frio me atinge, mas o que importa é o que está diante de mim: o lar.

O lar. Foi meu primeiro pensamento quando acordei hoje pela manhã. Foi meu primeiro pensamento quando descii da última

plataforma. Foi meu primeiro pensamento quando me despedi do meu último hospedeiro no último aeroporto.

Não existe porta igual à de sua casa. Não há melhor lugar para se colocar o pé do que debaixo de sua própria mesa. Não há melhor café do que o de seu bule. Não há melhor refeição do que a de sua própria mesa. E não há melhor abraço do que o de sua própria família.

O lar. A parte mais longa de quando se vai para casa é a última: o avião taxiando para o fim da pista. Eu sempre sou o cara a quem a comissária de bordo manda sentar. Sou o cara com uma das mãos na maleta e outra no cinto de segurança. Aprendi que há um segundo crítico em que posso ficar no corredor da primeira classe antes que as pessoas comecem a se deslocar para a área principal.

Não faço isso em todos os vôos. Somente quando estou indo para casa.

Há um pulsar no coração quando saio do avião. Fico quase nervoso quando subo a rampa. Agarro minha pasta. Meu estômago se contrai. Minhas mãos suam. Entro no corredor como um ator entra no palco. Levanta-se a cortina e o auditório fica em meia-lua. Muitas pessoas vêem que não sou quem elas procuram e passam por mim.

Mas ao lado ouço o grito familiar de duas garotinhas:

- Papai!

Eu me viro e as vejo esfregando o nariz, em cima de cadeiras, subindo e descendo enquanto o homem de suas vidas se encaminha na direção delas. Jenna pára de se balançar para poder bater palmas. Ela aplaude! Não sei quem lhe disse para

fazer isso, mas você pode ter certeza de que não vou lhe dizer que pare.

Por trás delas, vejo um terceiro rosto - da pequenina Sara, de apenas poucos meses de idade. Dormindo profundamente, ela franze levemente a sobrelanceja em reação ao barulho do ambiente.

Aí, então, vejo um quarto rosto: o rosto de minha esposa. De alguma forma, ela encontrou tempo para pentear os cabelos, pôr um novo vestido e um brilho extra. De alguma forma, mesmo cansada e exausta, ela me faz sentir que minha semana é a única coisa sobre a qual vale a pena falar.

Rostos caseiros.

É isso que torna a promessa no final das bem-aventuranças tão maravilhosa: "Alegrai-vos e exultai, porque é grande o vosso galardão nos céus."

Qual é a nossa recompensa? O lar.

O livro de Apocalipse podia ser chamado de o "Livro do bem-vindo ao Lar", pois ele nos apresenta o retrato de nosso lar celestial.

A descrição de João tira o nosso fôlego. O relato que faz da batalha final é dramático. O Bem conflita com o Mal. O Sagrado se encontra com o Pecaminoso. As páginas cheias de gritos de dragões e de fumaça, com as brasas do abismo. Mas, no meio da batalha, há uma rosa. João a descreve no capítulo 21:

Vi novo céu e nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra passaram, e o mar já não existe. Vi também a cidade

santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, ataviada como noiva adornada para o seu esposo. Então, ouvi grande voz vinda do trono, dizendo: Eis o tabernáculo de Deus com os homens. Deus habitará com eles. Eles serão povos de Deus, e Deus mesmo estará com eles. E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram. E aquele que está assentado no trono disse: Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.

O apóstolo João já era um ancião quando escreveu estas palavras. Seu corpo era frágil. A jornada havia cobrado seu preço. Seus amigos já haviam partido. Pedro morrera. Paulo fora martirizado. André, Tiago, Natanael... todos eram figuras remotas de um passado distante.

Eu me pergunto se João, enquanto ouvia a voz do trono, lembrou-se do dia em que ouviu as palavras no monte. Pois são o mesmo João e o mesmo Jesus. Os mesmos pés que seguiram Jesus para o monte havia tanto tempo se preparavam agora para segui-lo novamente. Os mesmos olhos que viram o Nazareno ensinando na montanha o vêem agora novamente. Os mesmos ouvidos que ouviram Jesus falar antes do júbilo sagrado ouvem agora novamente Sua revelação.

Nesse encontro final no alto da montanha, Deus abre a cortina e permite que o guerreiro contemple sua pátria. Quando lhe foi atribuída a tarefa de escrever o que viu, João escolheu a mais bela comparação que existe na terra. A Santa Cidade, diz João, é "como uma noiva ataviada para seu noivo".

O que há de mais bonito do que uma noiva? Uma das vantagens de ser ministro do evangelho é que tenho uma visão privilegiada da noiva quando entra na igreja. E devo dizer que nunca vi uma noiva feia. Já vi alguns noivos que mereciam alguns retoques, mas nunca uma noiva. Talvez seja a aura de brancura que se liga a ela como o orvalho se liga à rosa. Ou talvez seja o diamante que brilha em seus olhos. Ou talvez seja o rubor de amor que colore seu rosto ou o buquê de promessas que carrega. Seja o que for, há a sensação de que, quando vemos uma noiva, estamos diante da mais pura beleza de que o mundo se pode orgulhar.

Uma noiva. Um compromisso vestido de elegância. "Estarei contigo para sempre." O amanhã traz esperança para o hoje. Pureza prometida fielmente entregue.

Quando você lê que nosso lar celestial é semelhante a uma noiva, diga-me, não lhe dá vontade de ir para o lar?

O mundo em que acordei esta manhã poderia ser retratado como uma linda noiva ataviada para o noivo. Seu mundo também poderia ser retratado assim?

Parte do mundo em que acordei estava sofrendo. Um adolescente se suicidou quando o dia começava a clarear. Não deixou nenhum bilhete. Nenhuma explicação. Somente uma mãe emudecida e um pai confuso, que serão para sempre perseguidos por perguntas para as quais nunca encontrarão respostas.

Parte do mundo no qual acordei estava desiludido. Outro líder nacional havia sido acusado de desonestidade. Ele chorou humilhando-se diante do noticiário da imprensa. Há uma

geração, a imprensa lhe teria dado um crédito de confiança. Agora não.

Parte do mundo em que acordei esta manhã está devastada. A garganta de uma criança de três anos foi cortada por seu próprio pai. Um estudante de medicina foi esquartejado e sacrificado em culto satânico. Um marido depois de 30 anos de casado fugiu com outra mulher. (Não, não foi com uma mulher, foi com outro homem!)

Quando você olha para este mundo manchado de sangue inocente e marcado pelo egoísmo, não lhe dá vontade de ir para o lar?

A mim também.

O santo homem do passado nos diz que, quando chegarmos ao lar celestial, Deus enxugará nossas lágrimas.

Quando eu era jovem, tinha muita gente para enxugar minhas lágrimas. Eu tinha duas irmãs adultas que me colocavam debaixo de suas asas protetoras. Tinha uma dúzia de tias e tios. Tinha uma mãe que trabalhava de noite como enfermeira e de dia como mãe, exercendo as mesmas funções com ternura em ambas as profissões. Eu tinha até mesmo um irmão três anos mais velho que de vez em quando sentia pena de mim.

Mas, quando penso em alguém enxugando minhas lágrimas, penso a respeito de meu pai. Suas mãos eram ásperas e calejadas, seus dedos curtos e grossos. E, quando meu pai enxugava uma lágrima, parecia enxugá-la sempre. Havia algo no seu toque que retirava mais do que a gota de dor do meu rosto. Retirava também o medo.

João diz que um dia Deus enxugará suas lágrimas. As mesmas mãos que estenderam os céus tocarão seu rosto. As mesmas

mãos que se fecharam em agonia quando os pregos romanos as atravessaram, um dia tocarão seu rosto e enxugarão suas lágrimas. Para sempre.

Quando você pensa em um mundo onde nunca não há motivo para chorar, não lhe dá vontade de ir para o lar?

"Não haverá mais morte...", diz João. Pode imaginar tal coisa?

Um mundo sem carros fúnebres ou necrotérios, sem cemitérios nem sepulturas? Pode imaginar um mundo sem pás de terra jogadas sobre os caixões? Sem nomes gravados em mármore? Sem funerais? Sem roupa preta? Sem véus negros?

Se uma das alegrias de um ministro do evangelho é ver uma noiva se aproximar do altar, um dos seus pesares é ver um corpo dentro de um ataúde diante do púlpito. Nunca é fácil dizer adeus. Nunca é fácil ausentar-se. A tarefa mais difícil neste mundo é dar um beijo nos lábios frios que não podem beijar. A coisa mais difícil neste mundo é dizer adeus.

No outro mundo, declara João, nunca se diz "adeus".

Diga-me, isso não faz você sentir desejo de ir para o lar?

As palavras mais encorajadoras desta passagem de Apocalipse são aquelas que falam da decisão de Deus: "Eis que faço novas todas as coisas."

É duro ver as coisas envelhecendo. A cidade onde cresci está ficando velha. Estive lá recentemente. Alguns dos prédios estão interditados. Algumas casas foram demolidas. Alguns dos meus professores estão aposentados; outros, já morreram. O antigo cine para onde levava minhas namoradas tem o anúncio "à venda" na marquise, há muito foi superado pelas novas casas que oferecem oito opções ao público. Os únicos visitantes do cinema ao ar livre são ratos e ervas daninhas.

Lembranças dos primeiros encontros com garotas e dos prêmios como estudante do ensino médio estão desbotadas pela chuva interminável dos anos. Namoradas do tempo de ginásio estão divorciadas. Uma chefe de torcida morreu de aneurisma. Nosso meio-de-campo mais veloz está sepultado a poucos metros do meu próprio pai.

Eu gostaria de fazer tudo de novo. Gostaria de poder remover a poeira das ruas. Gostaria de poder andar no bairro conhecido, acenar para os rostos familiares, acariciar os cães amistosos e marcar mais um ponto para meu time no parque. Gostaria de andar de bicicleta pela rua principal e de chamar os comerciantes aposentados para abrir as portas que estão fechadas. Gostaria de fazer tudo de novo... mas não posso.

Minha mãe ainda mora na mesma casa. Não há dinheiro que a faça mudar-se. A casa que parecia tão grande quando eu era garoto, agora parece pequenina. Na parede há retratos de mamãe em sua juventude: seu cabelo castanho-escuro e seu rosto irresistivelmente lindo. Eu a vejo agora, ainda sadia, ainda dinâmica, mas com rugas, cabelos brancos, passos lentos. Gostaria de, num passe de mágica, fazer novas todas essas coisas. Gostaria de vê-la recebendo o abraço forte do vaqueiro da planície, que ela amou e sepultou. Gostaria de remover as rugas de sua pele, retirar os óculos bifocais e restaurar a agilidade de seus passos. Gostaria de fazer novas todas as coisas... mas não posso.

Eu não posso. Mas Deus pode! "Refrigera a minha alma", escreveu o pastor Davi. Ele não reforma; Ele restaura. Ele não camufla a velhice; instaura o novo. O Mestre Construtor pega

o plano original e o recupera. Ele restaurará o vigor, restaurará a alma.

Quando você vê este mundo ficando velho e cansado e lê sobre um lar onde tudo se faz novo, diga-me, você não tem desejo de ir para esse lar?

O que daria em troca de um lar como este? Você preferiria ter alguns bens terrenos em vez de riquezas celestiais? Escolheria uma vida de escravidão às paixões em vez de uma vida de liberdade? Trocaria honestamente suas mansões celestiais por um frágil hotel de segunda classe na Terra?

- "Grande é a vossa recompensa no céu", disse Jesus.

Ele deve ter sorrido quando disse isto. Seus olhos devem ter brilhado, e sua mão deve ter apontado para o céu.

Pois Ele sabia. Foi sua idéia. Era seu lar.

Breve estarei em casa. Meu avião se aproxima de San Antonio. Posso sentir que o avião começa a descer. Os comissários de bordo se preparam. Denalyn está em algum lugar estacionando o carro e apressando as meninas em direção ao terminal.

Logo estarei em casa. O avião aterrissará. Descerei a rampa, ouvirei meu nome e verei seus rostos. Logo estarei em casa.

Você também estará logo em casa. Pode não ter notado, mas você está mais perto do que nunca. Cada momento é um passo naquela direção. Cada vez que respira é uma página virada. Cada dia é um quilômetro marcado, uma montanha escalada. Você está mais perto de casa do que nunca.

Sem que o perceba, seu momento de chegada acontece; você desce a rampa e entra na cidade. Verá rostos que estão esperando por você. Ouvirá seu nome pronunciado por

aqueles que o amam. E, talvez, apenas talvez, por detrás da multidão, Aquele que preferiu morrer a viver sem você tirará suas mãos feridas de sob seu manto celeste e... aplaudirá.